

REVISTA DO MINHO

DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Collaborada por todos os folk-loristas portuguezes e estrangeiros

Director: José da Silva Vieira

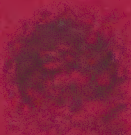
VOL. XXII

PUBLICAÇÃO TRIMENSAL

EDITOR: D. João Gonçalves

Imp. e Impressão: Typ. Esportivista — Espinho

Red. e adm. — Avenida da República



ESPOZINTE

REVISTA DO MINHO — ANO XXI

1914

REVISTA DO MINHO



REVISTA DO MINHO

DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Collaborada por todos os folk-loristas portuguezes e estrangeiros

Director: José da Silva Vieira

VOL. XXII

PUBLICAÇÃO TRIMENSAL

EDITOR—MANOEL BOAVENTURA

Comp. e impressão, Typ. Espozendense—Espozende

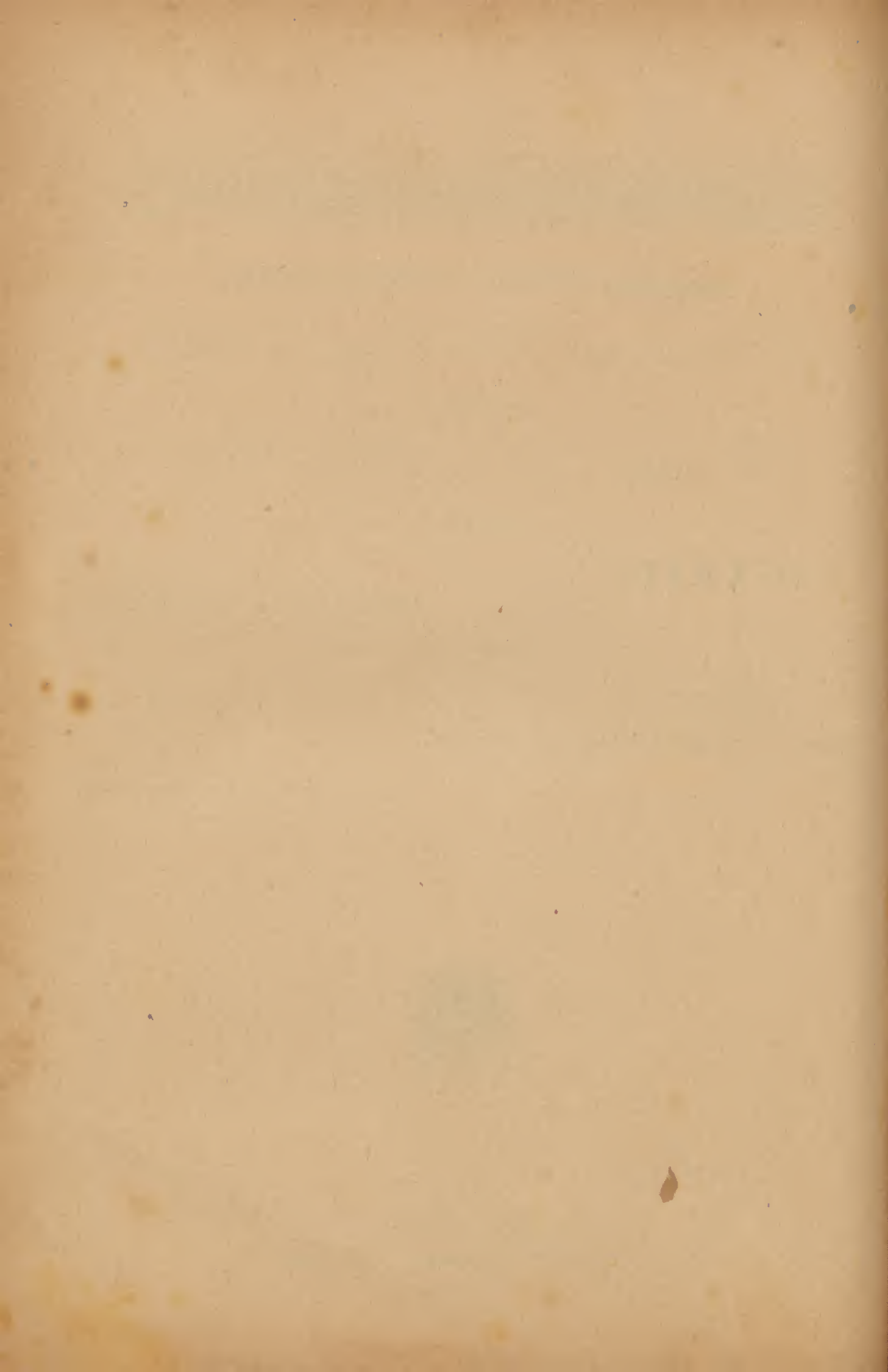
Red. e adm.—Livraria Espozendense



ESPOZENDE

“REVISTA DO MINHO,”—EDITORA

1914





LOCUÇÕES PETRIFICADAS

*P*reâmbulo

O snr. José da Silva Vieira, um inteligente cultor e propagandista do estudo das tradições populares do nosso país, convidou-me lisonjeiramente a trazer para a *Revista do Minho* a série de observações que de ha tempos para cá, venho publicando em *O Povo*, de Viana-do-Castelo, sobre adágios e locuções esteriotipadas da lingua portugûsa.

O estudo da fraseologia portugûsa, embora acentuadamente conjectural como este que vai seguir-se, conduz muitas vezes a erros de observação e de facto que impossível se torna evitar e remediar convenientemente.

O modo de ver de cada observador, a maior ou menor cópia de *documentações*, o conhecimento mais ou menos profundo da

paremiologia geral ou regional, e sobretudo o grau de acuidade de espírito do observador, são factores importantísimos para um trabalho útil e proveitoso, merecedor da atenção dos entendidos, podendo servir como ponto de partida a novas investigações do mesmo género.

Não me parece que os filólogos se tenham dedicado de preferência a estes estudos tão variados e interessantes, se exceptuarmos o douto académico brasileiro snr. João Ribeiro, que em dois belos volumes compillou uma quantidade apreciável de eruditas notas sobre a fraseologia popular. Aqui e ali, muito dispersamente, apparecem investigações avulsas, muito valiosas, por certo, mas carecendo de uma desejável coordenação que lhes desse, pelo menos com referências ou citas, facilidade e rapidez de consulta. Enquanto isto se

não faz, esses estudos parciais tornam-se, por assim dizer, inaccessíveis a quem se propõe investigar as causas determinantes, influências directas e indirectas, acção, derivação e evolução do que poderemos chamar *frases* ou *locuções estereotipadas*.

Muitas vezes, como me tem acontecido, caminha-se ás apalpadelas num terreno que outros percorreram já, talvez com mais firmeza e segura resolução, derivando-se cegamente para caminhos invios, á falta de conhecimento do que outros fizeram.

Este conhecimento seria sempre útil porque assim se proseguiria com ardor no desejo de completar observações apenas esboçadas, de modificar outras com seguros elementos coligidos já, ou abandonar-se-ia de vez o fio de uma investigação quando, observações seguras e definitivas tenham posteriormente indicado a orientação mais aceitável.

Servirá isto, em primeiro lugar, para me penitenciar dos erros e incoerências que nestes breves estudos tenha cometido com relação a certas locuções já posteriormente e com melhor critério estudadas; depois para dizer aos meus leitores o seguinte:

Sei que estes meus despreziosos escritos teem merecido a atenção de meia dúzia de

estudiosos que se dignaram escrever-me louvando-me e incitando-me a prosseguir nesta tarefa. Ha apenas muita amabilidade imerecida nos seus louvôres porque, sendo estes estudos da naturêza dos mais contestáveis pelo seu character conjectural, não logrei ainda o favor de uma contestação ou refutação ás minhas suposições. Isto no entanto seria lógico e ninguem mais que eu o desejaria porque dessas contestações, quando bem intencionadas e inteligentes, tiraria eu proveitosos ensinamentos e novos elementos de estudo.

Ha mais: Os provérbios e expressões que cito teem variantes regionais ou locais que em geral desconheço. O conhecimento dessas variantes ou mesmo de outras expressões que com elas se relacionem ou não, que apresentem mesmo um character absolutamente diverso, ser-me-ia muito proveitoso para correcções, aditamentos e novas investigações.

Tambem e simplesmente os vocabulos ou termos privativos de qualquer região, inteligentemente observados e descritos na sua acepção geral, seja qual fôr a sua naturêza, os usos, costumes e tradições que mais se prendam com as expressões estudadas, são elementos valiosos para a compilação destes breves escritos.

Dito isto, resta-me solicitar a cooperação dos meus leitores inteligentes e estudiosos que, possuindo um pouco de observação, queiram recolher do espírito do povo a filosofia profunda dos seus provérbios e uma parte, dequena que seja, da imensa riqueza do seu vocabulário.

Respondo agora á pergunta que ha menses me fizeram dois amáveis leitores:

Não julgo possuir ainda suficientes e, em geral, sólidos materiais para formar um livro de algum modo útil, embora depois da publicação destes artigos eu tenha reunido e coordenado abundantes notas e observações que me habilitam a refundi-los, amplia-los e documenta-los mais convenientemente mas, acedendo, como dito ficou, ao amável convite do snr. José da Silva Vieira, reuni e modifiquei em parte estes breves estudos destinados á *Revista do Minho*, ums das poucas e apreciáveis revistas folclóricas do nosso país.

Espero ter despertado no leitor inteligente, dado á observação do espírito popular o desejo amável de me auxiliar. Registrar e agradecer com prazer neste lugar todas as informações, por pequenas que sejam, que me

forem enviadas com o seguinte endereço:

ÓSCAR DE PRATT

Azinhaira—BARREIRO

Pintar a manta

Nas minhas «considerações ás *Frazes Feitas* de João Ribeiro», pretendi demonstrar que a expressão *pintar o diabo* se relacionava com a frase *fazer o diabo* ou *fazer o diabo a quatro* que vem do francês: *faire le diable, faire le diable à quatre* (1). *Faire le diable à quatre* tiraram-na os franceses dos velhos *Mystères* em que havia a *grande diablerie à quatre personnages*, cenas infernais, apesar do sentimento religioso predominante, apresentando quatro figurações horripilantes de diabos pavorosos e destruidores.

Assim, *fazer de diabo* ou *fazer o diabo* é «fazer coisas estupidas, que causam admiração e espanto», como se faziam nas *diabruras* dos *Mistérios*. O diabo é sempre um figurão muito extraordinário. . .

Fazer e pintar equivalem-se muitas vezes em significado mas a substituição do verbo poderia

(1) Notifica-me o ilustre romancista snr. Gonçalvez Viana que a expressão vem do italiano: *fare il diavolo a quatro*.

explicar-se pêlo trabalho do caracterizador referido aos figurantes da *grande diablerie*. Tal artista *fazia o diabo a quatro*, isto é, *pintava* (=caracterizavas) em figura de diabo quatro personagens e, como tal, mostrava-se apto para quantas diabruras se movimentassem nas cênas dos *Mistérios*. (1)

Julgo ter mostrado também que, por uma vulgar expansão da fantazia popular, a variante *pintar a manta* se explica por um deslize da personalidade para o adôrno característico:—a capa ou manta,— parte integrante desta figuração de que Rabelais, no *Pantagruel*, faz uma descrição assás pinturêscas.

A *manta* ou *capa*, como pe-

(1) Cf. a acção reflexa do verbo na expressão *Pintar-se!*—«*Eu pinto-me* para estas coisas». Poderá explicar-se por uma regressão ao sentido da frase primitiva, i-é, «caracterizo-me, transfiguro-me mostrando-me perfeitamente em harmonia com o caso» como um *diabo* nas *diabruras*.

Esta justeza na relação entre a personagem e o assunto, expressa pelo verbo *pintar* está designada em outra expressão: *vir pintado*—«vir perfeitamente amoldado ou disposto ao fim que se deseja. Lá o diz Pinto Brandão no *Pinto Renascido*:

«e tudo para ali *vinha pintado*»

[pag. 106.]

trêcho essencial á figuração do diabo na arte cénica desde tempos remotos, obedece a um modelo da fantazia popular expresso na frase proverbial: «o diabo tem uma *manta* e um *chocalho*» citada pelo sr. Teófilo Braga in *Gil Vicente e as Origens do Theatro Nacional* (ed. 1898) pag. 16.

Tentei demonstrar que o *pintar a manta* era apenas um deslize de relação ideológica com a frase-tipo: *pintar* ou *fazer o diabo*. (2) Resta assegurar a relação entre a figura e o adôrno para demonstrar a derivação expon-tânea.

Além da frase citada ha outra que ocorre em alguns ada-

(2) A tantasia popular foi mais longe pois que derivou para outros motivos em que ha apenas a resultado de alargamento ou liberdade de acção. Assim se notam no falar do povo expressões várias com o mesmo sentido: *pintar um burro, o sete, a caneca a macaca, a bréjocira, a gibreira*.

Pintar a gibreira ocorre em uma quadra popular inserta com o n.º 210 no interessante livro dos snrs. Cardoso Martha e Augusto Pinto: *Folclore da Figueira da Foz*:

«Meninas vamos á pandiga
vamos *pintá-l-a gibreira*;
vamos chamar pela Bicha
ou pela Maria Mineira.»

Recolhi esta expressão em Vianado-Castelo.

giários e que explica a primeira: «O diabo cobre com uma *manta* e descobre com um chocalho».

No antiquíssimo modelo dos *Mistérios*, segundo Rabelais, á figuração hedionda do diabo era indispensável a capa ou *manto* assim como o chocalho á *bruit horrifique*.

¿Como se serve esta personagem dos seus atributos senhoriais nas suas relações com a humanidade, conforme a frase acima citada?

Explica-o piedosamente o suavíssimo rei D. Duarte no cap. LXXXVII do *Leal Conselheiro*, e, «pera mostrar como per o inimigo somos tentados», cita um «exemplo per fegura, como per huu spelho, *manta* e pandeiro muytos engana»: Tentando o diabo com o espelho ao cometimento dos erros e pecados,

«todo esto com a *manta* se traballa de cobrir, mostrando que nom ha mal, ou nom tanto que se develeixar» e com o pandeiro faz descobrir «as cousas que prometia seerem muyto encobertas, com mal e perda dos que as fazem.»

Quem tem capa sempre escapa

Costas quentes

A *capa* é a protecção ou favoritismo de que se servem os privilegiados para se livrarem de trabalhos e cuidados.

Claro é que, quem estiver *a coberto*, está livre que o vejam, *escapando* ao cumprimento de devêres a que só os desprotegidos são chamados.

E' esta *capa* que evoca a idéa de «protecção» porque a capa ou manto era símbolo de mando e poderio. (1) Daí, por contágio de idéas, o dizer-se *ter* ou *pôr capa* para exprimir independência ou invulnerabilidade, como afirma o provérbio e como se diz na *Feira de Anxins* (ed. 1875), pag. 108:

«Quer pôr *capa* a vêr se *escapa*.»

Este mesmo pensamento está na *Eufrozina* (ed. 1787), pag. 354, expresso de forma a dar in-

(1) No *Pinto renascido*, soneto 14, diz o jovial Tomás Pinto Brandão, referindo-se ás pompas mundanais:

«Alerta pois, ó tu da *Magna Capa* que tambem a navalha roçadura
Corôas, Mitras e Tiaras rapa».

tensidade á corrupção dos costumes:

«As armas que a ganharão e a honrarão [á nossa terra] converterão-se em leys que a destroem, as demandas são tantas que nenhum traz a *capa* segura.»

Este facto era característico. O bom Jorge Ferreira de Vasconcelos diz isto á conta das «trampas e demandas» jurídicas afirmando a seguir esta grande verdade...do seu tempo:

«de hum ladrão podeis vos defender e de hum legista não, por terem feito dos bons textos contraminas para segurar roubos e destruyr a verdade.»

Nestas condições «nenhum trazia a *capa* segura» efectivamente, e vamos yêr porque motivos:

Na *Arte de Furtar* (ed. 1744-Amsterdam) pag. 37, falla-se nos páis que, para remirem os filhos do duro serviço da guerra,

«offerece cada qual [ao recenseador] os vinte e os trinta cruzados, que não tem, e para os fazer vende até a *capa* dos hombros, e tanto que os dá por baixo da *capa*, logo escapa e livra o filho a título de manco sendo mais escoreito que hum veádo.»

Vinha a ser a *capa* o meio seguro de *escapar* ao cumprimento de certos devêres ou ás «trampas» jurídicas como diz Jorge Ferreira. Na *capa* está pois a idéa de «protecção» com ou sem suborno mas sempre com desaire e vilêza das partes conluiadas.

Por baixo de *capa* se fazem tratantadas e patifarias respeitáveis, e, como isto é de todos os tempos, não admira que perdure a loc. á *socapa*, de *á sob capa*, isto é, «de modo disfarçado, furtivamente.»

Ficam aí elementos que dão a razão por que se diz:

Ter as costas quentes

referidamente ao indivíduo que, fiado na protecção de outro ou outros, se aventura a praticar impunemente atos censuráveis ou a mostrar imprudentemente uma importância pessoal exagerada.

O sentido vem da mesma idéa de «protecção» figurada na *capa* que, lançada pelos ombros, *aquece as costas*.

E' uma conclusão divergente partindo do mesmo ponto.

A frase está na *Arte de Furtar*, pag. 226 com explicação sufficiente:

«Destes ha alguns tão destros que provêm todos os officios em seus criados para lhes pagarem serviços pro-

prios com salarios alheyos e são os peores porque com as *costas quentes* em seus amos procedem affoutos na rapina».

Tambem está no *Adagiário*, de Rolland, (ed. 1841) pag. 106:

«Têr as costas quentes por alguem».

Ficou dito anteriormente que na *capa* está a idéa de «protecção» com ou sem suborno mas sempre com desaire e vilêza das partes conluiadas.

Nem sempre, porém, ha conlúio ou melgueira na protecção, seja dito em abono da verdade. Se temos a «*capa* de ladrões» que traz a idéa de largo favoritismo com avultado prejuizo de muitos, encontramos tambem na linguagem familiar a «*capa* de misericórdia» que é, figuradamente, a pessoa pronta a acudir, por sua bondade, ás adversidades alheias.

Lembre-mos, por exemplo, daquela *capa* de grã que o grego Cyloson ofereceu ao rei Dario. Pretendeu o rei recompensar com ouro a oferta do grego mas este preferiu que elle lhe garantisse total isenção de tributos para Samos, sua pátria.

«Com que, diz o P.^e Manuel

Bernardez, (1) chegou uma *capa* a cobrir toda uma cidade, por se não faltar á virtude do agradecimento de dons, ainda que limitados, filhos emfim da boa vontade, que é a que dá preço aos beneficos.»

Veio pois a ser esta uma das «*capas* de misericórdia ou de bondade», debaixo da qual *escapava* uma cidade inteira ao duro encargo dos tributos.

Vimos que das virtudes protectoras da *capa* veio a antiga expressão *sob capa* ou *à sob capa* que se condensou na loc. adv. moderna: *à socapa*.

Sob capa indicava sempre o disfarce mais ou menos arteiro, como vem na *Arte de Furtar* (ed. 1744), pag. 66:

«O certo he que muitas couzas não se emendão porque se não sabem e não se sabem porque ha unhas que as escondem, porque vivem dellas *sobcapa* de servirem a Sua Magestade, e assim se fazem Reaes.»

Geralmente, porém, a *capa* era, como se exemplificou, a protecção dispensada por conlúio de partes, tendendo ao beneficio mútuo, com prejuizo e engano de terceiros.

Muitas vezes, nestas indró-

(1) *Nova Floresta* (ed. 1909-Bruno), vol. II, pag. 177.

minas, acontece ser o protegido o enganado e outras ainda se dá o caso de «se virar o feitiço contra o feiticeiro».

Destas capas de engano, em prejuizo dos protegidos, ha exemplos que alcançam o tempo do pai Adão e mais da maçã. Não consta, é certo, que Eva sáisse do Paraíso com capa *dernier cri* (dizem *êles*) porque ainda não havia figurinos de Paris, mas o boníssimo rei D. Duarte, no capítulo LXXXVII do *Leal Conselheiro*, dá-nos conta de uma velhíssima manha do Diabo que, em perversidade astuciosa, leva as lampas a quantas maroscas e patifarias a humanidade tem inventado desde a criação do mundo.

Já me referi a esta passagem do livro (2) mas vem mais uma vez a propósito:

E' o caso que, no dizer do bom rei, tentando o Diabo com um espelho os desgraçados mortais ao cometimento de erros e pecados, «todo esto com a *manta* se traballa de *cobrir*, mostrando que non ha mal, ou non tanto que se deve léixar» e logo a seguir, o barzoneiro, com o pandeiro, faz desco-

(2) No artigo *Pintar a manta*, aditamento ae que escrevi no meu opúsculo: «Frazes Feitas», Lisboa 1910.

brir «estas cousas que prometia seerem muyto encoberbas, com mal e perda dos que as fazem (1).»

Por isto se vê que o adágio: *quem tem capa sempre escapa*, falha muitas vezes. Pelo menos com a *capa* . . . de muitos *diabos* que nós conhecemos.

Pois não é verdade?

Segredo da abêlha

Fazer cêra

O *segrêdo da abêlha* ou *segrêdo da abêlha mestra* é o segredo muito recatado, com seus visos de mistério, tirando para melgueira grossa. Diz-se ás vezes irónicamente de qualquer caso sem importância que se pretende ocultar.

A locução em tal sentido parece antiga mas não alcanço mais velhas abonações que a da *Arte de Furtar*, de 1652:

«...ponhamos aqui um capitulo que nos descubra o *segrêdo da abêlha*, o jarrete todas estas unhas.»

[ed. 1744, pag. 195]

E na *Feira de Aneaxins*, de 1650 (?):

«...vamos devagar que o

(3) Pág. 419 da edição de Paris.

assumpto tem seu *segrêdo da abêlha.*»

[ed. 1875, pag. 172]

Claro que este segrêdo alude á fabricação do mel que ainda hoje muita gente julga inexplicável, tendo sempre escapado á observação mais atenta e astuciosa. (1)

Desde remotas eras que a vida interna das colmeias preocupou o espírito humano, envolta no seu mistério impenetrável.

Narra Plínio que um homem passou cincoenta anos a estudar a vida das abêlhas, sem chegar ao conhecimento da verdade. Não ha muito ainda que a apicultura se poude desenvolver racionalmente, firmada em observações científicas, rasgando emfim o véu de mistério que encerrava aquêl admirável mundo laborioso e ordeiro. (2)

(1) E' vulgar contar-se que um curioso construiu uma colmeia de vidro para surpreender o *segrêdo da abêlha* mas que, com pasmo seu, as inteligentes obreiras barraram interiormente a colmeia antes de construirem os favos e lá se foi o ardid do hómio. As colmeias de observação com parêdes de vidro são hoje conhecidas de todos os apicultores.

(2) [Eu próprio, como amator de apicultura mobilista, tenho feito observações interessantissima neste sentido].

Não admira pois que a curiosidade por tantísimos séculos insatisfeita preocupasse a imaginação do homem, a ponto de lhe sugerir na vida prática uma comparação irónica de impenetrabilidade misteriosa.

Da observação atenta da actividade produtiva das abêlhas, resulta tambem, embora parêça um contrasenso, a frase:

Fazer cêra

aplicada aquêles que, momentânea ou temporariamente se entregam á ociosidade.

Não me parece muito antiga a expressão em tal sentido, e seria curioso fixar-lhe a época aproximada do seu *aparecimento*.

Sabe-se que as abêlhas para produzirem a cêra, se acumulam em um determinado ponto do interior da colmeia, ficando imóveis por um certo espaço de tempo até que o mel contido nos estômagos se lhes transforme em cêra. (3)

Esta imobilidade aparentemente improduttiva sugeriu certamente a idéa feliz de a tornar comparável á ociosidade que pretende disfarçar-se.

Porque, em rigor, *fazer cêra* não é tornar-se descaradamente

(3) V. *As Abêlhas*, de Ed. Sequeira.

ocioso. E' saber encobrir, ou antes, cohonestar essa occiosidade com uma falsa apparencia productiva.

Pois não é isto?

Joelho-queimado

A pag. 78 do vol. XIII da *Revista Lusitana* registou o snr. Cláudio Basto a expressão minhôta *joelho-queimado* que, popularmente, designa o «homem casado».

Por citação de um n.º da *Aurora do Lima* de 1876 nota o mesmo estudioso investigador que equivalia a esta em significado a expressão *de joelho queimado*:

«um grupo de mancebos... quasi todos *de joelho queimado*...»

O caso provoca-me uma ligeira observação.

A locução *de joelho queimado* veio provavelmente de outra mais antiga: *joelho furado* (*gio-lho*) que se empregava na mesma facêta acepção, equivalendo *furado* a quebrado, pois era este o antigo sentido do adjectivo.

De *quebrado*, facilmente por corruptela popular ou intensidade irónica se passaria a *queimado* e a expressão *de joelho queimado* que indicava por facécia a característica do estado de um indi-

viduo passou a designar o próprio individuo: «um *joelho queimado*.»

E' licito perguntar como se originou a locução.

Dispensa-nos de mais pesquisas a suposição do Dr. João de Barros no seu *Espelho de Casados*, fol. II, v.:

«D'aqui dizem as moças solteiras quando motejam dos casados: que teem os *gioelhos furados* porque por mais forte e robusto que um homem seja tanto que é casado *quebra* toda sua condiçõ.»

«Negrinha-dos-pés-queimados,» como vem na *Eufrosina*, era o servo fictício; dizia-se por brincadeira (e creio que ainda se diz na lig. fam. de Lisboa) pretendendo-se resalvar a falsidade da afirmativa com uma característica de inutilidade.

Modernamente, da expressão *joelho-queimado* vem o dizer-se que os homens casados *cheiram a chamusco*, como nota Cláudio Basto.

Por este mesmo motivo tambem lhes chamam *chamuscados*.

Mais vale um gosto
que quatro vintens

Supõe o sr. João Ribeiro (1)

(1) *Frases Feitas*, Lisboa, 1909. II, pag. 259.

que esta expressão se explique por uma alusão aos preços elevados dos doces em Lisboa, pelos começos do século XVIII.

D. João V, amante de freiras bonitas e de confeitarias monásticas restituiu ao açúcar o preço primitivo de *oitenta reis* para lisongear a indústria das gulosimas de toda espécie.

A este facto alude Tomás Pinto Brandão no *Pinto renascido*:

«A mim me dou parabens de o ver em bom preço posto e já não direi que hum gosto val mais que quatro vintens.

[pag. 291]

Nas minhas considerações (2) fui contra a opinião do illustre académico servindo-me do próprio texto de Pinto Brandão para mostrar que a frase era já conhecida anteriormente a este facto.

Formulei por minha parte a conjectura, um tanto vaga é certo, de que o provérbio ocultava na sua moralidade um sentido originário pouco delicado, expresso no confronto de duas idéas opostas de «certeza e incerteza», que entra na formação de outros casos paralelos:

(2) «*Frases Feitas*», breves considerações ao livro do sr. João Ribeiro, Lisboa, 1910, pag. 10.

Mais vale um toma que dois te darei.

(=mais vale um *avache*...
V *Ulissipo*, pag. 89)

Mais vale um pássaro na mão que dois que voando vão.

(V. *Ulissipo*, pag. 89)

Mais vale tarde que nunca.

(V. *Adagiario*, de Rolland)

Mais vale só que mal acompanhado.

Mais vale um bom desengano que andar toda a vida enganado.

A versão que, por informação, recolho do Minho:

Mais vale um gosto na vida que três vintens na algibeira

poderia fortalecer a minha conjectura, avigorando a suposição de que os *quatro vintens* representam o penhor de uma virgindade que não vale o prazer da queda...

Esta derivação de um simbolismo monetário para o sentido real, deu lugar a uma mais alta valorisação, necessária á intensidade do confronto. Assim, são frequentes no Minho (Viana), as variantes em que o têmea persiste no quantitativo:

Mais vale um gosto na vida que trinta mil reis—ou trinta libras—na algibeira.

Não me é fácil determinar a época aproximada em que a expressão se formou. Não colhi mais antiga documentação do seu emprego que a do *Pinto Renascido*. Isto leva-me a supôr que, no caso presente, «*tres ou quatro vintens*» é moeda falsa de tão bem fingido toque que tem tido curso livre e insuspeito.

A expressão teria sido outra, bem differente, embora consoante.

Qual seria, não sei. Entretanto não julgo fóra de propósito formular mais uma conjectura... até ver.

Vejam os pois a expressão:

«Mais vale um *visto* que quatro *itens*.»

Item(=*itêm*, do lat. *item*) era na ling. popular, o requerimento, petição ou memorial das partes em litígio, reduzido do formulário jurídico que preceituava tantos *itens* quantas as razões alegadas pelo requerente.

Na *Farça dos Almocreves*, de Gil Vicente, diz o *Fidalgo* ao *Capelão* que lhe dá conta dos serviços prestados. para que *lhe pague sua soldada*:

«Padre, boa conta dais,
Ponde tudo n'hum *item*
e fallae ao meu Doutor
que elle me fallará nisso.»

[ed. 1852, pag. 204.]

Por muitas e boas alegações que o requerente apresentasse em reforço da sua causa, tudo dependia do *visto* da sentença final, tantas vezes injusta, formulada por juizes corruptíveis e néscios, e sempre demorada a ponto de cansar e arruinar as partes.

Na demanda entre o *Cuydur & Suspirar* do *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende, diz a *sentença*:

«É tam bem *vysto* o alegado
infroysmo & sa doutrina...
.....
É *vysto* o mais que salegua
& se mostra pelo feyto...
.....
dygo que *vysto* este feyto
& o que se per elle mostra...»

Assim, mais valia certamente um *único visto*, préviamente preparado pelo suborno, que *três* ou *quatro itens*, i-é, alegações de justiça da parte contrária; como quem diz que a razão do direito se curva sempre à vontade dos juizes.

Nem chuz nem buz

Não dizer *chuz nem buz* o mesmo é que não dizer nada, calar-se; não dizer sim nem não...antes pêlo contrario.

O snr. João Ribeiro, nas suas *Frazes Feitas*-I-pag. 26 deriva *chuz* do lat. *plus*=mais, e de

buz faz um derivado mediato de *bucca*.

«Não dizer chuz» equivale pois a *não dizer mais*—guardar silêncio. Quanto a *buz* parece filiar-se no sentido de uma forma interjectiva que desconheço: *bôca!* determinando e impondo silêncio.

A citação de Simão Machado:

«Sou de dizer que haja *buz*
Se quereis viver em paz.»

e a de Camões:

«Por isso, *buz!* fazei fardo.»

parecem efectivamente justificar esta acepção que afinal vem transtornar o sentido da frase.

Se *buz* equivale a *silêncio*, «não dizer *buz*» poderia, quando muito, significar: «não impôr, aconselhar ou determinar silêncio», vindo assim esta dedução de encontro ao espírito da locução que traduz silêncio absoluto.»

No nosso velho refraneiro encontra-se um provérbio curioso:

«A perro velho não *buz*
buz».

Está na *Ullisipo* (ed. 1787) pag. 20. E no *Adagiário* de Roland (ed. 1841) pag. 99:

«A perro velho não digas
Buz Buz».

Buz aqui não indica silêncio. *Buz* ou *buche* é voz com que se

chamam os cães, e o provérbio indica na sua sábia prudência que se não devem chamar ou ameigar os cães velhos que são sabidos e matreiros e não virão facilmente á mão de um extranho. Lá indica também o adágio antigo:

«Cão velho quando ladra dá conselho.»

Chuz ou *sus*, pelo contrário, pode impôr afastamento, quietação, como lá se diz na *Ullisipo*, pag. 356:

«nem pela vida abrirá despois huma janella porque lhe o pay não diga *sus*».

No utilissimo *Almanaque Garnier*, edição de 1912, a pag. 415 incluí o sr. Raymundo Magalhães uma série de setenta-e-uma locuções por este cavalheiro recolhidas no Ceará e a que chama brasileiras. São geralmente velhos ditados e provérbios portugueses ainda hoje em uso no nosso país.

Entre estes está o n.º 32 que diz:

«Quem quer pegar galinha não diz *chô*».

Não sei se é de origem portuguesa embora assim pareça pela relação ideológica com o outro acima transcripto. Aqui se expressa também um conselho de prudência no sentido contrário do primeiro, apurando-se do

confronto uma relação divergente que poderia explicar suficientemente a estrutura e o espírito da frase: *nem chuz nem buz*.

Sus-chuz-chu-chô e *buz-buche* representam as variantes de duas vozes de sentido contrário. O provérbio toma estes dois elementos na forma interjectiva.

Portanto *não dizer chuz nem buz* significa em rigor «não repelir nem chamar,»=conservar-se indiferente, neutral—não dizer sim nem não—guardar silêncio.

Nem uma nem duas

Na *Revista do Minho*, vol. XIII, n.º 2 (1898) dá-se a origem desta locução no conto *As Orelhas do Abade* que vem a pag. 218 do vol. I dos *Contos Tradicionaes do Povo Portuguez* do snr. Teófilo Braga.

João Ribeiro—*Frazes Feitas*, II, pag. 179—julga também provável que a frase fosse extraída de uma burla da *Silva Curiosa*, de Júlio Medrano, reimpressa por Sbarbi—IX—166, que pode ser a originária.

Não dizer nem uma nem duas indica silêncio absoluto e pendo a crêr que a historiêta se serviu de uma locução já conhecida.

O conto poderia dar curso e intensidade á frase, como por vezes acontece, pois que a pilhéria

provém exactamente do propósito intencional com que aquella foi aplicada. Na linguagem popular e também na literária é vulgar a expressão *nem palavra!* ou *nem uma palavra!* exprimindo silêncio absoluto: «—Que diz êle?—*Nem palavra!* ou *Nem uma palavra!*»

«Não dizer *nem uma palavra*» ou «*nem uma cousa*», no sentido indicado de silêncio é expressão antiga e encontra-se nos mais antigos documentos da lingua. Na *Lenda dos Santos Barlaão e Josafate* aparece frequêntes vezes em passagens como estas:

«teve em pouco as ameaças d'el-rei como se lhe dissesse *nê ùa cousa* com que lhe pesasse.»

«estó tomou a palavra da saude em seu coraçõ e nõ respondeo *nê ùa cousa* »

A forma antiga—*nê hũ* condensou-se em *nenhum* e assim, sem lhe alterar o sentido, modificou a forma da expressão que ainda hoje subsiste em negativas como: *coisa nenhuma* e a forma intensiva *coisíssima nenhuma* e ainda *coisa nem uma* como se ouve uma vez ou outra no norte do país.

«Não dizer *nem uma*,» substituindo-se palavra, razão ou *cousa*, significa «não dizer absolutamente nada» e o artigo, tomado á conta de numeral, evo-

cou na fantasia popular o deslize para outras formas analógicas de quantidade, dentro do sentido da expressão, como: «nem meia,» a par de «nem pio.»

A fórmula *nem . . . nem*, expressa especialmente na frase *nem uma nem outra*, justifica a duplicação conjuntiva como forma intensiva de negação. Naturalmente, tomado o artigo como numeral, lembrou o número *dois* da escala progressiva, dando-se assim uma negativa de maior realce.

«Não dizer *nem uma*»—*ne-nhuma*—*nē bũa* (palavra, razão ou alegação de defeza) já exprimia silêncio, mas a fantasia popular influenciada por outras formas análogas de idéas opostas, tendo *uma*, que é o mínimo, juntou-lhe *duas*, que pode ser o máximo. *Nem uma nem duas* corréponde ideologicamente a *nem pouco nem muito, nem sim nem não*—nada.

—Estar á uma e ás duas

—Não é com duas razões

O número *três*, como o *sête*, é um número de predomínio misterioso nas lendas mitológicas e religiosas, entrando quâse sempre na génese das superstições e tradições populares.

O simbolismo das tríades

míticas ou religiosas actuou certamente sobre o desenvolvimto filosófico, criando uma fórmula simétrica a que se subordinam todas as proposições.

Diz João Ribeiro:

«As razões, alegações, argumentos e pontos de discurso, são sempre *três*. Tudo o que cresce e se desenvolve e acaba é uma curva que a equação *três* representa analiticamente.» (I)

Três razões ou pontos capitais representam pois uma argumentação completa, fechando a curva regular de um pensamento.

Desta regularidade simétrica e definitiva provém certamente esta formulêta composta de dois pontos preparatórios e um decisivo: *um . . . dois . . . três*, que determina a realização de um facto, como que indicando os três pontos de alegação ou razões que o justificam e determinam.

A forma *á uma . . . ás duas . . . ás três*, mais praticada no folclore infantil, é simplificação de outra mais correcta: *á primeira . . . á segunda . . . á terceira*. A' *terceira* razão, alegação, ponto ou argumento decide-se o facto definitivamente

Diz o povo: *ás três o diabo*

(I) *Frazes Feitas*, II, pag. 181.

a fez e repetiu-o um poeta da *Academia dos Singulares*:

«Vai-lhe deitando as maçans,
Larga-lhe uma, larga-lhe outra,
E ás tres o diabo a fez. (2)

Posto isto, é natural que a frase «estar á uma e ás duas» indique uma decisão quâse tomada, faltando apenas as *três* ou a *terceira* razão ou motivo pãra se tornar definitiva e prãtica.

A formulilha do folclore infantil: *um... dois... três* marca, por exemplo, os três tempos ou pontos preparatórios duma corrida. Os que estão á *uma e ás duas* prestes se acham a ini-

(2) *Ibitem*, I, pag. 145. Inúmeros adágios e outras tradições populares falam desta fórmula, como esta que me está lembrando agora:

A' primeira [vez] é graça,
A' segunda passa,
A' terceira é chalaça.

Ao que corresponde este prólogo que vem no *Adagiário* Roland (ed. 1841) pag. 130: «Ao que erra perdoa-lhe uma vez e não três. (a)

V. *Ensaios Ethnographicos*, vol. III, pag. 149-199.

(a) Cp. o dito pop. «tres vezes é moléstia.» *Moléstia* por *molesto* — incomódo, prejudicial. Cp. tambem: «*ás tres tem vez*,» quere dizer: é certo, é decisivo. Inúmeras frases populares se servem desta fórmula.

esta graça que me oje fizet...»

ciar a carreira, esperando apenas o terceiro sinal ou a voz *três*.

E' muito usual a expressão:
não é com duas razões que...

para indicar a insuficiência de argumentação ou alegação do contendor, dando-se a entender que falta ainda *uma razão*—a *terceira*—para que ela se torne completa e decisiva.

Estas *duas razões* são ás vezes suficientes nos leves discursos de dialectica ou simples exposição de factos, como que acomodando a simplicidade á singelêza do assunto, tornando desnecessários os grandes recursos filológicos da retórica que quere três pontos capitais de argumentação ou três razões concludentes.

O povo conserva esta forma simples de alegação na locução: *á uma... e á outra* que substitue a forma culta: *não só... mas tambem*.

Um e outro é expressão que serve pãra designar duas pessoas, coisas ou factos individuais indicados conjuntamente, equivalendo a *ambos*.

A' uma... e á outra veio da tradição da lingua e ocorre em velhos documentos literários como a *Chronica do Condestabre de Portugal* (3)

(3) Edição Mendes dos Remedios, Coimbra 1911, pag. 8.

«E tanto que tal razom ouviu a seu padre ficou como torvado hũ pouco: *á huua* polla vergonha que de seu padre avia e *á outra* por lhe falar em casamento...»

E na *Lenda dos Santos Barlaão e Josafate*: (4)

«... por duas razõs: *a ãa* por te nõ atormentar el rei ascondudamente... e *a outra* po rte dar galardõ por

Na expressão popular moderna *à uma... e à outra* o *a* representa apenas o artigo profecrido com vogal aberta. Cf. a pronuncia de Trás-os-Montes que, em determinados casos, torna aberta a vogal do artigo: «o filho e *ó* pai,» «as cabras e *ós* carneiros,» «as casadas e *às* solteiras.»

Uma também não é aqui a flexão feminina do artigo indefinido mas numeral que está por *primeira*, como vimos;—«*a primeira*»;

«Não quero que vás: *á uma* porque já é tarde e *á outra* porque preciso de ti.»

(4) «*Texto critico da Lenda dos Santos Barlaão e Josafate*, tirado do códice do mosteiro de Alcobaça existente com o n.º 266 na Torre do Tombo em Lisboa e dado a lume por G. de Vasconcellos-Abreu.» Lisboa 1898.—Devo este *in-folio* á amabilidade do snr. Dr. Leite de Vasconcellos.

São as duas razões concludentes, o *primo* e o *secundo* da dialectica. Por isso, os que se não conformam com as alegações do contendor, dizem ás vezes: «*Não é com duas razões* que me convences» ou «isto não vai assim *com duas razões*,» etc.

Às duas por três

Nos *Estudos da Língua Portuguesa*, o finado e douto professor snr. Júlio Moreira, analisando esta expressão, diz:

«Uma locução muito usada, *às duas por tres*, cujo sentido originario deveria ser *duas vezes em tres*, tomou a acepção mais geral de *muitas vezes, frequentemente, a cada passo, inesperadamente*».

E exemplifica:

«*às duas por tres*, quando mal nos precatamos, ahí o temos nós.»

Sem prejuizo de opinião autorizadíssima do illustre filólogo, julgo ser outro o sentido de derivação.

Às duas em três, seria talvez construção sintática mais em harmonia com o sentido dado: *duas vezes em três*, como acontece em outros casos da lingua popular: *de dois em dois dias*, etc.

No caso sujeito, porém, a preposição entre os dois números exprime troca, substituição

ou, melhor, equivalência, como na expressão *a um por um*: «contar *a um por um*», que indica precisão e minúcia.

Tratei no artigo anterior da formulilha praticada no folclore infantil *um... dois... três* ou a variante *à uma... às duas... às três* que representa uma simplificação de ordinais: *à primeira... à segunda... à terceira*.

Vem isto, como ficou dito, das três alegações, pontos ou argumentos em que se condensa o espírito da dialectica: *primo... secundo... tertio*.

Na prática de folclore indica dois pontos preparatórios e um decisivo que marca o início ou a consumação de um facto, pêlo que, como pretendi demonstrar, a expressão *estar à uma e às duas* representa o estado periclitante de uma decisão, como que esperando apenas a voz *três* para se tornar efectiva.

Nesta mesma relação ideológica está a frase *às duas por três* que indica a realização inesperada de um facto, como se êle se praticasse em tempo indevido, *às duas* em vez de *às três*, como seria natural e era de esperar, apanhando-nos pois desprevenidos, *quando mal nos precatamos* ou quando ainda nos preparamos para o receber ou levar a efeito.

Da mesma naturêza sintáctica é a expressão *uma vez por outra*

que se emprega na acepção de «poucas ou raras vezes» deduzida do sentido de «troca ou substituição por erro ou engano» como no caso de *duas por três*.

À chueba calada

O sr. João Ribeiro, a pag. 234 da 2.^a serie das *Frazes Feitas*, apreciando esta locução familiar, fa-la derivar da *chuça-calada*, i-é, «baioneta calada.» Como o «chuço» se espetava no arcabuz ou espingarda, *à chuça calada* significava o ataque sem dar tiro, conseqüentemente silencioso e daí a sua analogia no sentido que a expressão veio a ter: «em silêncio, levar pancada sem dar pio.»

No vol. II dos *Problemas de Linguagem*, pag. 277 o sr. Cândido de Figueirêdo regista a opinião do illustre académico e aplaude-a pela justêza da observação.

Quere-me parecer porém que entre tantas e tão superiormente estudadas conjecturas do sr. João Ribeiro não será esta uma das mais cotadas e dignas de confiança, carecendo sobretudo de fundamento histórico que seria neste caso a base de uma rigorosa e indiscutível determinação.

A expressão corresponde em sentido ao esp. *chiticalla* e á loc. adv. *ir ó andar á la chiticallan-*

do, i-é, «andar silenciosamente; realizar qualquer negócio ou empreza em sigilo, sonegadamente.»

Os léxicos castelhanos registam-lhes a etimologia: de *chito*, interj. que impõe silêncio, e *calar*. É pois um intensivo d'este verbo, como tantos outros,

A *chito*, ou antigo castelhanos *chite*, correspondem as interjeições portuguezas *chite*, *chute*, *chus* (< *sus*) *chis* e *chiche* por desdobramento ou ampliação do som final de *chis* (como *buche*, de *bus*).

No velho portuguez encontramos a forma *chis-calar* ou *chiche-calar* também como intensiva.

Acham-se exemplos no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Rezende:

«Eram vossos tempos autos
nas festas da emperatriz.
mas agora *calar chys*
nem he tempos de crisautos».

Fazer qualquer coisa de *chiscal* ou á *chiscal* (= *chiche-cala*) indicava o silêncio ou cuidado com que se procedia. «Falar de *chiche-cala*» era o mesmo que «falar á boca pequena», como vem nas trovas de Joaquim Fogaça, do mesmo *Cancioneiro*, «sobre o commendador moor de Santiago, que lhe fugio hũ Mouro, & a quantos achava perguntava por ele»:

«Anda mais bravo ã touro,
& a quem fala
pregunta de *chiche cala*,
senhores, vistesmũ mouro?»

Chiche-cala de *chis calar* veio a dar *chuche-cala* por equivalência, de *chus-calar*.

A forma *pela calada* ou á *calada*, que encontramos mais tarde, (1) com significação análoga, explicaria por influência natural do sentido e forma, a derivação do segundo elemento se êle se não explicasse muito naturalmente como participio do verbo, entrando na formação de uma expressão adverbial á *chucha calada*, i-é «em silêncio».

No moderno á *chucha calada* ha apenas no primeiro elemento a variante final por influência da preposição. Com esta variante concorda o segundo elemento da expressão.

(1) No *Pinto Renascido*:

«mas eu cá *pela calada*
digo que em nada dizer,
disse muito, com fazer
hum Soneto mudo e mao»
pag. 289

Na *Arte de Furtar*:

«Offerecco-se o milhano á galinho para ser seu enfermeiro e em cada visita mamava hum pinto *pela calada*».

(pag. 289.)

Um pau por um olho

Sobre esta expressão popular que indica o baixo preço por que se nos oferece qualquer coisa, ou ainda, e mais latamente, a conveniência vantajosa em qualquer situação, conjectura o sr. João Ribeiro (1) que o sentido se não relaciona ao preço mas á evidência: E' o encarecimento habitual dos que insinuam ou mercadejam; é o que *saltu aos olhos e se mete pelos olhos dentro*, e de tal arte que exclui maior exame ou cuidado.»

Nas minhas desvaliosas observações ás opiniões do illustre académico brasileiro, sugeri a idéa de que a preposição neste caso exprime *troca*, como na expressão de sentido e construcção paralelos: *um ovo por um rial*—«dar um pau em troca de um olho (2)».

O *pau* é a insignificância de um custo mínimo, com o *rial*. No *olho* está a valorização máxima que se expressa em outras fórmulas como: *custar os olhos da cara*, *dar um olho ao diabo*, etc. (3).

(1) *Frazes Feitas*, II, 115.

(2) »*Frazes Feitas*,» pag. 9.

(3) O illustre romanista sr. Gonçalves Viana que teve a amabilidade de me dar a conhecer a sua opinião sobre as minhas conjecturas

O sentido das expressões: *saltu aos olhos e mete-se pelos olhos dentro* relaciona-se, sem dúvida, á evidência de determinado facto. E' o que, figuradamente, está tão próximo dos olhos que absorve todos os raios visuais. No entanto, «meter um pau por um olho» não tem a mesma razão semántica, antes poderia indicar cegueira completa e lá me parece que a dedução vem assim em prejuizo do espirito da frase.

«Meter um pau por olho» para fazer *ver*, foi supplicio que escapou a Torquemada e outros illustres e pios varões dos tribunais da Fé.

O povo, na sua paremiologia, respeita os olhos, trata-os carinhosamente porque pensa: *com o olho e com a fé não zombarei* (4). E para mostrar que nenhum corpo extranho deve penetrar nos órgãos visuais tem a expressão *deitar poeira nos olhos* que é o ardil com que se provoca, por conveniência, uma cegueira momentânea, e o expressivo provérbio que conforta a minha dedução: *todos veem o arqueiro no olho do vizinho e*

diz-me que se não conforma com esta interpretação por lhe parecer que a preposição está no sentido do *per* e não do *pro* latinos.

(4) *In Adagiário*, de Rolland.

ninguém vê a tranca no seu.

Mas não basta analisar certas expressões na sua fisionomia corrente, quando elas não oferecem uma segura interpretação.

Muitas se adulteraram, todos sabem, com o uso, tomando character e aspecto diversos das primitivas, quer pela influência de outros vocábulos consoantes mais usuais, quer por se ter perdido a noção do sentido originário.

Estas modificações, contudo, não são radicais. A expressão, muitas vezes, embora transfigurada, conserva em estado latente a feição primitiva que nem sempre se torna fácil descobrir.

Vamos vêr se poderemos analisar esta expressão sob outro aspecto.

O estudo conjectural das locuções populares, embora arriscado, é necessario á observação daquelas cujo character primitivo se alterou. De dedução em dedução, o observador meticoloso consegue ás vezes restabelecer-lhes a feição originária e determinar-lhes o valor histórico.

A expressão que tratamos, tal como hoje se ouve, não é de fácil enterpretação. Estarão deturpados os seus elementos?

Julgo que, pelo menos um dêles, soffreu alteração prosódica: *Olho* estará em lugar de *oiro* e a posposição do artigo a este, como ao primeiro elemento, viria pela

necessidade de determinar o quantitativo abstraído da forma concreta.

No tempo em que para Portugal derivavam os mananciais de oiro do comércio e do saque das conquistas audaciosas, as exigencias faustosas da côrte e a vaidade insaciável da nobrêza despejavam pròdigamente nas fauces da Europa cubiçosa a cornucópia aurifera das estupendas riquezas que, dos mundos longinquos vinham ao Tejo nos porões bojudos das naus do seculo XV.

O oiro e a glória excitavam em delirios perdulários o génio aventureiro de uma raça irriquieta, obcecada no seu sonho de grandeza e poderio. O luxo, as pompas, o fausto de uma côrte brilhante compravam se *a peso de oiro* e oiro corria incessantemente para os mercados da Europa para as embaixadas de uma magnificência espantosa, para a satisfação de todas as vaidades que se pagavam por quantias avultadas.

Julgo que a expressão se formaria nesta época de delirio de de grandezas. O povo sempre miserável e subjugado, vê os desvarios da côrte e estigmatiza-os pelo ridículo. Foi sempre a sua vingança, vigança ás vezes terrível.

O *pau* é a materia infima na industria, em comparação com os metais e as matérias caras. Na

linguagem popular supõe-se que é de *pau* qualquer coisa inutil, inexpressiva, sem valôr: espingardas de *pau*, espadas de *pau*, perna de *pau*, boneco de *pau*, etc.

«Dar *pau por oiro*» era o ideal dos negócios rendosos. Assim o faziam certamente os estrangeiros que vinham a Portugal, trazidos pela cubiça das nossas riquezas e caçando por mil artimanhas da industria de então o oiro puro das conquistas. (1)

Certamente isto impressionava o povo, sisudo filósofo, que pressentia nestes desmandos a sua própria decadencia e talvez que mais o exacerbasse a importação apreciável das madeiras caras da Europa, especialmente de Flandes.

Já um poeta do *Cancioneiro* de Rezende, se queixa, dos desvarios do seu tempo aludindo a este facto:

«Estrangeyros partystando
levam desta nossa terra
oiro, prata,
nossas bolsas alivando
com sa paz nos fazem guerra,
que nos mata.
Levantanse as moedas
quanto mingã nossos fruytos
temporaes
estas praticas azedas

(1) [Subsiste ianda nas camadas mais inculatas a aversão natural pelos progressos da indústria. São coisas da *Estranja*, diz o povo rude de muitas aldeias. . . e até das cidades.]

estes nossos males muytos
sam geeraes.

Assy como vam da nao
todolos outros estantes
nos despenam,
levam ouro, trazem pau,
nossos tratos mercadantes
desordenam.
Por framengos, genoeses
frentyns & castelhanos,
mal nos vindo,
com seus novos antremeses
dãnos trinta mil avanos
vam-se rrindo.

E ahí está como do facto historico de «dar *pau por oiro*» que simbolizava o melhor dos negócios, «a pechincha mercantil», veio a expressão adulterada «um *pau por um olho*» cujo sentido toma ás vezes mais extensão.

Não estar católico

Diz-se em geral do estado de saude ou de espirito de alguem: «F. não está lá muito *católico*, hoje,» i-é não está bom, tem qualpuer indisposição moral ou fisica.

Naturalmente lembra logo por dedução immediata, em materia de religião cristã, que quem não é ou não está *católico*. é ou está *hereje*.

Herejes são os descrentes do catolicismo, os que, segundo a Igreja, estão fora da graça e do favor divinos. Como a heresia

se atribuíam todos os malefícios e todas as desventuras, veio o dizer-se *hereje* no sentido de «desesperado, irado» como possessão do demónio, estado comum aos que «estão fora da graça de Deus.»

Neste sentido registou Moraes a frase em uso no seu tempo: «ficar *hereje*.»

Ainda hoje é corrente no Minho uma forma reversiva —*fazer descrer*— consequência daquela e que se emprega no mesmo sentido de «fazer perder a paciência, as ideias, o tino» —desesperar.

Por este motivo veio a chamar-se *hereje* ao «descrente ou desconfiado.» *Heresia* era e é a desconfiança sem motivo ou descrença, como vem na *Eufrosina* (ed. 1787) pg. 289: «Ora não sejais *hereje* que volo não eide soffrer. . . » «se quizer falar heresias. . . » E a pag. 292: «essa escusa he heretica.»

A alma do *hereje* é a alma tomada pelos horrores de todos os malefícios infernais.

«*Vêr-se hereje*» era o maior desespero em que poderia cair um mortal. Lá se diz na *Ulistipo* (ed. 1752) pag. 135: «Tão *hereje* me vi que se a topara em algum beco determinava furtala,» ou, como dizia Filinto (*Obras X*, pag. 145) falando de Fernão Mendes:

«Palmilhou areiais, rompeu por brenhas,
Largos rios nadou, trepou por serros,
Viu-se areu com leões e crocodilos.»

onde *areu* está por *hereje*. (1)

No *Auto da Historia de Deus*, de Gil Vicente, (ed. 1852) 1, pag. 302, até o próprio Lucifer se *vê hereje* (=espantado, admirado):

«Venho *hereje* do mundo que fez
o Deos lá de cima. . . »

Este estado de espirito que vai da dúvida ao desespero e que se torna peculiar aos *herejes*, também se expressa por outras formas paralelas que evocam as práticas e os anátemas do cristianismo, como estas: —*não se confessar*, para indicar que se deve desconfiar de determinado individuo; —*estar empecado*, referido aos infelizes, aos desastrados, aos desinquietsos, a todos que parecem empolgados pelos maus espiritos.

Não estar católico é pois o mesmo que *vêr-se hereje* = não estar bom de espirito ou de corpo, como quem está fora da graça divina.

Extensivamente applica-se ás coisas: «um colarinho que não está muito católico» i-é, que está sujo, não pode servir, que não está bom, em summa.

Pelo mesmo motivo se diz

(1) V. o meu opusculo «*Frazes Feitas*» — Lisboa, 1911.

graciosamente: *católica*, referindo-se á personalidade do individuo com quem se fala:

«Então como vai essa *católica*?» como quem diz «a sua excelencia» ou coisa equivalente.

Ver-se grêgo

Ver-se grego, como o *ver-se arêu* de que já tratei, o mesmo é que «*ver-se atrapalhado* ou em dificuldades, numa situação critica a que é necessário dar solução rapida.»

Pelas dificuldades de interpretação, em vista do pouco conhecimento que se tinha da lingua grega na idade média, os textos nesta lingua não mereciam grande atenção, passando-os o leitor em claro quando nos livros se incluíam citações ou extractos dos textos gregos. Em tom de axioma se dizia e se diz ainda hoje literariamente: *græcum est non legitur* (é grego não se lê.)

Popularmente o aforismo subsiste em todo o seu vigor sob um outro aspecto, quando se nos depara uma escrita ininteligivel ou quando se nos torna incompreensivel o sentido das palavras de um interlocutor: «isso para mim é grêgo.»

Grêgo é, na linguagem popular, tudo o que é confuso, atrapalhado, ou de difficil interpreta-

ção (1) O axioma medieval resumia-se tambem na fórmula: *græcum est* e indicava a ignorância ou confusão de alguém em face de qualquer assunto que lhe era extranho.

Diz-se no *Anatomico Jocosos*:

«Enfim, uma feira tão *confusa* que parecia *grega*...»

(ed. *Bibl. Univ.*, pag. 30.)

Paralelamente *ver-se grêgo* indica a confusão, atrapalhação ou dificuldades em que alguém se encontra num momento crítico (2).

Despedir-se á francêsa

E' expressão de uso geral em todo o país e emprega-se no sentido de «sair surrateiramente e de modo que ninguém *perceba*» i-é «sem se despedir dos circunstantes.» como disse Tolentino:

«sairemos do improviso *despedidos á franceza*».

(*Sátiras*)

(1) O *latim* não veio depois a gosar de maior crédito. V. o artigo seguinte: *Despedir-se á francêsa*.

(2) Outras expressões paralelas encerram o mesmo conceito:

Ver-se tolo ou *parvo*.

Ver-se doido.

Ver-se arêu.

Ver-se e desejar-se.

Ver-se em maus lençois,

Ver-se em calças pardas.

A expressão tem seu tanto de picaresca, embora pareça representar uma injustiça ás tradições cavalheirêscas do fino espírito gaulês.

Poderá supôr-se antes uma allusão irónica á retirada brusca dos soldados de Napoleão depois da ultima invasão francêsa em Portugal.

O espírito popular que se compraz sempre em estigmatizar com um fundo de ironia mordaz os ridiculos do seu tempo, teria sido fortemente suggestionado pelo seu próprio arranco de energia máscula que punha em descortês debandada o invasôr nefasto, marcando-lhe das comiadas do Bussaco o principio da decadencia do seu grande imperio

E' natural que o facto na sua alta significação sugerisse uma comparação irónica, mas o espirito da locução existia já e o caso historico veio apenas dar-lhe vigorosa intensidade. (1)

A expressão é certamente variante de outra mais antiga: *despedir-se em latim*, como escreveu

(1) Persiste na própria França na fórmula: *filer à l'anglaise*, que tem o mesmo sentido. *Mariage à l'anglaise* é aquella em que os conjuges, por se não *entenderem* mutuamente, fazem vida separada. (V. *L'Argot ou XX siècle*, de Bruant, Paris 1901.)

o cav. de Oliveira na sua interessante carta X:

«O Pequeno foi-se, como costuma, *despedindo-se em latim*.»

(*Cartas*, vol. I, pag. 160)

Despedir-se em latim o mesmo era que «despedir-se de forma que ninguem *compreendesse*» porque, para o povo, que não possui conhecimentos linguisticos, *latim* são todos os textos, discursos ou expressões que não sejam escritos ou preferidos na lingua pátria. *Latins* são tambem as expressões cultas que ele muitas vezes não compreende. (2) E como, logicamente dessa ignorancia resulta muitas vezes desconfiança, veio a classificar de *latim* ou *latins* o artificio palavroso a que tambem chama *labia*, *treta* ou *saia*:

Não ha extranhar esta preferença pelo latim. As ordenações e processos jurídicos que se escreviam e tratavam no latim bárbaro dos primeiros séculos da monarchia passaram mais tarde, no reinado de D. Diniz, quando a decadencia literaria do baixo latim chegou ao seu auge, a ser fei-

(2) O *chinês* e o *grego* vieram tambem a gosar das mesmas virtudes de impenetrabilidade. E' vulgar ouvir-se, mesmo a gente culta: «isto para mim é *grego*» ou «é *chinês*», a par de «é *latim*». (V. o artigo anterior: *Ver-se grego*).

tas em lingua portugueza, atendendo-se as crecentes difficuldades de interpretação das leis do reino (3) A lingua portugueza declarava assim oficialmente a sua emancipação!

E' possivel pois que o episodio histórico da retirada brusca das tropas francezas em Portugal, tantas veses cantada pelos poetas do tempo em versos epigramáticos, viesse exercer influencia sobre o espirito e character da locução, mas não posso por agora afirmar que esta variante não seja anterior ao facto que tratamos.

E' perfeitamente admissivel o deslize na comparação para outras linguas mais conhecidas mas nem por isso mais acessiveis á comprehensão popular. O francês (*oni soit qui mal y pense*) nunca gosou de grande crédito no conceito do povo. Na sinonimia popular *francês* quer dizer «velhaco, impostor, pérfido,» e é até como axioma que se diz: *mais vale ser franco que ser francês.* (4)

(3) Ainda em calão forense *latin* é a giria dos tribunais. (V. A Gíria Portugueza, de A. Bessa).

(4) Ha o *falar português* = falar claro e sem embaraços, em opposição ás *francesias*. Este conceito depreciativo vem de longe. Está na *Practica de oito figuras*, de Chiado:

«A esse tal roer-lhe a trela e ser para elle francez».

(Obras, pag. 5)

Esta péssima reputação vem certamente desde a idade média em que os piratas e corsários francezes cruzavam os mares á espreita das naus que vinham das conquistas e do comércio dos mundos desconhecidos, usando os ardis, os logros e as perfidias da pirataria.

Vem de então a expressão *roupa de francezes* que era tudo o que caía em poder dos assaltantes de uma rapacidade feroz. (5) *Ficar despojado dos francezes* indicava a máxima penuria ou desconforto, como lá se diz na *Uli-sipo*:

«Mas agora que não tenho senão o que furto a minha mãy & me ella dá, & se me não entra uma carta fico despojado dos francezes, mal posso, ainda que queira, sustentar bando contra seus excessos.»

(ed. 1787, pag. 62)

Os francezes tambem eram tidos como bebedores eméritos e nunca o borrachão mereceu confiança. Deste excesso fala por alto o provérbio: *Bem canta o francês, papo molhado.* Tambem Gil Vicente se refere a este conceito:

«beberá sobre um cangrejo as guelas d'um francês.»

(5) *Roupa* tinha significação mais ampla. Eram todas as provisões de vestir ou de comer. V. *Frazes Feitas*, II, 256.

Não é muito pois que o character inofensivo da expressão derivasse para um tal conceito de velhacaria e dissimulação artificiosa, justificando-se assim a variante da fórmula *despedir-se em latim*, para o *despedir-se em francês* ou *à francesa*, persistindo modernamente na petrificação da frase uma insinuação infamante ás tradições gloriosas e cavalheirêscas da França dos meus antepassados.

Se o *despedir-se em latim* veio, como é natural, do sentido da dificuldade de interpretação que offerecia esse idioma já nos fins do século XIII entre as classes menos cultas, apesar de até então ser a lingua official das ordenações do reino, creio que muito contribuiria para o *simile*, como aconteceu em tantos outros casos, o ritual da missa, na fórmula litúrgica final quando o celebrante se retira reverenciando o altar: *it, missa est*.

Despediu-se em latim, i-é, ninguem o compreendeu, e daí a analogia ironica com os que se tiraram sem nada dizer.

Como o latim se tornou privativo das camadas mais nobres e instruidas (1) veio a chamar-se

(1) «Saber latim» indicava elevado grau de cultura. Na *Farça de Ines Pereira*, toda se desvaneca a Mãe falando da filha:

latim á linguagem culta, de estilo elevado, a que hoje o povo chama tambem *politica*—*falar á politica*.

O latim usado nas formas didáticas e especialmente na retorica forense não merecia a confiança do povo, sempre esbulhado nos seus direitos, habituado ás manigâncias da rabula juridica.

Lá o diz um poeta do *Cuncioneiro* queixando-se de três juizes desembargadores:

«querõ salvar uu villão,
querem condenar a mym,
querem tazer per *latym*
do nam ssy, & do ssy nam.»

Empregar o seu Latim ou *perder o seu latim* ainda hoje exprimem o esforço máximo de persuasão, nem sempre decisivo e muitas vezes pérfido, certamente por influencia do baixo conceito em que o povo tinha e tem o artificioso *latinório* dos processos judiciaes.

Latim veio a ser pois toda a linguagem que se torna incompreensivel quer pela elevação das ideias, quer pela cultura da forma, quer pela intenção reservada e ainda pela confusão natural que a nossos ouvidos trazem as

«Huil e ella *sabe latim*
e gramateca e alfaqui
e tudo quant) ella quer!»

Gil Vic. *Obras* III, 126.

linguas extranhas ou deturpadas.

No *Auto das Fadas*, de Gil Vicente, diz a *Feiticeira* a um *Diabo* que lhe fala picardo:

«Dá 6 demo esse *latym*
que não entendo o que he»

Tem a mesma razão semântica o *falar galego* de que tratarei no artigo seguinte.

Falar português

Pela mesma razão por que o *latim* ou o *grego* e ainda o *francês* exprimem no conceito popular «a falta de precisão e clareza nas palavras proferidas ou escritas», o *galego* e o *castelhano* vieram a ter significação parêlha.

Na *Romagem de Agravados*, Marta do Prado pede a Branca do Rego que lhe fale sem subterfugios:

«Para que he *fallar gallego*
senão craro e despachado?»

II, 503.

Deste conceito que, como na referencia ao *latim*, pode ser interpretado ambigualmente, i-é, exprimir tambem o «emprego de um estilo elevado e por isso incompreensível» veio a expressão: *don-te vem a Pedro falar galêgo?* que tomou foros de rifão. Assim se indicava a desconfiada admiração pelas pretensões impró-

prias de determinados individuos.

Acha-se por exemplo, na curiosa *Arte de Furtar*:

«ainda que alguns ha tão advertidos que logo dizem: de donde vem a Pedro fallar gallego?»

ed. 1744, pag. 162.

O castelhano, tido injustamente como lingua mais nobre e mais literária que o português, preponderava nas côrtes de Portugal e dêle se servia a nobrêza do reino que não queria confundir a sua linguagem, no privilégio das castas, com a lingua charra da plebe.

Os poetas e trovadores, su gestionados pelo sonoro ritmo castelhano, sob a influencia da superioridade de uma lingua que se tinha por mais culta, e ainda por espirito de adulação pela nobreza, compunham nessa lingua as suas trovas e os seus cantares, aumentando assim o predomínio do castelhano.

Embora a aproximação fonética das duas linguas fosse ainda um apreciável reflexo do paralelismo que existia pelos séculos XII a XIII, nada justificava este quâse desprezo e aversão que, por criminosa vaidade da nobreza, se votava á lingua patria, tão rica, tão culta e tão elevada como aquela.

Poetas e trovadores, porem, que versejavam com igual facilidade nas duas linguas e admiravam a extrema flexibilidade e elegancia da sua própria, conheciam a injustiça e o erro e bastas vezes o estigmatizaram.

Gil Vicente que, influenciado pelo vicio do seu tempo e talvez mais pela imposição das exigencias da côrte, escreveu no castelhano impecável de Juan de Mena quâse metade dos seus admiráveis *autos*, foi, acima de um soberbo génio de poeta, uma grande alma de portuguezs.

Os seus cantos de guerra, os seus hinos de vitória, os seus amorosos arrebatamentos másculos em louvôr do esforço e da glória da sua Pátria, fazem-no considerar a fúlgida e immorre-doira centelha que, dezenas de annos mais tarde, ia inflamar o facho do génio desse grande épico que se chamou Camões.

Acorrentado pois o seu estro soberano a uma estulta vaidade palaciana, o Poeta não deixou contudo de cauterizar com o ferro candente da sua ironia justiceira esta chaga do seu tempo.

Em várias passagens, como no *Triumpho do Inverno*, se escuta o assômo de revolta da sua alma de portuguezs:

«É porque melhor se sinta
o Inverno vem salvagem
castelhano en su decir;

Porque quem quiser fingir
na castelhana linguagem
achará quanto pedir»

II, 445

Ao *falar castelhano*, ou—*galêgo*, opunha-se, no sentido de «clareza, precisão, verdade,» o *falar portuguezs* que ainda hoje tem o mesmo sentido.

Nuno Pereira, poeta do *Cancioneiro*, castigando com graça o menos preso que certos fidalgos degenerados, regressando da corte de Castela, ligavam ás coisas e aos homens da sua terra, oferece-lhes este salutar conselho:

«*portugues* sempre *falar*
& nam tomar
castelhano sem sabor.»

Na expressão *falar portuguezs* e ainda, *ser portuguezs* (=ser claro e preciso nas palavras e nas acções) está o desafoço da grande alma de um povo, mais contra o afrontoso despreso dos nobres pela sua lingua que contra o caracter de outros povos.

No entanto, contra o francês, moviam-no de longa data o ódio e o rancor, como vimos em um dos artigos anteriores, pelas piratarías dos corsários que vinham dos portos de França, de Honfleur e Dieppe, a pilhar nos mares as suas naus de comércio. A este sentido se refere Gregorio de

Matos nas suas Obras:

«O mais são asnidades
desses que dizem *rodeios*,
porque só por estes meios
se fala bem portuguez;
tudo o mais é *ser frances*
e trazer na boca freios.»

I, 66

Vasconço

Ficou dito que o *falar portuguez* se opunha e se opõe na linguagem popular ao *falar latim castelhano, galêgo, francês e grêgo*, tomado no sentido de «falar com clarêza e precisão», por causa do extranho sóido das outras linguas aos ouvidos do povo.

Determini a razão da preferencia pelos idiomas citados. O contacto com os povos com quem mantinhamos relações comerciais ou belicosas e cujas linguas nos eram desconhecidas ou desagradáveis, originou, como desagravo, quer das afrontas que dêles recebíamos, quer do acolhimento que lhes dispensava a própria nobreza do reino, em detrimento da lingua pátria, este conceito popular, por analogia com o *falar latim* que já vinha de eras mais remotas.

Relendo as *Lições de Philologia Portuguesa* do Dr. Leite de Vasconcelos, encontro a pag. 195 e seg. outras referen-

cias populares com conceitos análogos que me não ocorreram no artigo precedente. São as seguintes:

1) *Ingrezia* da forma ant. *ingrez* = inglês. (1)

2) *Arabia*, propriamente: «lingua arábica», (2).

3) *Algarabia*, como *Arabia*.

4) *Vasconço*. Diz o Dr. Leite de Vasconcellos: «é o nome da lingua que se fala nas Provincias Vascongadas, em parte da Navarra e no *Pays Basque*, e se toma entre nós por «linguagem embaraçada irregular, ininteligível,» citando em nota o dic. de Morais.

Julgo que a palavra é hoje desusada em tal sentido.

Vascuence chamam os espanhóis, figuradamente ao «falar obscuro», i-é, segundo Rodriguez Navas; (3) «lo que está tan confuso y obscuro, que no se puede entender.» A acepção é a mesma que Morais dá a *Vasconço*, citando Barros que julgo ser

(1) E tambem *inglezia*, como no *Foguetario*, de Azevedo Tojal, canto III, est. 30:

«Vendo aquella monifera
inglezia».

(2) No *Cancioneiro Geral*, II:
«e fale mil *aravias*».

(3) *Dic. Compl. de la Lingua Esp.*, Madrid, 1907.

João de Barros, nas Décadas. Vascuence tem pergaminhos de mais remota antiguidade.

As nossas relações directas com as Províncias Vascongadas foram nulas, não se explicando por isso a criação ou popularidade, entre nós, de tal conceito referido a um povo que de forma alguma entrou directamente nas nossas relações quer políticas, quer comerciais.

Se em alguma época o vocábulo se usou em Portugal em tal sentido, devêmos crêr que nos viria da Espanha cuja lingua difere tanto do vasconço como a francêsa, (4) formando aquelle um idioma aglutinativo que só encontra algumas relações de parentêscio no magiar ou hungaro, geograficamente tam afastado.

O estudo das origens e caracter do vasconço preocupou os sábios linguistas desde a idade média. Não se sabia nem se podia penetrar a sua complicada estrutura chegando a passar como aforismo que o estudo desta lingua desorganizava o cé-

rebro mais robusto. Ainda hoje as suas leis numerosas e complexas não são de todo conhecidas.

Os proprios espanhois das provincias do norte mais em contacto com os vascões, não os comprehendem e uma velha lenda castelhana diz que o diabo habitou sete anos naquella região sem chegar a perceber uma unica palavra de vasconço!

Certamente o espirito popular que nos levava a comparar as coisas inintelligiveis ou obscuras ao latim, ao grego, ao castelhana, etc, formava em Espanha este mesmo conceito de uma lingua tam complicada, falada ao norte do seu próprio país.

Da Espanha recebemos pois o *si-nile* desnecessário á riqueza comparativa do nosso vocabulario, que tantos, possuia, e entre eles o do proprio castelhano bastas vezes satirizado pelo génio de Gil Vicente, como no *Triumpho do Inverno*:

«porque quem quizer mentir
na castelhana linguagem
achará quanto pedir»

Obras, II, 445.

Como o outro que diz

E' formulêta que antecede e justifica o anexim popular, autorizando-o com a concepção e aceitação geral.

(4) Cp. a loc. ad. franc.: *il parle le français comme une vache espagnole* = port.: *fala francês como uma vaca espanhola*. *Vaca* é deturpação que já nos vem da expressão francêsa onde *vache* está por por *basque*: *basco* ou *vascão*.

O *outro* é o espírito de observação filosófica do povo que vai aos casos normais da vida buscar o exemplo comparativo de que se tiram conclusões gerais.

A personificação e autonomia dos conceitos expressa-se nesta entidade indeterminada e vaga: o *outro*. É o *homem*, que na linguagem mediaval equivalia a pronome indefinido, empregado sempre em comparações ou conclusões que se applicavam de um modo geral, precedendo a formação e uso do *exemplo*, do *sengo*, do *rifão*, da *palavra*, (1) etc.

Esta forma,—*homem*, *home*, do lat. *homo*, usada em tal caso,—corresponde ao pronome indefinido francês *on* que tem a mesma origem.

O erudito e saudoso professor Júlio Moreira diz, nos seus *Estudos da Lingua Portuguesa* que em outras linguas românicas apparecem tambem formas resultantes de *unus*. A própria lingua portugueza apresenta este caso no falar do Minho em que *um* apparece como complemento, substituindo *homem*, V. g.: «Estas caminhadas causam *um!*»—«Tendo saúde, que mais quer *um?*»

(1) V. *Estudos da Lingua Portuguesa*, Júlio Moreira, pag. 106, nota.

Julgo porém mais provável que esta forma resulte da evolução fonética de *homo*, *ome*, *ôm'*, *um'* (2) e *u* nasalado por influencia do *m*.

Modernamente o sujeito indefinido *homem* passa para as expressões do mesmo character: *a gente*, *uma pessoa*.

Como *homem diz* era a fórmula usual que antecedia ou seguia um conceito, determinando-o. Equivalia a *como se costuma dizer*. Cp. em Gil Vicente:

«Diabo Tornaste tu o mal levado ?
Lavrador. Si, tornei.

E de tudo fiz aquesta

Como *homem diz* avantaíro».

(*Auto da Barca do Purgatorio*)

As expressões populares *cum'* ó *ôtro* que *diz*, ou, *cumo diz* o *oitro* equivalem ao castelhano *como el otro* que *dijo* e ao francês *comme on dit*.

O *outro* é a pessoa indeterminada mas insuspeita, é o *exemplo*, a verdade velha, o *sengo* (lat. *senicus*) (3) o *bom senço*, o *sengo sabichoso*.

Nas *Farsas e Eglogas*, diz

(2) Esta última forma ainda se encontra no falar da Murtosa: *um'*—*ôme*, de *homem*.

(3) V. *Ensaio Ethnografico*, do Dr. Leite de Vasconcellos, vol. IV, pag. 48.

Nas *Farsas e E'glogas*, diz Lucas Fernandez pelos fins do século XV:

«El amor que dice el outro
podemos este decir,
Sin mentir:
Yo por vos, vos por esotro.»

Um feixe de adágios

I—*O mal e o bem á face vem*. Assim está no *Alagiário* de Roland e assim corre na boca do povo. Na *Eufrosina* (ed. 1787) pag. 128, escreveu Jorge Ferreira:

«e vós senhora dizeisme
que zombo, como que está
mal claro em my, que o mal
e o bem na fasce o vem.
Vem=veem.»

II—*Quem lhe doi o dente vai ao dentista*. Na colecção Roland: *A quem doe o dente doe a dentuça*. Na *Eufrosina*, pag. 177 regista-se forma igual. O sr. dr. Leite de Vasconcelos assim o inseriu também nas suas *Lições de Philologia Portuguesa*, pag. 318.

III—*Honra e proveito não cabem num sacco*. *Saco* equivale neste caso a *saque*, e assim se dizia, como na *Eufrosina*, pag. 54:

«Quem ha-de defender
vossa casa de um *saco* ou ba-
taria?»

O conceito do provérbio fica

assim evidente. Não se comprehende, de facto, que um saque possa trazer com o proveito a honra. Não cabem ou não se coadunam ambos com êle porque a honra é incompatível com a violência da extorsão.

Uma variante mais complacente está na *Eufrosina*, pag. 54:

«honra sem proveito, já
sabeis que não cabem num
saco».

O plural do verbo está a indicar que esta variante é meramente ocasional.

O mesmo Jorge Ferreira escreveu na *Ulisipo*, pag. 11:

«muitos que agora se in-
clinão ás minhas artes de
proveito antes que ás da im-
mortal honra: porque diz que
não cabem em um sacco.»

Já então o *saco* do provérbio era tomado na acepção vulgar de boje, para o que muito concorreria a acepção do verbo *cabere* e ainda a locução *meter a sacco*=
«saquear, como vem na *Arte de Furtar* (ed. 1744), pag. 15:

«A verdadeira sciencia he
a das Leys e Canones que
lhes dá caça, *mete a sacco* to-
dos os ladroens...»

A frase está aqui em sentido figurado.

Tambem o galhofeiro Tomás Pinto Brandão diz a pag. 188 do *Pinto Renascido*

«Para meter tudo a saco ou sacar mais da algibeira a sua entrada primeira era offerecendo tabaco.»

Assim se deduziria a acepção do verbo *sacar* no sentido de «tirar, extorquir, etc»=*saquear*.

IV—*De rota batida* ou *abati-la*. *Rota* > *rot'la* > *rótula* era a víseira ou parte do elmo correspondente ao rosto, «Avançar de *rota abati-la*» significaria o arranco veloz do cavaleiro pronto para a luta.

V—*Escuro como um prego*. É expressão antiga. Usou-a, por ex., António Francisco Barata no *Rancho da Carqueja* (ed. 1904), pag. 38.

Nas notas finais observa o autôr que a frase não vem nos dicionários e, não lhe acha explicação

«a não ser pela escuridão da madeira em que o prego entra».

É evidente que a frase está deturpada e que a primitiva seria *escuro como um prego*, em que ha natural relação analógica.

Por mero deslize da fantasia popular se diz ás vezes: *escuro como uma verruma*:

Uma maria-da-fonte

Uma maria-da-fonte é expressão que serve no Minho para

designar uma «desordem, confusão, balbúrdia, desarranjo, banezê, etc.» «Aquele quarto é uma *maria-da-fonte*.» «P'rá môr dumma palheira lebanta aí uma *maria-da-fonte*, que Deus te libbre!» (1)

Das lutas fratricidas que revolucionaram a sociedade portugêsa ai por 1846 surgiu a figura heróica e lendária de uma mulher cuja bravura caracterizou um período bélico da nossa história política. Restam ainda desse periodo que o povo classificou das «guerras da Maria-da-Fonte», poderosas reminiscências de constante intranquilidade, confusão e desordem interna, suggestionando a fantasia popular, com um excessô de pavorosos morticínios e temores de represálias sangrentas que traziam a insegurança e a tumultuosa inquietação de uma desorganisação social.

Certos momentos de anceo-

(1) Na linguagem corrente e ainda na literária evoca-se a personificação lendária da heroína para designar a «mulher destemida e varonil, de génio arrebatado». De uma mulher que em Portimão provocara diversas pessoas e intimara o administrador do concelho a soltar um preso, escreve o *Mundo*, do dia 13 de Setembro de 1912: «Para prestígio da Republica, torna-se necessario que sejam chamadas á ordem estas «Marias da Fonte» de fresca data...»

sa efervescência que agitam o espirito popular através da história, repercutem-se, perdurando na memória do povo, por largos tempos, em formas aforísticas de que se chega a obliterar a noção histórica com a corrupção gradual e incôsciente dos seus elementos, como aconteceu com o rifão moderno:

«Quem tolo vai a Santarem
Tolo vai e tolo vem.» (2)

e ainda outros em que se encontram apagadas referências a períodos de mais intensa agitação da alma nacional.

No espirito do povo francês perdura de tal modo o sentimento de mágua pela espantosa queda do seu poderio imperial, que ainda hoje na ling. popular *un wartloo* significa «uma desgraça, fatalidade, infortúnio.»

A metonímia popular emprega muitas vezes os no-

(2) Esquivando-se D. Fernando a dar batalha a D. Henrique de Castela cujas hostes invadiam o país rapinando e desbaratando as terras e os haveres do povo, «todo seu feito, diz Fernão Lopes, era de Santarem para Coimbra e depois tornar a Lisboa, em guisa que já as gentes traziam por rifão em escarneo, dizendo: exvollo vai, exvollo vem de Lisboa para Santarem.» A forma foi muito alterada mas o conceito conservou-se com a persistencia dos sons. (V. o artigo *vêde-lo vai*).

mes de determinadas pessoas para designar factos que com estas se prendem directamente ou nos quaes a sua acção foi, quer decisiva, quer primordial ou intensa e ainda propositadamente exagerada. Exemplificando: *gilvaz* = «golpe ou cicatriz no rosto» (de Gil Vaz); *carrasco* = algoz (de Belchior Nunes Carrasco, algoz na cidade de Lisboa. V. *Apostilas*, I, 245); *madalena* = mulher chorosa e desgrenhada como a pecadora biblica; *marias-pias* = rolos de cabelo pendendo das fontes, como penteado senhoril, talvez o mesmo que os modernos *mimis* (de Maria Pia, rainha); *inês-de-carasto* = prostituta (3) (de D. Inês de Castro). Cp. também *camões* = cego de um olho, e tantos outros que me não ocorrem. (4)

Dizer a idade

Entre as muitas expressões de mofa com que se castiga o atrevimento de alguém que se

(3) «Chamaram-lhe perdida, que estava arranjada, que era como a do Côxo, e a Carrasqueira, uma cadela sem vergonha; por isso ela não tinha querido casar com o sargento de Bôbeda—recordavam sarcásticos—que estava á espera do frade, a *Inez de Carasto*.»—Camilo. *Eusebio Marcario* (ed. 1897) pag. 33.

(4) V. *Apostilas*, II, 365.

entremete nas conversas de outrem, figura o dito popular: *ninguem lhe pergunta quantos anos tem.*

O abelhudo, assim mal recebido, sabe já que tem de se calar... se estiver para isso.

O dito, afinal de contas, representa uma grossaria que, por muito usada, perdeu com a banalidade a subtileza incivil do conceito originário. (1)

E' costume entre os alveitares avaliar a idade das bestas pela contagem dos dentes, afastando-lhes os lábios e pondo a dentadura a descoberto (2). Isto se costuma fazer também, por brincadeira, ás crianças... e até aos adultos.

A garotice da expressão

(1) Várias expressões populares de uso frequente e inofensivo encerram conceitos mais ou menos grosseiros e muitas vezes imorais:

—Quando alguém espirra diz-se por graça: *temos bom tempo*, fazendo-se maliciosamente alusão ao espirrar dos bodes, o que, na meteorologia da gente do campo, prenuncia *tempo seguro*...

(2) No *Cancioneiro Geral* diz Joam Fogaça, que achara a «mulata do comendador moor ao barco de Sacavem»:

«É que soes dela contente
apostey dous portugueses
& fuy-lhe buscar o dente.
achei que no mes presente
garra certo trinta meses.»

agressiva está exactamente em tomar o intruso como um idiota que, abrindo a boca para falar, só veio afinal a descobrir, os dentes, *mostrando a idade* como qualquer cavalgadura.

Vêde-lo vai, vêde-lo vem...

Tratei já sumariamente este rifão histórico que Fernão Lopes explica na sua *Cronica d'el-rei D. Fernando* como sendo um desforço satirico do povo alvo-roçado pelas invasões castelhanas provocadas pela irresolução do monarca:

«Exvollo vai, exvollo vem,
de Lisboa para Santarem.»

O *Adagiário* de Rolland regista uma variante da fantasia popular: «Vede-la vai, vede-la vem como barco de Santarem».

Outra variante que eu conheço desde pequeno e que julgo conhecida em todo o país, prova que o rifão, castigando os desvairamentos de um rei que collocava o seu povo sob o temor constante das rapinas dos castelhanos, calou profundamente na alma popular de então e veio até nós, deturpado é verdade, mas mais irónico, mais cortante ainda na rudeza do seu conceito.

Talvez por consonância com a forma primitiva o povo diz hoje como estribilho adequado a

um pateta ou lórpa:

Tolo vai, tolo vem
De Lisboa a Santarem

ou então:

Quem tolo vai a Santarem
Tolo vai e tolo vem

Esta variante é já antiga. Registam-na o *Adagiário* de Roland (ed. 1841) a pag. 128:

«Quem tolo vai a Santarem
Tolo vem.»

e o galhoseiro Tomàs Pinto Brandão no *Pinto Renascido* pag. 46:

«que he como Santarem a Academia
donde quem tolo vay tambem vem tolo.»

O minhoto é mais cáustico no seu conceito e interpretando *tolo* por *burro*, que é intensivo de «estúpido», diz:

Burro vai, burro vem
De Lisboa a Santarem

Esta variante vem registada no recente fascículo da *Revista do Minho*, a pag. 171. (1)

A fórmula *ei-lo vai ei-lo vem* foi muito usada, quer repartida nos seus dois elementos de sentido diverso, quer conjunta, co-

(1) Cf. nos *Ensaíos Ethnographicos*, vol IV, pag. 35:

«Quem *burro* vae a Santarem
Burro vae e *burro* vem.»

mo no *Auto das Fadas* de Gil Vicente (*Obras*—ed. 1852—vol. III, pag. 96.

«E ditas as santas palavras
ei-lo Demo vai, ei-lo Demo vem
co'as bragas dependuradas.»

Vêde-lo aí vai, ou *vêde-lo aí vem* são expressões populares muito usuais em Ilhavo, para indicar a chegada ou partida de alguém.

Andar em bolandas ou numa blandina

O meu amigo Júlio de Lemos que muito me auxiliou com o seu belo critério na colheita de minhotismos e de certas locuções regionais, comunicou-me ha tempos que em Parêdes-de-Coura se usava a expressão *andar numa blandina* no mesmo sentido de «andar numa dobadoira», i-é, «azafamar-se ou andar atarefado e de um lado para outro.»

Blandina só por si nada significa em Parêdes-de-Coura, ou terá perdido o significado próprio. Parece-me que alguma relação de sentido ligava o vocábulo ao verbo castelhano *blan-dear-se*—«mover-se de alguma parte'á outra», segundo Rodríguez-Navas, e assim o registei na *Revista Lusitana* (1). *Blandear* virá prova-

(1) Vol. XIV, pag. 149,

velmente de *blando*—frouxo, e assim se explicaria o sentido do verbo.

Mas o snr. Dr. Leite de Vasconcellos recorda-me uma expressão popular que de algum modo se relacionará com esta: *andar em bolandas*. Como a relação de sentido é perfeita, suponho que ambas se expliquem do mesmo modo.

Resta averiguar a origem desta expressão tão popular e que os nossos dicionários não explicam.

O *Nôvo Dicionário* propõe: «de *bola*+*andar*?» o que nada adianta, nem como mera conjectura, que não tem por onde se lhe pegue.

Andar em bolandas veio-nos do espanhol: *en volandas*, i-é, «al aire, ó levantado del suelo y como que vá volando, || fig. e fam. *En elaire, en un instante*» (2).

Volandas é intensivo de **volanda*, por *volante* (do fr. *volant*) que, como termo de mecânica, é a roda grande que serve para manter a uniformidade no movimento das máquinas de vapor. Deu no português antigo: «*bolanda* (3) e no cast. e port. mo-

(2) *Diccionario Completo de la Lengua Española*, Rodriguez-Navas—Madrid, 1907.

(3) *Bolandeira* é a roda do veio vertical nos engenhos de açúcar. (V. Morais).

ernos: *volante*.

O espanto ou admiração que causaria o movimento rápido da *volanda* sugestionaria a imaginação popular em casos de movimento excessivo ou nos baldões inumeráveis a que a má fortuna sujeita os mortais.

Isto se depreende dos versos de Tomás Pinto Brandão no *Pinto Renascido*, pag. 121:

«Eu quero ver em que topa
toda esta minha *bolanda*».

A confirmar esta derivação, pelo que de impressionante havia no facto para a imaginação popular, temos outra expressão e sentido paralelos: «*andar numa roda viva*,» como vem no tomo I das *Cartas* do Cav. de Oliveira (ed. 1855), pag. 154:

«que todas as mulheres, tantas e quantas erão umas taes e quaes que fazião andar os homens em corropio, os Amantes em *dobadoyra* e os maridos em *roda vida*».

Neste excerpto se encontram mais duas expressões fundadas na mesma relação ideológica da primeira, equivalendo-se em sentido: «*andar num corropio* ou *numa dóbadoira*. Talvez que nesta última, como mais antiga, residisse já o espirito da comparação que depois derivou para a *bolanda* com maior intensidade. Nas

mesmas *Cartas* do Cav. de Oliveira, tomo I, pag. 129, encontra-se a expressão:

«e que o fação voltar *em bolandas* para a nossa companhia.»

Na locução minhota o termo *blandina* é um derivado do esp. (*en*) *volandillas* que se emprega na mesma acepção de *en volandas*, supondo-se a existência duma forma portuguesa de sentido paralelo: *numa bolandinha*, donde viria *b'landinha*, *b'landina*.

Emquanto se capa não se assobia

A pag. 414 do bem redigido e útil *Almanaque Garnier* (ed. de 1912) vem uma série de setenta-e-uma «locuções populares brasileiras», como lhes chama o colector, o sr. Raymundo Magalhães, que as recolheu no Ceará. São, na sua generalidade, como disse já, velhas locuções portuguesas que andam nos nossos adagiários, mas ha também por ali materiais que nos são desconhecidos e outros que, levados de cá, tomaram feição local.

Entre estes está a locução 7: *enquanto se canta não se assobia* que é variante do nosso prolóquio: *enquanto se capa não se assobia*.

Poderia ser aquella efectivamente a forma primitiva, explicando-se esta por fácil corrupção do verbo *cantar*. Não ha porém, que eu saiba, nenhum exemplo antigo que abone e justifique esta lição desconhecida em Portugal.

Mais provável é que a versão brasilense represente apenas uma pretenciosa correcção de palavras e de sentido, em face da dificuldade de interpretação que a frase parece oferecer.

Julgo que o prolóquio viria de qualquer facécia ou historieta das muitas que recheiam o nosso folclore.

E' sabido que os capadores de profissão, nas nossas provincias, usam um assobio estrídulo em três ou mais tons, a modo de pregão, oferecendo os seus serviços. Já o diz esta cantiga da Beira:

«Se ouvir's assobiar
não digas que é capador.»

Naturalmente, enquanto o homem executa o seu mistér, não o póde apregoar, como acontece com todos os vendedores ambulantes, e daí o sentido da frase a que qualquer historieta deu curso e que o povo explica a propósito da dificuldade ou impossibilidade de executar dois serviços diversos ao mesmo tempo, tirando proveito de ambos.

A' custa da barba longa

Na minha apreciação ás *Frazes Feitas* do ilustre académico brasileiro sr. João Ribeiro, tentei demonstrar que a melhor lição seria: *á custa da vara longa*, justificando a minha opinião com várias considerações fundadas em textos clássicos.

Dar-se-ia nêste caso, como aconteceu ás *bragas* do provérbio, uma provável substituição pêlo vocábulo popular *barba*.

A ilustre romanista D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, apreciando benevolmente as minhas considerações ás *Fruzes Feit.s*, não concorda com a lição que, da frase acima, apresentei e tentei justificar como mais correcta e racional: *á custa da vara longa*. Dei a minha razão. A ilustre senhora contraria-a dizendo:

«A barba-longa é símbolo da virilidade. A barba-longa, sobretudo a branca, inspira respeito e confiança.

E á custa d'essas barbas-longas se pratica muita velhacaria. V. sabe que os antigos juravam pela sua barba e que d'esse costume ficou a formula: *Por aquetsu*. Sabe que tocar na barba de alguém—arrancar-lhe alguns pelos (mesar la barba) ou tosquiá alguém á força era um crime, ou delicto grave castigado severamente. É talvez se lembre das

barbas de D. João de Castro (V. Freire de Andrade) e das do *Cid Campeador* e das numerosas locuções relativas á sua *barba tan complida, barba velida*, etc. que ocorrem no antigo Poema.

Muitos adagios ocupam-se do tema.

De barba a barba honra se cata: Dei Bart Wachert den Mann, etc.»

Sem embargo desta opinião autorizadíssima continua a minha razão a preferir a forma que modifiquei e justifiquei como sendo provavelmente a forma primitiva.

Por maior respeito e confiança que a barba-longa inspire não ha na verdade um facto histórico que autorize e justifique, dentro da ironia da frase, o deslize da austeridade pâra a corrupção, embora na realidade isto não importe grandemente á gênese das locuções espontâneas.

O sentido da frase á de uma grande vastidão, que não pode ser justificada por um ou outro caso isolado, antes envolveria o conceito injustificado da corrupção das barbas-longas na sua quáse generalidade.

Por outro lado a corrupção dos juizes e magistrados das antigas eras tornou-se proverbial e divulgaram-na doutos e indoutos.

Da curiosa *Arte de Furtar*

extraí um exemplo com que justifiquei a minha lição. Volto a procurar nela um mais frisante argumento que consolida a minha opinião E' do capitulo XVIII, a pag. 339 da edição de Amsterdam:

«Olhay para a vara de um aguazil damninho, parece-vos vaqueta de arcabuz; e ella he espingarda de dous cannos; porque vay por esses campos de Jesu Christo, marãa que encontra, e o melhor carneiro, aponta nelles, e quando volta para casa, acha-os estirados na sua loge, sem *gastar polvora nem dar estouros...*»

A seguir faz-se uma descrição pinturésca dos podêres mágicos da tal vara.

E, *canna de pescar, bêsta de pelouro, cadela de fila, còvado e vara de medir, garavato de colher fruta*, tudo a vara mágica do meirinho pode ser, por sua conveniência e dano alheio, e, como lá se diz «quanto *mais comprida* tanto melhor» porque assim mais regalada e socegradamente viverá o meirinho á *custa da vara longa*.

Gil Vicente que satirizou cáusticamente todos os ridiculos sociais do sey tempo, tocou tambem este ponto com a fina ironia do seu espirito. Fala a Moça que—na *Floresta de Enganos*—ludibriou o Doutor:

Entrae vós e a *vara* não,
Que não quero que cá prenda.

Doutor:

Si, que es «*vara de condon,*»
Que me dá gruesa hacienda:
I aunque ella poco me rienda,
Dame mucha ocasion.

Untar as mãos

Untar as mãos o inesimo é que «gratificar alguem á socapa pãra que *feche os olhos* a um negócio geralmente ilícito, «subornar com peitas», como diz Moraes. Claro que, na filosofia velhaca do provérbio, o *integro* fiscal, pretendendo apanhar a melgueira, nada pode fazer porque esta se lhe escapa como enguia nas *mãos untadas*. (I)

(I) «E tanto que lhe[s] *untão* as mãos com moeda corrente [os agarrados aos agarradores] logo os deixo *escorregar* dellas...»—*Arte de Furtar* (ed. 1744 pag. 38).

A meu ver, o gesto expressivo e inequívoco que consiste em friccionar, leve e rapidamente, o polegar com o indicador, resulta desta mesma idéia de *untura*, como se entre os dedos que tão subtilmente se deslocam, se alastrasse, untuosa, a graxa ou gordura que simboliza o dinheiro, em geral.

A' idéa de *gordura* associou-se, não sei por que motivo, a idéia de *dinheiro*.

Cp. a expressão *rico como um porco*. O porco é o animal doméstico de que se extrái maior quantidade de matérias gordas.

Dêste sentido de *untar*, que redundava sempre em engano, consciente ou não, resultam algumas frases e provérbios.

De *untar as mãos* por uma relação de idéias associadas, veio a frase hoje popular: *dar mantei-* =elogiar, adular, enganar com palavrinhas doces. *Muntei-* = o adulador,—um figurão temível que esconde sempre uma interesseira reserva sob a camada-de-açúcar dos seus louvô-

E desta doçura untuosa e inversa vem o dizer-se: *dar mel nas boças* = «fazer a bôca doce» — que esconde sempre um lóbro inocente ou não. *Mellante* = a intrusão com fina lábia e astúcia persuassiva. Dêstes se diz: «que enganavam os simples melando-lhes o corpo e expondo-as às moscas» (V. Morais). E o *fazer-se mel*, referido aos peccanos que, para agradar peccações e pelas palavras, se deixavam cair no laço que os esmalhões lhes armavam. «Por que fazer mel me comeram as moscas» como lá se diz na *Ulisipo*, de Jorge Ferreira; pag. 65.

Tambem se dizia antigamente: *untar o carro*, no mesmo sentido de *untar as mãos* e bem o explica Sá de Miranda:

«tenho-me eu com *dadivoso*,
untando o carro, andam as rodas...»

[*Ecloga Basto*]

«Untar o carro», no *Adagiário* de Rolland:—*diz-se de quem dá, para facilitar o negocio com que anda*. Pêla mesma razão diz o refraneiro antigo: «quem unta amolenta».

De tantas *unturas* é natural uma consequencia, resultado da lógica dos factos e das idéias: a *pingadeira*. *Pingadeira* são os lucros eventuais e ilícitos de um negócio:

«E' oirol Começa a *pingadeira*! Vês?»

[*Braz. Prazins*, Camilo]

Daí o popular *escorrer*. O ordenado é pequeno, mas com o que *escorre* por fora... vive muito bem.»

O que «*escorre* por fóra» do ordenado «*escorre* para dentro» do bolso do patusco.

No refraneiro antigo encontra-se: *untar as barbas* = comer á farta, lautamente. Assim vem na *Aulegrafia*:

«Ora leva remo, i-vos comer e *untae vossas barbas*.

[pag. 90]

E na *Ulisipo*,

«*Untarei as barbas* no banquête.»

[pag. 101]

A's vezes, certos rascões, simulando largas tenças, *untavam as barbas*, a finjir de fartos, co-

mo o tal que, cheirando a alho, «arrotava postas de pescada».

Simulação convizinha persiste num provérbio popular nos Arcos de-Val-de-Vez (1): «O'sso da *suãu*, barba untada, barriga em vão». Nem sempre a *barba untada* indica barriga cheia, daí o logro dos que se fiam em aparências.

Molhar a palavra

Molhar a palavra, como *matar o bicho*, é o pretexto para beberêtes de vária espécie, geralmente.

«Molha-se a palavra» com vinho e algumas vezes com água, como nos casos em que, por excesso de loquacidade, se torna necessário lubrificar a laringe. Daqui o cuidar-se que a frase se applicaria primitivamente aos oradores, aos que por abundante emissão de sons, se lhes «apegam as gurgumelas» como se diz na *Ulisipo*.

Quere-mé parecer que o caso é outro. Vejamos:

Molhadura é, em determinadas regiões, como o Vale-do-Cóina, «o copo de vinho que o

dono ou arrendatário da propriedade agrícola dá ao trabalhador rural no acto de o contratar para o seu serviço.» A *molhadura* é como que o contrato entre as partes, o selo da escritura que obriga o trabalhador a servir pêlo tempo do ajuste.

Os dicionários registam este vocábulo no sentido necessariamente extensivo de «gratificação» ou «gorgêta» e assim se encontra no *Anatomico Jocosu* em que se fala do Príncipe *Neptuno Marisco* que dava

«a todos a sua *molhadura* porque é perenne a *corrente dos seus favores* . . . »

Molhadura eram também os percalços, isto é, emolumentos ou benesses que determinados individuos auferiam, além dos seus ganhos certos. Assim se pode ver também no mesmo curioso *Anatomico*:

«O Netto foi o primeiro que lhes foi ao couro, de que lhes tirou as correias da condenação e mais as viras que foi a sua *molhadura*.»

Ora, da acepção primeira que ainda hoje subsiste, pelo menos no Vale-do-Cóina, depreende-se que *molhadura* era o acto de *molhar*—e como se tratava (e trata ainda) de firmar um contrato verbal,—*molhava-se a palavra*

(1) Por informação do meu illustre amigo P.^o Himaláia. Posteriormente vim a saber que o provérbio é conhecido também em Viana e provavelmente em outros pontos do Minho.

dada pêlas partes; e a *palavra* («dar a palavra») é ainda hoje, entre gente de bem, um compromisso de honra.

Assim se fechava o contrato sem formalidades jurídicas, á boa paz.

Hoje *molha-se a palavra* entre amigos ou conhecidos que se encontram para firmar tácitamente um contrato de aliança e amisade. . . que ás vezes descamba em desordem, com facadas, prisões e tribunal, em que todos, depois de *molharem a palavra*, *molham* também a sua sôpa.

Amolar as palanganas

Não sei se a frase é usual no país, por isso não é mau ficar de remissa, até ver.

Entretanto, visto que a empregou Camilo na *Corja*, (ed. 1963) pag. 310, (1) no mesmo sentido de «pagar as favas», vejamos:

Palangana, diz-nos, Morais, era um vaso de barro de muita circunferência e pouco pé, talvez uma espécie de alguidar destinado a vários líquidos.

Viterbo deduz do texto de um praso de 1420 que *amolar* pode significar: «compôr e repa-

(1) «Foi o pae e mais o José que me levaram a isso. . . mas quem *amolou as palanganas* fui eu.»

rar as vasilhas em que se recolhe o vinho», deduzido do b. lat. *amola* e *amula* = vaso pâra vinho. (1)

Amolar as palanganas é frase registada e condenada nas *Infermidades da Lingua* por grosseira e imprópria da lingua culta. Pode ser que no seu sentido primitivo ela significasse o serviço pesado da reparação do vasilhame depois de fabricado o vinho.

Enquanto uns bebiam, regalandô o paladar, outros *amolavam as palanganas*, na humildade da sua condição de desprotegidos.

Daí, ironicamente, a aplicação da frase áqueles que respondem inocentemente pêlas culpas ou êrros doutrem. (2)

(1) Madureira Feijó na sua *Orthographia* (ed. 1739) diz-nos que *palangana* é um «vaso de barro largo e grande com figura de tijéla».

No *Anatomico Focoso* (Bibl. Univ.) pag. 110:

«Já uma palangana de cuscos, que tolo ha que lhe não lamba os beiços.»

Em Freixo-de-Espada-á-Cinta, *palangana* é uma «espécie de tijéla ou pequena bacia de barro branco vidrado, com pinturas». «E' loiça *coimbrêsa*», diz a minha informadôra. Também lhes chamam *fontes*.

(2) No *Anatomico Focoso* (ed. *Bibl. Univ.*) pag. 28 encontra-se a expressão *dar ás palanganas* no sentido de «dar ás gâmbias» ou «dar ás de Vila-Diogo» = fugir.

Ter lábia

A pág. 75 do vol. XIII da *Revista Lusitana* incluiu o snr. Cláudio Basto uma série de citações várias tendentes a demonstrar que, ao contrário do que diz Morais (*V. Dicionario da Lingua Portuguesa*) *lábia*, não era termo chulo nem tão pouco se emprega sempre na intenção de enganar, como quere o snr. Gonçalves Viana, (*Apostilas aos Dicionarios Portuguezes*).

A mais antiga citação é extraída da *Orthografia* de Madureira Feijó (ed. 1734): *Lábia* hua certa meiguice no fallar.»

Anteriormente a Frei Luís do Monte Carmelo—*Compêndio de Orthographia* (ed. 1767)—já o auctôr das *Infermitudes da Lingua* (ed. 1759) (1) condenava o vocábulo como impróprio da lingua culta.

O *Nouveau Dictionnaire des Langues Françoise, et Portugaise*, do F. José Marques, (ed. 1758) (2) assim define *babil*: «caquet,

(1) Possuo dois exemplares deste livro em tudo perfeitamente iguaes, denotando que são da mesma impressão. Um dêles porêem tem a data de M. D. C. C. L. X. e o outro M. D. C. C. L. I. X. Não ha diferenças no corpo da impressão.

(2) E' cópia da edição de 1754 destruída pelo tremôr de terra de 1755.

superfluité de paroles. *Lábia*, *superfluitude de palavras*».

Na *Arte de Furtar* (composta em 1652) emprega-se *lábia* no sentido de «loquacidade artificiosa, com intenção de illudir».

O passo da *Nova Floresta*, vol. IV (1726), de Manuel Bernardez, citado por Cortesão (*Subsídios para um Diccionário completo da Lingua Portuguesa*) trata de um embusteiro alquimista francês «omein de meia idade, versado nas sciencias», que conseguiu enganar quatro mercadores espanhois. «O seu engenho era astutíssimo para fingir, a sua lábia mui apta para persuadir.» (D.—Titulo I—§ III). Não sei em que outro passo dos seus escritos Bernardez empregasse o vocábulo. Aqui trata-se de um embusteiro que com «astuto engenho» simulou ter chegado á descoberta do oiro químico e nêsse embuste enredou com a sua *lábia* «mui apta para persuadir» os crédulos ouvintes da sua maranha. Assim se mostra, como diz Bernardez «o ardil com que estes embusteiros encravam os que crêem nelles.»

Não é para admirar que o vernaculissimo escritôr usasse um termo extraído da linguagem popular. Da *Nova Floresta* disse o P.^e José Agostinho de Macêdo: A cada página se acham phrases. se acham palavras não

vistas nem sabidas pelos nossos mais laboriosos dicionaristas.» (*Os Frades*, pág. 71) E no catálogo de autôres e obras com que se autorizou o Dicionário da Academia, se diz de Bernardez: «quando alguma expressão que parece familiar se ajunta á grandeza de suas idéas, ou serve de lhes acrescentar vigôr ou de as tornar, assim, mais sensiveis e fáceis á comprehensão universal.»—(V. edição Chardron. Bruno. Vol. IV—1909—pág. XIV e XV).

Na sua *carta X* ao «Reverendissimo Padre Dom Joseph Augusto», fala o Cavaleiro de Oliveira (*Cartas*,—ed. 1855,—vol. I, pág. 141) de uma prática com illustres damas da côrte de Viana-d'Austria em que êle, referindo-se á belêza das mulheres portuguezas, melindrâra a vaidade das ouvintes. Para atallar os protestos pretendeu fazer crêr que se não referia ás formosas que o escutavam («Deidades gordas, macilêntas, velhas e fracas, como êle diz). Uma delas, percebendo o embuste disse ás outras: «Vede a *labia* com que nos quer dar o mel pelos beiços, depois de nos pôr o sal na moleyra». Acrescente-se que esta carta é toda de termos e locuções da linguagem popular daquelle tempo (1735), «termos chulos, extravagantes e significa-

tivos», como êle explica, para meter em talas um italiano que afirmou poder traduzir na sua lingua «todo e qualquer discurso que se fizer em portuguez.»

Dos exemplos acima citados conclui-se que *labia* é a abundancia de palavras inúteis ou superfluas, doces e meigas, tendendo a persuadir pêla brandura á falta de lógica e de verdade. Daí a «graça persuasiva» a «meiguice no falar—são as palavrinhas doces» que tentam convencer arditosamente. A *labia* é um palavroso artificio de linguagem que, sob uma capa de doçura, esconde o desejo de enredar os incautos, mais ou menos maldosamente.

Morais registou o termo chulo, escudando-se com a *Arte de Furtar* e o conhecimento da linguagem do seu tempo (1813—2.^a edição). E que muito é que o fizesse, se já em 1759 o autôr das *Infermidades da Lingua*, pretendendo baldadamente expungir do linguajar da sua pátria certos plebeísmos inocentes, o condenava como impróprio da lingua culta?

Não alcanço mais antigos documentos em que se ache o vocábulo, nem o encontro nas minhas notas de leitura.

Da doçura das palavras que constituem a *labia*, fala Fernão Lopes na *Chronica d'el-rei D. Fernando* (cap. CV): «E com es-

tas e outras razões foram-lhe poendo o feito pella armada, *buntan'lo-lhe os beijos* com doces palavras de boa esperança...» (1)

Devo notar por fim que a citação de Madureira Feijó não exclui a idéia de que o vocábulo seja um plebeísmo. Éle próprio

(1) O snr. João Ribeiro (*Frases Feitas*—II,—pag. 297) opina por que *armada* esteja em vez de *rama* ou *ramada*. Evidentemente o illustre académico refere-se ao sentido da frase: *pôr pela rama*. *Armada*, porém, era um termo de caça que significava um estratagema de que se serviam os couteiros para levarem as feras ao ponto em que estavam os caçadores. (V. *Dicc. da Academia* citado por Leite de Vasconcellos in *Textos Archaicos*, (ed. 1803 pag. 125).

Na mesma *Chronica de D. Fernando*, cap. XCIX emprega Fernão Lopes o voc. como termo de caça, conforme ficou citado: «Quando a companhia foi toda junta, fez-se muito tarde, porque vinham de longe e depois que o infante partiu (*—dis-tribuiu*) as *armadas* ficou elle com uma d'ellas e mandou pôr os cães a achar...»

«Poer o feito pela armada» o mesmo seria que «dispôr o lôgro ou preparar o terreno arditosamente». E lá vem «as doces palavras de esperança» com que os enviados da rainha D. Leonôr *untavam os beijos* do infante, iludindo-o assim com pérfidos enganos. Era a *lâbia*, a «meiguice no falar», como diz Madureira Feijó.

declara na *advêrtencia* da 3.^a parte da sua *Orthografia* (ed. 1739—2.^a edição?) pag. 160, que não pertence á ortografia «examinar a propriedade com que as palavras significão, nem o que significão» e assim registou: *liv. dente, trêta, pijsio, méco*== (lascivo) *moscar* (-se).

Deitar as mãozinhas de fóra

O conto de *João mais Maria* que o snr. João Ribeiro apresenta como origem deste dito, é o nosso velho conto dos *Dois pequenos e a bruxa* que se encontra a pag. 163 dos *Contos Populares Portuguezes*, coligidos por Consigliéri Pedroso.

Neste conto, os dois pequenos perdidos em uma floresta foram parar á cabana de uma velha bruxa que os encerrou em um caixão com o fim de os engordar para se banquetear depois com a sua carne delicada.

A velha, para saber se êles estavam gordos, pedia-lhes que de tassem os dedinhos para fóra do caixão.

Daqui tira o illustre académico a seguinte conclusão: «Quem *deita as mãozinhas de fóra* está perdido ou o diabo o engana» e remata: «Não convem, consequentemente, *pôr os dedinhos* ou as *manitas* ou as *manguinhas* de fóra.

Parece-me, sem prejuizo de melhor opinião, que nem a conclusão nem o conto se relacionam com o sentido em que o dito é aplicado.

Não ha nenhum perigo de perdição para aquêle que *botu os mãozinhas de fóra*, revelando antes o inesperado atrevimento e desembaraço com que, num dado momento, se sai o individuo timorato ou dissimulado.

Poderia ideologicamente relacionar-se êste com outro modismo minhôto usado nas mesmas circunstâncias: *sair fóra da mão*, ou, mais concisamente: *sair-se*, para explicar a revelação súbita do individuo, mas quere-me parecer que, por mais antiga, a locução: *botur os còrninhos ao sol*, justificará uma outra corrente de derivação.

Assim a frase viria directamente do costume infantil e antigo de incitar o caracol a sair da casca com a cantilêna muitas vezes repetida:

Caracol, caracol,
Deita os *pauzinhos* ao sol.

onde *pauzinhos* ou *mãozinhas* e ainda *manguinhas*, como se diz no Brasil, são donaires que disfarçam outra dição mais corrente: *còrninhos*.

E como êle, o caracol, timorato, muito encolhido, a fingir-se morto—o velhaco!—surrateira-

mente *botu os còrninhos ao sol*, espreitando a mêdo, e se estende depois e deslisa de manso, dá a analogia com a pessoa encolhida, sonsa e dissimulada que, surrâteira e subitamente, se revela, *botando de fóra*, não os *còrninhos*, mas as *mãozinhas*.

Na *Feira dos Anxins*, escreveu D. Francisco Manuel:

«Já vai *deitando os còrninhos ao sol*.»

[pag. 174]

E na *Eufrosina*:

«E por este tempo estou aquy muito conhecido do governador que me faz mil honras, começo *lançar os còrninhos ao sol* assoalhandome do boror do mar»

[pag. 118]

Dois dêdos

Quere o sr. João Ribeiro (1) que, no caso de

Dois dêdos de latim,
Dois dêdos de teologia.

esta medida do saber o mesmo valha que *pitula*. «O sábio antes de responder

«Abre a caixa e tomando nna *pitula*...»

como se diz no *Hissope*, começa a discorrer.»

(1) V. *Frases Feitas*—II—pag. 46.

Não ficou bem explícita pelo illustra académico a relação que possa haver entre a *pitada* que o sábio toma gravemente e os *dois dêdos* da sua ciência.

Dois dêdos é, neste caso, como em todos os outros, uma medida mínima de extensão ou quantidade. Assim, indiferentemente, dizemos:

Dois dêdos de latim
Dois dêdos de vinho
Dois dêdos de cavaco.

A predilecção pelo numeral 2 manifesta-se em outros casos depreciativos como:

«Não vale *dois* caracois ou *dois* patacos.»

No caso de um ou dois *dêdos* de vinho (em um copo) temos o «*dêdo* de mel», como vem no *Anatomico Jocosos* «farei um soneto por um *dêdo* de mel...»

Estas medidas naturais, applicadas em variadas circumstancias, eram e são ainda de uso popular.

Na *Eufrosina*. (ed. 1787) pag. 17, escreveu Jorge Ferreira: «dahi a quererdes fazer proverbios, não ha *dous dêdos*», ou «um passo», como se diz hoje. Com mais propriedade usou Fernão Mendes na *Perigrinação*, vol. II. pag. 210 (edição Brito Rebello): «espadas de mais de tres *dêdos* de largo».

Temos tambem o caso de

«dois dêdos de papel» empregado pelo P.^e Manuel Bernardes na *Nova Floresta*, vol. IV, pag. 241 (ed. 1911=Bruno) e os «dois dêdos de propósito» na carta X (1736) do Cavalleiro de Oliveira—*Cartas* (ed. 1855), vol. I, pag. 134. (1)

E assim se emprega: «um, dois, três, quatro dêdos, mão travessa e palmo» como medidas reais ou figuradas. (2)

(1) Tomás Pinto Brandão, no seu curioso *Pinto Renascido* (ed. 1732) emprega a expressão em dois casos diferentes que mostram no entanto a mesma relação ideológica:

«Mas em Maria, ainda assim acho que Pedro andou néscio, Sabendo que ella sabia de «Cristaes d'Alma» *dous dêdos*»

[pag. 263]

«E talvez que S. Christovão fosse mais alto *dous dêdos*»

[pag. 298]

(2) No vol. IV dos *Ensaioes Ethnographicos* do Dr. Leite de Vasconcellos, vem, a pag. 219, esta adevinha colhida em Felgueiras, e em que ha parte desta escala de medição correntia:

«Fui á devesa
Do meu visinho,
E cortei um páozinho
Que não, tinha *palmo*,
Nem *meio-palmo*,
Nem *dedo*,
Nem *meio-dedo*:
É d'elle fiz um copo
Por onde bebo.»

Na «carta Disparatoria» do *Anatomico Jocosos*, curioso trocadilho de equivalências vocabulares, escreve-se a respeito de uma fantástica donzela: que tinha «uma mão de gral, outra de relógio, os *dédos de medir*, um pé de verso...»

No exemplo de Gregorio de Mattos:

Um *dedo* de grego *outro* de latin,

dá-se figuradamente a medida do saber em cada língua, equivalendo ás *duas letras* deste passo da *Eufrosina*:

«Porque qualquer Bachalaureatus com *duas letras* quer procurar pro Milone ut Cicero...»

Dai o caso de *tér dèdo*, isto é, «ter um pouco de saber ou habilidade», como se diz na *Feira de Anexins* de D. Francisco Manuel: «Diga vossê que *tem dèdo* para tudo.» Extensivamente ás vezes quere dizer «habilidade e saber com abundância.»

Parece-me pois provado que é desnecessário tentar relacionar os *dois dèdos a pitada*, como medida do saber, visto que o *dèdo*, —como a polegada e o palmo, —se aplicam amiude no uso popular.

Calado como um pêto

Este ditado minhôto equivalente ao *calado como um rato* do centro do país (Lisboa) e *calado como uma cobra*, do Brasil, formou-se pela necessidade popular de dar intensidade ao participio de *calar* no sentido de «guardar silêncio».

O sentido do verbo não se coaduna porém em absoluto com a comparação e o sr. João Ribeiro opina por que o símile venha do silêncio com que as cobras agrirem ou se defendem dos que as atacam, citando o *Eclesiastes* no ponto que começa: *Si mordeat Serpens in silentio...* para mostrar que elas se comparam aos caluniadores.

Notemos porém que neste, como em outros casos semelhantes, o verbo *calar* apresenta um significado duplo, dando á frase um sentido ambiguo.

Calar significou antigamente «aprofundar, fender, abrir, penetrar» e ainda hoje em alguns casos assim é tomado, como: o «*calado* dos navios» que é a parte submersa, occulta; «*calar* o melão»; a chuva *calou* a terra»; etc. (1)

Desta acepção de «aprofundar e penetrar» derivou-se ex-

(1) Em Bernardez: «vestidos calado pela chuva». Cito de memória.

tensivamente o sentido de «ocultar, esconder» que aparece na frase truncada: *nabos em sacco*, para indicar «manigâncias ou traçoias occultas», sentido extraído de qualquer facécia ou historiêta, caso vulgaríssimo. O ditado completo é *calado como nabos em sacco* e assim vem no *Anatômico Jocosos*, na Novela Disparatória:

«só um mudo a tudo guarda silêncio: também é razão que eu o tenha; assim me calo como nabo em sacco.»

A' mesma historiêta se ligará a frase: *tirar nabos da púcara* para indicar as artimanhas de que se servem aqueles que desejam conhecer um segredo ou coisa oculta. Para castigar o indiscreto «*calaram os nabos no sacco*».

Adeante.

Nas frases: *calado como um pêto, como um rato* ou *como uma cobra*, o verbo, aparentando o sentido de «guardar silêncio» tem realmente o de «ocultar, esconder» e assim se compreende que, para a comparação, dentro da frase, o particípio signifique «oculto», mas a frase em si exprima apenas a intensidade do sentido de «silêncio».

Estas locuções equívocas ou ambíguas não são raras no gosto popular. Cf. os provérbios:

A mulher e o melão calado é o melhor, Mais vale um gosto que quatro vintens, etc.

Algumas mais, muito curiosas se encontram no belo livro do sr. João Ribeiro.

Matabicho ^(a)

E' geralmente a bebida que se toma *em jejum*, pela manhã. *Matar-o-bicho* é pretexto para beberêtes de qualquer naturêza, entre os afeiçoados.

O *Nôvo Dicionário*, sob o voc. *Bicho*, regista «*matar o bicho* (pop.) beber aguardente ou outra bebida alcoolica antes de almoço.» No lugar próprio insere *matabicho* como termo brasileiro, significando: «um gole, que se toma, de qualquer bebida alcoolica.»

Nos *Subsídios para um Dicionário completo da Língua Portuguesa* (1900) inseriu Cortesão «*mata-bicho*: Pop. Aguardente, licor, café, etc., que se toma de madrugada, em jejum, principalmente no inverno».

Mas não se limita a isto a accepção do *matabicho*, pelo menos no centro do país. «Mata-se o bicho» com qualquer bebida ou iguaria ligeira: aguardente, café, leite, pão, frutas, e ainda com um cigarro ou qualquer acontecimento matutino. Ainda com mais extensão de significado *má-*

tabicho é o primeiro serviço ou ocupação da manhã: «O meu *mátabicho* é acender o lume». «O *mátabicho* dela são os ralhos da mãe» etc.

Ha mais: «mata-se o bicho», ás vezes, pelo dia adiante, depois do almoço, ao meio dia, ou ás horas em que o frio aperta, pela necessidade de bebericar, a que a expressão serve de pretexto.

Assim se tornou tambem extensivo o *levaremo*—*levaremos!*—que era a voz de comando proferida pelo patrão da embarcação para ordenar descanso aos remadores. Nestas pausas do remar todos bebiam um gôlo de aguardente.

Esta expressão passou do mar á terra, como tantíssimas outras que atestam o gênio de um povo de navegadores, e o *levaremo* veio a designar a *golada* tomada em qualquer ocasião como vem no *Templo d' Apollo*, de Gil Vicente:

«Aramá, como estou secco!

.....
Aqui trago um *leva-remo*»

[II, ed. 1852, pug. 385]

e no *Auto da Festu*:

«Aqui trago um *levaremo*»

[(ed. 1906) pag. 110]

Do mesmo genero é o *lava*.

dente = «beberête» que Morais indica como termo chulo. Vem na *Ulisipo*:

«Em hum salto tomaremos este *levadente*».

[ed. 1787, pag. 235]

Entre os bebedores, a necessidade de mitigar ou *matar* a *sêde*, como dizia a Maria Parda:

«O' rua da Mouraria
quem vos fez *matar* a *sêde*
pela lei de Mafamede
com a triste d'agua fria?»

passou a ser considerada como vício e vício era, e é, dos mais perniciosos.

Póde ser que o *matar-o-bicho* nada mais fosse que corrupção pinturêscas da expressão *matur o vicio*, que o mesmo era que satisfazê-lo. (1)

Quando foi da peste que assolou Lisboa no reinado de D. João I era o vinho abundante, como se vê no *Prunto de Maria Parda*, e os apreciadores encontravam a profilaxia da doen-

(1) Esta suposta derivação é contrariada pelo facto de existir idêntica locução com igual significado no francês: *tuer le ver* V. *Dictionnaire Français-Argot*, de Bruant; e *Larousse*. Em esp. *matar el gusano*.

Entre os arráiz do Tejo usa-se no mesmo sentido a expressão: *conservar o bicho*, em que se dá uma regressão ideológica.

ça no sumo da uva. Assim o recorda a velha bebedá:

«Eu não sei que mal foi este,
peor cem vezes que a peste,
que quando era o trão e o tramo (1)
andava eu de ramo em ramo: (2)
Não quero deste, mas deste.»

O alcool era preventivo contra a peste, no conceito do povo, e a êle crê dever a saúde a velha:

«Vão por mim á Santa Orada
D'Atougua e d'Abrigada,
e a Curageira sancta,
que me derão na garganta
saude a peste passada.»

Evidentemente esta toponímia indica as proveniências do vinho bom e foram estas que, durante a peste, lhe «deram saúde na garganta.»

Ingeria-se pois o alcool para *matar o bicho* da peste ou pestelena.

Recordo-me que, durante a

(1) *Tramo* ou *trama* era o inchaço, íngua ou postêma (Vide *Eluclidário*, de Viterbo). E' talvez aqui o bubão dos pestíferos. Por ser um mal terrível, empregava-se como praga:

«*Trama* lhe venha dos ceus!
«Nunca de má *trama* moura.»

Gil. Vicente.

(2) De *ramo em ramo* = de taberna em taberna. Ainda hoje se usa pôr ramos á porta das tabernas.

peste do Porto, se recomendava, entre o povo, cá pêlo sul, egual profilaxia.

NOTA

(a) O sr. José da Silva Vieira teve ha tempo a amabilidade de me mandar cópia de um artigo do Snr. Dr. Leite de Vasconcelos, publicado no 3.º vol. (1888) da *Revista do Minho*, sobre a origem da expressãõ *matar o bicho*. Para esse lugar remetto agora o leitor, já que, por descuido, não poude evitar aqui a publicação de mais um artigo inútil e de mais uma conjectura desnecessária. V. tambem a *Revista Lusitana* XV, 74.

Copo-de-água

Beber um copo de água é coisa naturalíssima; acto que se faz sem esforço, antes com prazer. Daí o dizer-se que tal acção se praticará com tanta simplicidade «como quem bebe um copo de água». Assim o escreveu Camilo nas *Novellas do Minho*:

«vou ahi para a bocca dum bacamarte como quem bebe este copo».

[ed. 1877, pag. 32]

A comparação é antiga. Dizia-se «púcaro de água».

O pucarinho nacional, de barro fino, era muito apreciado. Camões no *Filoteimo* (ed. 1852), pag. 222 compara a delicadeza de *Dionysa* «a hum pucarinho de Natal», e no *Anatómico Jocosos*

(ed. 1889) pag. 94, se diz que certas freiras dão água de uma fonte misteriosa «em pucarinhos enramados que vão chiando».

Na *Ulisipo*, dá-nos Jorge Ferreira de Vasconcelos um exemplo antigo desta comparação:

«E hum de nós agora passa doze duzias delles [trabalhos] muitos maiores, como beber um púcaro de água.»

[ed. 1787, pag. 272]

Mas o *púcaro-de-água* não servia simplesmente para simbolizar a facilidade que se atribuía á execução de um acto, era também a derivação semântica de uma acção de caridade cristã, tomada daquele belo exemplo da samaritana. «Dar de beber a quem tem sede» é preceito de humanitarismo, donde o considerar desgraçado aquele que não tem «quem lhe chegue uma *sêde de água*.»

O facto, pois, de dar água a beber indicava caridade com o próximo e amor ao seu semelhante. Cristo na cruz, pediu água e o requinte da crueldade incitada pelo desprezo, está indicado na esponja embebida em vinagre que, dizem, lhe chegaram aos lábios.

A escudela ou outro vaso de água tornar-se-ia o sinal de amizade e paz para com os estran-

geiros ou hóspedes que os da casa acolhiam e desejavam honrar.

O costume atravessou os tempos, conservando quási intacta a nobrêsa do sentimento, mas perdendo na cerimónia da fórmula o que ganhou em liberdade de acção. Daí o *púcaro-de-água* que, oferecendo-se como símbolo de satisfação e estima, segundo o rito, passou a pouco e pouco, com as exigências gastronómicas das idades, a ser acompanhado de várias iguarias, ligeiras a princípio, até se tornarem em banquete ou mais, como diz o bom D. Francisco Manoel de Melo na sua interessante *Carta de Guia de Casados*:

«Huma cousa que antigamente entre as amigas se chamava púcaro de água, passou a ser merenda, e de merenda a banquete e de banquete tem já subido a tanto que se lhe não acha nome, ou pelo menos não lho quero dar».

[ed. 1747, pag. 83]

Democratizado o copo, passou a dizer-se *copo-de-água* para significar uma coisa assim a modos de comezáina, em que geralmente os copos se enchem de vinho, embora fino, como a champanha...

Ainda assim a reminiscência do passado não se apagou de

todo, porque o *copo-de-água* é geralmente um serviço volante e ligeiro que se oferece com a intenção de honrar alguém ou celebrar algum facto.

Por isso me parece, na comparação, que entre a facilidade e prazer com que se bebe um copo-de-água e o copo-de-água do antigo cerimonial, existe a comunidade de um pensamento de simplicidade e satisfação.

Na agua da cal

No vale-do-Cóina e povoações ribeirinhas próximas (Seixal, Barreiro), diz-se, de qualquer negócio, questão ou facto que segue naturalmente bom caminho, que vai *na água da cal*.

Esta *água-da-cal*, como a *água-de-bacalhau* parecerá água milagrosa que contem a panaceia das questões periclitantes. Não virá pois fóra de propósito penetrar o segrêdo de tantas virtudes.

Esta *cal* é a *cale* ou *calu*— parte mais funda do rio entre os parciais, unica que fica a coberto na baixa mar (1).

Tudo o que se deitar á

(1) O *Nôvo Dicionário (Supl.)* define *cale* (*t* [ermo] de Aveiro), cada uma das vias fluviaes, mais largas e fundas que os esteiros, e dependentes da ria de Aveiro.»

«agua-da-cale» irá veloz e seguramente, ao sabôr da corrente, rio abaixo ou rio acima.

As embarcações que seguem com maré a favor procuram a *cale* ou a *água da cale* porque aí a corrente é mais rápida, contrariamente ás que avançam contra a maré, as quais buscam a água dos parciais.

Assim acontece ás questões que, postas em bom rumo, se liquidam naturalmente, sem esforços nem embargos que as retardem e corrompam.

Algumas fórmulas lembram este conceito, como o *estar de maré*, para indicar «boa disposição ou oportunidade para se conseguir qualquer coisa.» *Remar contra a maré* (2) é «teimar, persistir numa resolução a que se opoem todos os embargos».

Esta evocação do curso das águas do rio para indicar solução rápida e natural pertence talvez ás formas parabólicas de todas as literaturas e não merece especial menção aqui. No caso que tratámos porém, dá-lhe relêvo, intensidade e fundamento histórico

(2) Na *Bucolica* ou *Ethica Pastoril*, de Francisco de Pina de Mello:

«he uma grande parvoice o remar contra a maré».

Egloga VII (V. *Rev. Lus.* vol XIII, 32)

o facto evocado por D. Francisco Manuel na sua interessante *Carta de Guia de Casados*.

Diz-nos elle, falando do amor entre conjuges, que nada ha como seguir o exemplo dos

«que cortão madeira e a lanção ao rio para que sua corrente lha leve (sem algum trabalho) ao porto. Êles não sabem por onde vai sua mercadoria, mas basta-lhes saber que ella chega a sãlvamento, por outras que já tem chegado, para que a entreguem ás aguas com muita confiança.»

[ed. 1747, pag. 20]

Assim, pelo costume dos lenhadores ou tranqueiros que, sem maior esforço conseguem o seu fim com segurança, deixando o seu cuidado á agua do rio ou da *cale*, viria a expressão com tal colorido no seu simbolismo.

Serve este exemplo ao bom moralista para aconselhar logo de seguida:

«Deixe-se levar o casado do poder d'aquelle virtuoso costume; não lute nem forceje com a corrente, que quando menos o esperar (e sem saber o como aquillo foi) elle se achará amando a sãlvamento a sua mulher e sendo della muito seguramente amado.»

[Ibidem, pag. 21]

Outra expressão semelhante que se encontra na *Ulisipo*, de Jorge Ferreira: «ir pelo canal da moínho» (1), poderia ligar-se ideologicamente a esta mas presumo que teria origem em qualquer facécia ou historiêta em que se filiam outras «idas sem volta» como a

«ida de João Gomes»

dos autos de Prestes e do Chiado. (2)

Com a «ida pelo canal do moínho» relacionam-se intimamente a estes versos de Gil Vicente no *Auto da Feira*.

«Viagem de Joã moleiro
que foi pola cal d'azinha».

[*Obras*, ed. 1834 I, 173].

(1) «Vossa palavra vá diante pelo canal do moínho abaixo, que inda vós, esta noite aveis de ver as candeas deante os olhos, segundo a cousa vai.»

[ed. 1787, pag. 224]

(2) Nos *Autos*, do Chiado, ed. 1889 (?), pag. 107:

«I, que nunca vos torneis.
Não hajaes medo que escorje.
Ida de João Gomes seja ella,
que foi de casa na sella
e tornou no seu alforje.»

No *Auto dos Cantarinhos*, de Antonio Prestes—*Autos*, ed. 1871, pag. 481:

«—Vac-se já?

—Si, vac

—Quer não,

Ida de João Gomes seja.»

Nas águas do canal ou da *cala* (do moínho ou azenha) se salvaria, fugindo a qualquer castigo, este João moleiro para não mais aparecer, e daí o sentido que a historiêta daria á expressão. Parece-me que se deduz tambem desta provavel facécia o sentido da expressão muito usual: *ir por agua abaixo* = «desaparecer, sumir-se.»

«não obstante o fogo ir pela agoa abaixo.»

[*Foguetario*, ed. 1904, pag. 12]

Pêla relação de sentido que ha entre as duas expressões colhidas nas obras de Chiado e Prestes e a de Gil Vicente é possível que «João Gomes» e «João moleiro» sejam uma única personagem. Na *ensalada* que finda a *Furça dos Fisicos* fala-se de um «*molínero Martin Gomes*» (1).

Conjecturo que estas «águas do canal», na acepção que o conto lhes daria, poderiam explicar por corrupção e influência genérica de outra palavra consoante, as «águas-de-bacalhau» nas duas variantes de sentido:

(1)

«Tan buen molínero sondes,
Martin Gomes,
Tan buen molíneiro sondes.»

[III, 323]

Salvar-se em águas-de-bacalhau (=em águas do canal)=salvar-se com grande risco, milagrosamente, como se salvaria o João Moleiro do conto.

Ficar tudo em águas-de-bacalhau (=em águas do canal)=frustar-se um negócio ou intento, tornar-se irrealizável como o desejo dos que esperavam a volta do moleiro.

Mas... deitemos a conjectura á *água-da-cala*.

Mulher e navio

Diz um antigo adágio: «quem não tiver que fazer, arme navio ou tome mulher».

Está, por exemplo, no *Adugiário*, de Rolland (ed. 1841) pag. 80.

De facto. Nada mais para trabalhos e canceiras que cuidar nos aprestos para o trato da navegação. Nenhum detalhe deve esquecer, nenhuma observação será tida á conta de exagêro. Sentenciosamente fala o rifão: «quem vai para o mar avia-se em terra». Daí o salutar conselho que o provérbio oferece áqueles que não sabem quanto custa o trabalho, armando em calaceiros.

Por outro lado, na vida intima a mulher requiere cuidados e atenções de vária espécie. A mulher é a caravela airosa e grácil

que é preciso ataviar ao sabôr do seu desejo, da sua vaidade encantadôra ás vezes, tenteando-lhe sabiamente o rumo para que se não desvie incautamente ao mar porcelôso em que se afundam num momento todas as virtudes e se pervertem todos os encantos dos artificios feminis: . . .

Isto é a poesia do provérbio mas na realidade o sentido é mais grosseiro. Vem êle do tempo em que a mulher era a escrava da vontade do marido. Hoje a mulher, quando não é a afirmação máscula de uma vontade emancipada, é a livre companheira querida do lar.

O «tomar mulher» do provérbio era coloca-la sob o domínio dirigente do varão e tanta falta de senso se l e atribuia que difficil se considerava a tarefa de a conduzir.

O nosso D. Francisco Manuel entende, na sua *Carta de guia*, (1) que se devem entreter as mulheres com «curiosidades feminaes», as quaes curiosidades veem a ser regalos e comodidades que elas mais apreciem para que «enfrascadas nestes negocios caseiros, não se lembrem doutros», diz o bom moralista.

Era este mesmo illustre fidalgo que elevava ás núvens a ultima submissão de uma dona

que, querendo sair, aconteceu chover e como os criados lhe dissessem que se molharia «chamou um pagem e lhe disse: Dize a teu senhor que me mande dizer se chove, porque me não fio destes nem de mim».

Não o pensaria assim Plauto quando escreveu a frase que deu origem ao provérbio: *Mulier et navis nunquam satis ornantur*, evocada pelo autôr do *Anatómico Jotoso* ao dizer:

«Bem sei que todo o concerto é pouco para adorno de uma femea; pois que, como disse Plauto, a mulher e o navio nunca são assaz equipados.»

Mas o sentido torceu-se, como se vê do adágio, graças ao conceito depreciativo em que se tinha a mulher. Da idéa do navio tirou-se o sentido de governo para lisonjear a versão e assim é que Jorge Ferreira de Vasconcelos, reunindo a dedução ao conceito, escreveu na *Ulisipo*

«Por isso dizem bem, que quem quizer ter negocio sobrejo faça nao-ou tenha trato com molher; porque nada basta para ataviar e *governar* estas duas cousas.»

[ed. 1787, pag. 292]

(1) Edição de 1747, pag. 81.

Cativa! (=catiba!) Catixa!

Em quâse toda a região do Minho e Douro se usa qualquer destas exclamativas para exprimir «receio, repulsa, nojo, desprezo». Empregou-as Camillo no *Eusebio Macario*

«E Custodia que não gostava de homens gordos cuspiam para o lado—*cativa!*—
«T'arrenegol *Catixa!* Cruzes canhóto!»

[ed. 1897, pag. 55]

Cativa! é talvez a forma abreviada da frase *cativo fosse ou seja eu!* que ainda subsiste no linguajar moderno, alterada na expressão: *Negro seja eu! Negro* equivale aqui a «escravo» ou «cativo».

O terror da escravidão, e principalmente do comércio dos cativos na idade média, gerou a frase como símbolo da maior desventura, servindo para assegurar a sinceridade e firmêza de uma decisão ou dar intensidade a uma afirmativa.

Esta idéa, a que dá relevo uma fantasia de mais infeliz desdita, encontra-se na *Ulisipo*

«pois inda que eu cuidasse ser cadela de quantos negros ha no mundo!...»

[pag. 70]

Cadela era o epíteto corrente

aplicado ás escravas nêgras, (*V. Floresta dos Enganos* de Gil Vicente.)

Extensivamente, do sentido de «terror, receio, mêdo» veio o de «repulsa, nojo, desprezo.» E' ainda no primitivo sentido que se deve interpretar a exclamação no *Auto Pastoril Português*, de Gil Vicente (*Obras*, ed. 1852—vol. I), quando as pastoras pretendem saber o que Margarida traz escondido no feixe da lenha:

—«Elle não ha-de ser cão
—Nem ave, nem cousa viva
Nem morta.

— O' *cativa!*
E tem pés e mãos e olhos?»

[pag. 139]

A variante—*catixa!*—explica-se por influencia da interjeição *uxtix!* que se encontra por exemplo na *Farça dos Almocreves* (G. Vic. *Obras*, ed. 1852, vol. III):

«Uxtix! O atafal vae por fora,
E a cilha no embigo.»

[pag. 212]

Era a praga do almocreve arreliado com o mulo.

Quer não!

Quer não! é formulêta popular do Norte que antecede e realça uma afirmativa, uma dúvida, uma reprovação ou censura, co-

mo resposta perentória a qual-quer objecção.

Usou-a Camilo na *Brazileira de Prazins*, pag. 55:

«*Quer não*... foi má mulher que deixou assim os filhos...»

E a pag. 33 do *Euzébio Marcario*:

«*Quer não*; se vossês me não deixam ir fazer-lhe as sustâncias, vou-me embora.»

O sr. Júlio Moreira, analisando esta forma nos *Estudos da Língua Portuguesa*, encontrou-lhe valor equivalente na expressão *que não*, que vem nos *Autos* de Prestes, a qual explica por uma oração elíptica dependente de outra:

«digo ou entendo que não é assim, etc.» «*Quer não*, será pois uma transformação de *que não*, devido a ter-se obliterado no espirito do povo o sentido da expressão primitiva, havendo talvez concorrido para essa transformação frases como *quer sim quer não*?»

No *Auto dos Cantarinhos*, usa porém Prestes a expressão tal como se ouve hoje:

«Mãe. Vai-se já?
 João. Si, vai.
 Mãe. *Quer não!*»

Ida de João Gomes seja.» (1)

Quer sim, quer não (2) é expressão popular que equivale a «quer isto aconteça ou não; na dúvida de sim ou não; *quer* (tu digas) *sim*, *quer* (tu digas) *não*; etc.» No caso que tratamos julggo que se toina o último elemento, divergente, da fórmula para dar realce á contradição: *quer não!* = «embora tu digas que não; embora a tua opinião seja contrária; etc.»

Outras formas elípticas, usadas no Minho, fortalecem este conceito: *Com'assim* equivale á expressão popular do sul: *assim como assim*; (3) e *assim*... correspond: à loc. *ussim e assim*, i-é, «sófrívelmente, nem bem nem mal,» etc.

A fórmula gramatical *quer*...*quer* entra na linguagem popular. Cf. esta cantiga do povo:

«Eu hei-de-t'amar menina
quer tu queiras, *quer* não queiras...»

(1) *Ida de João Gomes* significa a «ida sem volta». V. o artigo *Na água da cal*.

(2) Também se emprega ás vezes, no Minho, no mesmo sentido, a expressão *que sim, que não*, que pode justificar a variantes de Prestes e o *que ño* castelhano, ao século XV. V. *Farsas y Églogas*, de Lucas Fernandes.

(3) «*Assim com'assim* estou perdido...» — Camilo. *Brazileira de Prazins*, 196.

D'aquí! — De estalo!

D'aquí! é exclamação usual em todo o país, quando se pretende significar que uma coisa é optima, especialmente iguaria ou bebida. A frase acompanha um gesto expressivo que consiste em apanhar levemente entre o polegar e o indicadôr da mão direita a polpa da orêlha.

Esta forma apreciativa, muito do gosto popular, explica-se do seguinte modo:

Sabe-se que o *vinho de orêlha* ainda hoje no Minho quer dizer «vinho bom» (1) contrariamente ao *vinho de duas orêlhas* que era o vinho mau.

Na *Ulisipo* gaba Parasito o vinho da ceia:

«Oulá *dorêlha* he o vinho,
por sam pisco!»

[ed. 1787, pag. 213]

A expressão contrária encontra-se por ex. na *Pratica dos compudres*, de Ribeiro Chiado, *Autos*:

«Pardelhas!

Vinho de *duas orêlhas*

Assentai que nunca é *taibo* (2)

[ed. 1889, pag. 129]

(1) *V. Aurora do Lima*, de 25 de Setembro de 1907.

(2) *Taibo* = bom. V. a este respeito: *Estudos da Lingua Portuguesa*, de Julio Moreira; *Frazes Feitas*, II, *Fabordão*, de João Ribeiro.

O P.^o José Marques no seu *Nouveau Dictionnaire des Langues Françoise, et Portgaise*, (ed. 1758) explica essa pinturêsa designação pelo gesto usual dos provadôres que a um vinho bom inclinam a cabeça pâra um lado sómente, e ao mau sacodem-na vivamente, fazendo estremecêr as duas orêlhas.

Bôa ou má, é esta tambem a explicação que dá Littré, invocando de Brieux, porque em francês se diz tambem *vin d'une oreille* e *vin de deux oreilles*, no mesmo sentido.

A designação de vinho bom por *vinho de orêlha* originou a pinturêsa expressão animada que dispensa a dição e dá relêvo á idéia.

Extensivamente, de vinho bom, passou a significar qualquer outra bebida, e d'aí, com mais liberdade, uma iguaria ou qualquer outra coisa digna de aprêço.

Numa ordem inversa de dedução ideológica temos a locução *de estalo!* que veio a significar o vinho bom pêlo ruido característico resultante do embate da língua contra o palato, gesto muito usual nos provadôres de vinho, quando êle é bom.

Hoje diz-se de qualquer coisa optima (3).

(3) «E' que os marujos levam-lhes tudo,—influencia politica...»

Na primeira, a relação ideológica veio da expressão falada para o gesto; nesta veio do gesto para a expressão falada.

Sete

É sabido que o sentimento religioso domina bastas vezes em vários casos da linguagem espontânea, influyendo na formação de certas locuções e provérbios em que se encontram remotas evocações especialmente do culto cristão.

O número *sete* é um número fatídico a que a superstição dos povos alia, desde tempos remotíssimos, um sobrenatural poder de magia que não está suficientemente estudado.

No caso que vou expôr, porém, ha apenas uma evocação piedosa das *sete dôres de Maria*. Assim é que a sua preponderância se exerce num sentido de intensidade em frases como estas: «gemeu as *sete* gemidas; cantou as *sete* cantadas; passou as *sete* passadas, etc.»

São expressões aliteradas usuais no Minho e ouvi-as tambem no vale-do-Cóina. É possível que se repitam em outros pontos do país.

Dêste sentido de intensidade

tricanas. Que são *d'aqui!*...—*O Fovo* [Viana], 25 Junho 1911.

vem, a meu ver, determinadas locuções assim perfeitamente explicáveis, tais como:

Fugir a *sete* pés
Fechar a *sete* chaves

em que ha completa relação ideológica entre o verbo e o complemento indicado.

Mero sentido intensivo, deduzido dêste, anda em variadissimas frases populares:

«Falar com *sete* pedras na mão»
«Pintar o *sete*»
e o «*sete* tanto», de Gil Vicente (1)

Em um excerto da *Côrte Imperial*, ms. do sec. XIV ou XV, publicado nos *Textos Archaicos*, (ed. 1908) do Dr. Leite de Vasconcellos, pag. 40 a 42, se fala de um

«glorioso barom que em sua mão tñha hún livro çarrado cõ sete seello».

Em nota (pag. 109) o illustre filólogo faz uma citação do *Apocalypse*, V., I. S. João, que fala de um livro «sellado com sete sellos» e deduz que se deve ligar com isto a nossa expressão *fechado a sete chaves*, que significa: «muito bem fechado». O

(1) *Obras* (ed. 1852) vol. I, 263:

«Olhae, flores, não m'espanto que me digais *sete tanto*.»

numero *sete* figura por muitas vezes no *Apocalipse*.

A dedução é perfeitamente lógica e clara, embora pelo predomínio misterioso do número *sete* na superstição popular se condensem numa única origem todas as frases que apresentam a mesma relação semântica. Em *fechar a sete chaves* há tanta intensidade de acção como em *se-clar ou çarrar com sete selos, fugir a sete pés*, etc.

Esta influencia misteriosa do número *sete* vem de remotíssimas eras, atravessando a religião e as crenças de todos os povos. Nos romancieiros, adagiários e cancioneiros encontram-se amígdos vestígios deste predomínio.

Os anátemas e excomunhões até á *sétima* geração são vulgares em escrituras e privilégios de Espanha. (V. *Textos Archaicos*, pag. 117 e 118).

O mais antigo documento em que encontro a expressão *fechar a sete chaves* é a tragicomédia *Amadis de Gaula*, de Gil Vicente—*Obras* (ed. 1852)—II pag. 269,—representada «ao muito excellente Príncipe e cristianíssimo Rei D. João, o terceiro deste nome, em sua cidade d'Evora, era de 1533.»

Está nos seguintes versos de Oriana:

«Vuesos leales sentidos.
eran, limpios, mui suaves.

y pues estos son perdidos,
voy á cerrar mis oídos
debajo de *siete llaves*.»

Na *Arte de Furtar*—composta no ano de 1652:

«das entranhas de um escriptorio que *fechado a sete chaves* se resguarda com mil artificios ...»

[ed. 1744, pag. 2]

Ha abonações mais antigas: Nas minhas notas de leitura creio ter registado outros documentos mas não encontro o verbete respectivo.

Dadas fazem mal ao peito

E' frase corrente no Minho para indicar, como princípio económico, que se não deve dar nada a ninguém, talvez como consequência dessoutro aforismo: «quem dá o seu antes de morrer aparelha-se a bem sofrêr», registado na colecção rolandiana.

Dada aparenta aqui o sentido de «oferta» (= *lativa* < *ladi*, por haplogia), mas tem realmente o sentido popular de «doença nos peitos da mulher» que os dicionários não registam mas se encontra por ex. nos *Ensaíos Ethnographicos*—vol. II—ed. 1903) pag. 16 e 195.

Assim se completa ideologicamente o sentido da frase que fala em «mal de peito.»

Dadu ou *dado*, por dádiva, vem no *Anatomico Jocosu*, também num consciente equívoco de acepção muito do gosto do autôr:

«alem disto, todos os parentes deram á noiva muitos *dados* de jogar, e o dote vinha em caixas de óculos...»

Este equívoco repete-se na quadra transcrita a pag. 194 dos *Ensaíos* acima citados:

«A todos quantos encontra com seus olhos prende e mata, e com ser escaça a moça dão seus olhos muitas *dadas* (1)»

Por outro lado as *dudas* nem sempre «fazem mal ao peito», e se o fazem, nem sempre se dispensam porque lá diz o rifão: «quem do que lhe doi não der, não haverá o que quizer». Estão neste caso as que se tomam no sentido de «peitas» e assim se explica que *dudas* ou *dadivas* «quebrantam penhas» como vem na *Ulisipo*, pag. 230, ou «aplaçam os homens e os deoses» (na colecção Roland).

(1) Das «*Poesias*» de Antõnio de Vilasboas e S. Paio, autor da «*Nobiliarchia* Portuguêsa.» O *Auto da Lavradõra de Ayró* a que pertence esta quadra já estava impresso em 1678, como diz o snr. Leite de Vasconcelos.

Casa da Mãe Joana

Parece-me pouco accitavel a afirmativa do Sr. João Ribeiro (1) de que esta *Mãe Joana* seja corrupção do voc. árabe *dumchan*=garrafão. O espanhol *dumajuana* derivado daquêle explicaria, pela assonância; a frase se ela existisse nesta lingua, mas é evidente que não existe.

Pondõ de parte a *casu*, que vem substituir púdicamente o vocábulo próprio da frase plebeia, a *Mãe Joana* será mais provavelmente a *ameijoadã*=*meijoadã*, que era o redil ou malhada em que de noite se recolhia promiscuamente o rebanho. Talvez do ant. *meijão*=*meijon* (V. *Origem e Orth. da Lingua Portuguesa*, de Duarte Nunes do Lião), como do fr. *maison*.

Dêste sentido de promiscuidade se tomou o vocábulo na acepção de «deboche» como vem na *Ulisipo*:

«nes-as *meijoadas* sempre ha pagodes e bom vinho, que para ella [a mãe alcoviteira] he o proprio reclamo.»

[ed. 1787, pag. 54]

E na *Corja*, de Camilo:

«Não era sem repugnancia

(1) V. *Frases Feitas*,—I—pag. 163.

que Araujo alugava a casa para taes *ameijoadas*; mas emfim pagavam-lhe bem, e ele não podia endireitar a sociedade.»

[ed. 1903, pag. 129]

Ameijoadá significou tambem «o pasto que se dá de noite ao rebanho», como diz Moraes citando a *Chronica de D. João I.*

Destas idéas associadas de «comezáina e licenciosa promiscuidade», ligadas ao vocábulo assim empregado já pelo Chiado na sua violenta resposta ao mulato Afonso Alvarez:

«Eu não hei comvosco nada;
lograe vossa *meijoadá*
no mundo c'os' mais contentes;
não me reganheis os dentes,
porque vos não temo a ossada.» (1)

[*Obras*, pag. 178]

é que a frase se gerou por corrupção do vocábulo, corrupção propositada e irónica pedida pela fantasia popular que lhe pospu-nha um outro vocábulo necessá-

(1) Cp. esta quadra popular em que está o mesmo sentido expresso por outra palavra:

«Eu amava-te menina,
se não fosse um senão:
Seres *pia de agua-benta*
onde todos poem a mão...»

[*V. Ensaio Ethn.* IV, pag. 83]

rio ao sentido completo de devassidão ou liberdade.

Estoutro vocábulo que o sr. João Ribeiro substituiu por *casa*, para não ferir ouvidos castos, é o lat. *cuna*, nome que, alterado na sua primeira vogal, os povos, do vale-do-Cóina dão ainda hoje a uma espécie de marmita.

Assim, a *cuna da ameijoadá* equivaleria á *gamela da lavadura*, lugar em que todos mexem e se refocilam livremente como cerdos em pia... (2)

Dessa frase, adulterada pornograficamente em forma e sentido, se gerou por decência e concisão outra mais corrente: *o da Joana*.

«Então isto aqui é o *da Joana*?» perguntou o Alberto vendo os companheiros remexerem-lhe na mala.»

[*O Seculo*, 12 Abril, 1909]

Vá bugiar!

Não é expressão diplomática. O protocolo rígido e severo não consta que a adoptasse no seu vocabulário. *Vá bugiar!* não pode mesmo entrar no número dos ápartes felizes com que se interrompem mutuamente os deputa-

(2) V. tambem o *Anatomico Focoso* na *Primeira Adição*, o pregão do príncipe Neptuno Marisco.

dos em sessão de câmaras. Per-
tence ao género *obstrucionista*.

O orador que se lembrasse
de mandar *bugiar* o sr. presiden-
te do concelho provocava ime-
diatamente uma crise ministerial. (1)

Ir bugiar é assim alguma coi-
sa como «ir pentear macacos»,
«ir á fava» ou ir talvez a sítio
pior... Em rigôr é «fazer tre-
jeitos e partes de bugio»=ma-
caquear, como se para mais na-
da se servisse.

Não se encontra melhor ex-
plicação da frase, nem talvez a
haja, mas os enciclopedistas de
almanaque descobrirém coisa
mais fina.

E' o caso que, segundo elles
dizem, a locução gerou-se no
tempo de Filipe II, em que, para
se construir um forte no Terrei-
ro do Paço, se empregava um
aparêlho a que ainda hoje se cha-
ma *bugio*, com o qual trabalha-
vam todos os malandrins da pior
espécie, que não tinham aptidões
para mais nada.

Assim, no dizer dos tais, *vá
bugiar!* seria o mesmo que «vá
trabalhar com o *bugio*, como os
vadios.»

(1) Tomás Pinto Brandão no
seu divertido *Pinto Renascido*, diz a
pag. 264:

«se Pedro teimar em prosa
mandeo bugiar em verso.»

Cândido de Figueirêdo, in-
terpelado no seu consultório do
Falar e Escrever sobre as proba-
bilidades viáveis da *descoberta*
não disse que sim nem que não,
achou a *coisa* provável. (2)

E será?

Nem por sombras.

Muito antes da dominação
dos Filipes escreveu Camões no
Auto d'El-Rei Seleuco:

«Deixae-me, Senhor dizer:
Haveis isto de acabar,
Coração *hi bugiar*,
No esteis preso em cadenas,
Que pois o amor vos deu penas
Que vos lanceis a voar.»

Antes de Camões, em 1523,
empregava Gil Vicente a locução
no *Auto Pastoril Português*:

«*Vae, vae*, Joanne *bugiar*
Não andes como alpavardo.»

E em outro lugar:

«Porque andas *bugiando?*»

Sobre a origem desta expres-
são escreveu o cavaleiro de Oli-
veira em 1738, á «Senhora Con-
deça de N...» uma interessan-
tíssima carta que merece ser lida.
Está a pag. 3 do vol. III das suas
Cartas. Já êle nêsse tempo não

(2) *Falar e escrever*—5.^a série
—pag. 120.

sabia explicar como se tinha gerado a locução. (1)

São mais as vozes que as nozes

Certamente a explicação dada pelo Snr. João Ribeiro acerca deste provérbio (*Frazes Feitas*, I, 100) é muito plausível:

«Com varas batem-se as nogueiras, faz-se grande estardalhaço e ás vezes as nozes que caem, são poucas. Ao fragor demasiado não correspondem os poucos frutos que se colhem.»

O provérbio teria sido primitivamente, como se encontra na *Arte de Furtar é maior o arruído que as nozes*. *Voz* substituiu *ruido* (2) não só por necessidade

(1) V. também um exemplo no *Anatomico Focoso* (ed. 1880) a pag. 122.

(2) Ou este aquela. A relação, suposta ideológica, entre os pronomes «nós»=noz e «vós»=voz, poderia ter sido a originária. Bastaria mostrar que «são mais a nós que a vós» se explicasse por uma oração cujo sujeito oculto fosse: «os embargos, contraditas», i-é, as alegações ao dito ou verdade das testemunhas, como quem diz que «cada um trata de si embora com prejuizo dos outros,» pelo que «não é bom fiar em aparentes demonstrações de razão nas queixas.»

O plural do verbo provocaria a duplicação do plural dos pronomes. Cp. «pozes», do pl. do «pó», e «irozes» do pl. de «iró».

de rima mas também por simplicidade na equivalência. *Voz* significava e significa ainda hoje *clamor*, *grito*, *berro*, Cp. *vozeria*.

Mas outras árvores ha que se varejam também para se colhem os frutos, como a oliveira, parecendo que outra razão originou a lembrança das nozes.

Eu prefiro crêr que o *ruido* se refere ao estalar do envólucro que veste o endocarpo da noz. Quando este envólucro rebenta, a noz umas vezes cái e outras não. Ouvindo-se estalar a nogueira nem sempre se vê cair a noz, daí o aviso: *é mais o ruido que as nozes* (que caem).

Mas estas *vozes*, ou *ruido*, serão mais restritamente os *clamos*, *gritos* ou *murmuração* do povo, postos em relação directa com a aplicação do prolóquio.

Diz o povo que «ano de muitas nozes é ano de pouco pão». (3) Como «em casa onde

A expressão aparece já, tal como hoje se ouve, no *Autos*, de Gil Vicente:

«...dourai a patria vossa com mais nozes que as vozes.»

[II, 361]

E, posteriormente, na *Eufrosina*:

«...e neste mal nunca são tanto as nozes, como as vozes.»

[II, V]

(3) «Anno de muitas nozes, anno de pouco pão; quantas nozes

não ha pão todos rallham e nin-guem tem razão», conclue-se inci-dentemente que o ano de muitas nozes é ano de fome, e portanto de clamores, lamentações ou queixas da parte do povo.

Muitas vezes essas lamenta-ções, sendo excessivas, darão raz-ão ao provérbio: *são mais as vozes que as nozes*.

De X P T O

De xpto, de XPTO London e ás vezes de XPTO Cartaxo diz-se do que é excelente, que tem bom aspecto, bom paladar ou oferece deliciosa comodidade.

Os que escrevem *XPTO London* explicam a coisa como sendo uma marca de artigos de primeira qualidade, de fabricação inglesa (1) — *made in England* — assim o mesmo que o *J. P. C.* dos carrinhos de linha...

Mas o *xpto Cartaxo* que apa-rece já nas *Infermidades da Lín-gua* (2) parece ter direitos de

houver n'um galhinho, tantos tos-tões custará o alqueire do pão.» — *Tradições populares da Atalaia*, in *Revista Lusitana*, XII, 290.

(1) Como fez o inventivo Dr. Castro Lopes nas «Origens de Ane-xins, Proloquios, etc.», obra de pura fantasia, sem nenhum valor científico.

(2) Lisboa, 1759. Curioso repo-sitório de expressões populares que o auctor não explicou.

prioridade, afirmando então pa-trioticamente a genuinidade dos produtos da indústria nacional. *XPTO Cartaxo* seria pois uma velha marca nacional, de larga reputação, applicável talvez aos vinhos desta região, que são mui-to apreciados.

E não deixa de ser razoável esta suposição, se nos basearmos no critério dos que elucidam a propósito de qualquer coisa exce-lente:

De XPTO Cartaxo,
com três estrelas por baixo,

como os finos cognacs de Bou-lestein ou de Henessy.

XPTO London representaria uma usurpação de marcas pela concorrência britânica — essa monstruosa máquina que chega a produzir vinhos do Porto na Austrália!...

Mas enfim, caída a marca no dominio público por falta de con-servação da patente... bom se-ria saber o que ela significa.

No artigo *De estalo!* mos-trei que esta expressão tinha vin-do do gesto peculiar aos prova-dores de vinho quando êle é bom, resultando do embate da língua contra o palato. *De estalo* veio depois a aplicar-se genericamente a tudo que é bom.

Pela mesma razão se expli-cam outras expressões, como *de*

truz, expressão onomatopáica que imita *ruldo*, com origem no mesmo gesto, e ainda: *de assobio*, e *de chupeta*.

O *assobio* é aqui o *silvo* característico produzido pela absorção dos vinhos licorosos, quando ao provar se unem muito os lábios. *De chupeta* está nos mesmos casos, talvez com maior verdade de expressão.

Ora o *xpto*, que alguns pretendem explicar pela abreviatura da palavra *Christo*, (1) como aparece nos velhos documentos do século XV, é apenas, a meu ver, uma espremida decomposição silábica de *chupeta* = *ch-p-t-a* em que a vogal final cedeu lugar a outra de mais sonoridade: *o*.

De xpto identificar-se-ia assim semanticamente às expressões anteriores, de caracter equivalente (2)

(1) Entre êles o mesmo Dr. Castro Lopes que faz do P um R... grêgo.

(2) Curiosa também é esta sigla de um poeta do «Cancioneiro Geral» II, 137:

«*r. p. f. a. tyll*
nam he bem q. mays repita
vossas manhas, gentill dama,
poys de vos corre tal fama,
que a todos dizeis ita,»

(*Dizer ita* (do lat. *item*) parece significar o mesmo que «dizer que sim, estar de acordo, concordar». O sentido que o poeta aqui lhe quis dar é talvez um pouco atrevido e afrontoso para a dama alvejada.)

Dôr de cotovêlo

A dôr de cotovêlo é a dôr aguda, penetrante,—dôr desconsolada, como diz pinturescamente o povo,—que resulta da compressão ou torsão violenta dos músculos do braço.

Na semântica popular *dôr de cotovêlo* veio a significar o ciúme ou zelo amoroso. Parece-me que é esta a unica demonstração semiológica do *mal de amores*.

Já o diz a cantiga popular de Darque [Viana]:

«O alecrim de Viana
tem a folha recortada;
para dor do cotovelo
não ha coisa mais provada.»

[909, *Canc. Minhoto*, in *Rev. do Minho* XIX, 69].

Certamente as virtudes miríficas do alecrim vianense não se tornaram conhecidas (1) nem o

(1) Não ha duvida que o alecrim, na superstição popular, anda ligado a estas coisas de amores. Na *significação das plantas* o alecrim é *ciúme* e no *cancioneiro popular* ha muitas referências a isto:

O' alecrim, rei das ervas,
já meu peito foi teu vaso;
já lá tens outros amores,
já de mim não fazes caso.

A oliveira é paz
que se dá aos bem casados;
O alecrim é ramalhudo
que se dá aos namorados.

Cf. L. Vasc. *Trad. Pop. Port.*
pag. 117 e 119.

seriam no século XV porque no *Cancioneiro Geral* queixa-se Joam Gomez por parte do «Cuidado»:

«O gentyl terço pelo
color de my esperança,
tu descuro setestrello,
tu *damores cotovello*
donde dor nam faz mudança.»

Mas afinal o que tem o *cotovello* com os *ciúmes*?

Nada certamente, se não atendermos a que é um eufemismo que esconde outro vocábulo mais *contunente*... privativo das infidelidades conjugais.

Assim como a *dor de coração* e a *dor de alma* são, na patologia popular, reveladoras de sentimentos nobres, a *dor de... chifre* é sintoma de lesão grave nas relações matrimoniais, com prejuizo manifesto de um dos conjuges. (1)

Como simbolismo popular os *chifres* são, de longa data, e em vários países, o atributo concedido ao marido pela mulher infiel. Talvez isto seja uma reminiscência irónica da insígnia de honra com que os generais romanos galardoavam o valor dos seus soldados.

(1) De outras *dores* fala picarescamente o povo, como a *dor no boldrié* e a *dor de fronte dum joelho*, expressões que envolvem malícia ou graciosidade.

Os *cornos* eram um símbolo honorífico que só se conquistava por actos de bravura e intrepidez.

Hoje isto não passa de uma ironia aviltante, disfarçada de vários modos na conversação culta. Uma das formas de disfarce mais popularizadas, tornada inconsciente, é a *dor de cotovello*, ciúme amoroso que, tendo sido muitas vezes a desconfiança justificada ou não da catástrofe conjugal, veio a significar também, e mais extensivamente, o zelo despeitado dos namorados.

Tal é o diabo como sua mãe

É expressão popular antiga que ocorre já no *Adagiário* de Roland, como termo de comparação entre dois génios parelhos nas artimanhas maldosas.

Desta evocação da mãe do diabo diz o Dr. Leite de Vasconcelos nas *Trafições Populares de Portugal*, pag. 316:

«Ao lado do *Diabo* existe a *Diaba*, Segundo uns, a *Diaba* é a mulher do *Diabo*; segundo outros é a mãe d'elle.»

Na Beira-Alta (Carvalhais) dizem: «Deu o diabo com sua mãe» para significarem um «conlúio de partes entendidas num

acordo geralmente maldoso».

Deve ser, por certo, diabru-
ra tremendíssima a que resulta
desta união infernal. Gil Vicente,
na *Farça de quem tem farelos*
reproduz uma praga vulgar do
seu tempo, que alude a esta fun-
ção:

«Vae-te ó demo com sa mãe».

A crença popular na mãe do
diabo não está, porem, muito es-
palhada, sendo interessante, sob
este ponto de vista, o adágio
que certamente representa uma
translação de sentido e forma da
praga quinhentista. (1)

Chegar a roupa ao coiro

Chegar a roupa ao coiro é um
modo de exprimir, na linguagem
popular, a promessa ou acção de
«sovar, bater, castigar», com
energia, de forma que a pele sin-
ta o contacto pesado do vestuá-
rio fustigado.

Assim diz o Cav. de Olivei-

(1) Uma outra expressão popu-
lar alude á mãe do diabo: «Uil dis-
se o diabo quando viu o «rabo» á
mãe!»

Nas tradições populares france-
sas o diabo também tem mãe. (H.
Gaidez «Gargantua» p. 13). Cf. Lei-
te de Vasconcelos. «Trad. Pop.
Port.», pag. 316, nota.

ra na sua famosa carta (*Cartas*,
I, 136):

«... chegando-lhe a roupa
ao couro infinitas vezes...»

Mas, sentido e expressão, fo-
ram primitivamente outros e ha
aqui a considerar um trocadilho
gracioso.

Coiro não está, como se po-
deria supôr, por «pele do cor-
po.» *Coiro* é a correia ou azorra-
gue com que se açoitavam os
delinquentes e os escravos. *Che-
gar o coiro* era aplicar o castigo
do açoite e, extensivamente, ba-
ter, castigar por qualquer forma.

Lá diz um poeta do *Cancio-
neiro*, de Resende, (I, 206):

«Poys me «chegastes o coiro»
dando-me mal sobre mal».

Do sentido primitivo passou-
se depois, quer a interpretar *coiro*
como «pele do corpo», quer a dar
á expressão maior ironia preten-
dendo-se fazer ver que se obri-
garia o delinquente a aproximar-
se do instrumento de suplicio:
chego-te ao coiro!, i-é, «á cor-
reia, ao azorrague».

Prefiro crêr que a modifica-
ção se operou por influência do
duplo sentido.

Já na expressão *ir ao coiro*,
equivalente ás anteriores, nenhu-
ma dúvida resta de que desapa-
receu esta duplicidade, e *coiro* si-
gnifica claramente o «corpo».

Cp. *ir á cara, ás ventus, etc.*

«foy-lhe ao coyro cada qual»

Finto Renascido, 288

De *chegar o coiro* passou-se pois, por necessidade de trocadi-lho, a *chegar ao coiro*. *Roupa* entrou posteriormente, não só como elemento de realce mas tambem como ponto de determinação para a duplicidade do sentido da expressão. Por qualquer dos lados que esta se encare o sentido irónico é o mesmo:

chegar a roupa ao coiro } chega-la ao acoite
 } chega-la ao corpo

E, quer ela se chegue ao acoite, quer se chegue ao corpo, lá está a mesma ideia de castigo. Cp. *assentar as costuras (no corpo)* = «sovar».

Levar coiro e cabelo

Dos que procuram expoliar os outros, a troco de mercadorias ou serviços prestados, computando-os num valor excessivo, se diz que *levam coiro e cabelo*.

E' este o ultimo recurso, daquêles que, depois de extorquirem *a camisa do corpo*, se empenham em *esfolar* o desgraçado que lhes cái nas mãos, endividado *até á raiz dos cabelos*.

Esses tais que nos *arrancam a pele*, quando mais não temos que

lhes dar, decerto nos *tiram* tambem o *cabelo*, ou o *pêlo*, ficando certo o rifão quando diz que *êles levam coiro e cabelo—pêlo e pe-laço*, como ainda hoje se diz no Minho--ou *pelam coiro e cabelo**

«Nunca as colhem mancebinhos d'arte, mimosos da condição, a que ellas pelão couro & cabelo.»

[*Ulisipo, I, IV*]

Mas era a justiça que tinha a prerogativa de esfolar os que lhe caíam na alçada, tirando-lhes de facto a pele. Hoje, com o avanço da Civilização e em face dos Direitos do Homem, usa processos especiais e mais limpos... para o mesmo fim.

O Santo Officio inventou torturas de espantosa crueldade mas, antes das ferocidades dos tribunais da Fé, usavam-se nos pôtros das masmôrras outros processos de castigo não menos deshumanos.

Os azorragues de coiro, de pontas aceradas, operaram longamente nas praças publicas, vibrando através dos seculos á voz dos meirinhos e ainda hoje estão em vigor, com mais sciência, mas egual crueldade, nos cárceres de Inglaterra.

Os delinquentes *pagavam caro* á justiça os seus erros,—ás vezes insignificantes,—nas tiras dos azorragues que lhes levavam

a pele e o pêlo, deixando-lhes em sangue vivo as carnes avergoadas.

Já o diz D. Francisco Manuel nas suas *Sentenças*

«Nã fiar mays em *prende-lo* senhores, na cortesia que *leva coyro e cabelo...*»

Assim liquidava a justiça as suas contas com os que lhe caíam nas mãos, *esfolando-os, levando-lhes coiro e cabelo*, que era o mais que lhes podia tirar, quando os não esartejava ou fazia *pagar com lingua de palmo*, esganando-os nas torturas do garrote.

Claro que no julgamento dos processos, quando as alegações de defesa eram insuficientes e o acusado perdia, a justiça não se demorava em exercer o seu direito de castigo, geralmente corporal, açoitando-o de forma a levar-lhe pele e cabelo,—*pêlo e peloço*.

Daqui o dizer-se também que *o perder não faz bom cabelo*, como quem diz que *o perder* nos expõe á tortura... que nos leva os cabelos. (1)

(1) Esta expressão, que deriva, em sentido, da anterior, ocorre já na *Ulisipo*, e embora mudada na forma, mais proxima está do conceito:

«Muito me *doi o cabelo* de querer Costança Dornelas *fa-*

Ainda hoje se diz como saudação familiar:

«Por onde tem andado que tam bom *cabelo* tem criado?»

dando-se assim a entender que, da aparência do recémchegado, se infere que êle vive satisfeito e tranquilo... longe de ter que prestar contas ao açoite da justiça.

Quantos fazem dez

Como ameaça de castigo corporal é vulgar no Minho a expressão *dizer quantos fazem dez*. «Se boltas a ateimar olha qu'eu *digo-te q'antos fazem dez!*»

Ora aqui está um problema bem extranho: *quantos fazem dez!*

Quantos fazem dez poderá ser alteração de *quanto fazem dez*, tomando *quanto* no sentido de «o que». A expressão contém pois um aviso ameaçador, com seu quê de ironia: «vais ver o que são capazes de fazer os meus dez dedos!»

Mas *quantos fazem dez* encerra uma certa fórmula matemática, muito do gosto popular, e o caso explicar-se-á então por uma referência aos factores de

zer de seu proveito à minha custa.»

[IV, IV]

uma multiplicação :

$$2 \times 5 = 10$$

i-é, são os *dez* dedos das *duas* mãos que aplicam o castigo, e a expressão aclara-se nos seus elementos: *quantus* (mãos) *fazem dez* (dedos). Quere dizer: é tunda com as mãos ambas!

Mas o sentido bipartira-se já anteriormente, como aconteceu a outras expressões populares, e do rigor matemático da equação vinha já o sentido de «certeza, infalibilidade» que se nota em outras expressões como: *tam certo como dois e dois serem quatro; certo como (um) dez; (1) etc.*

Esta certeza ou rigorissimo, aplicada ao sentido do castigo, originou depois a referência dupla ás mãos e dedos.

É ainda, deslizando do sentido primitivo, veio, por atracção o de «esperteza, vivacidade, argúcia» que foi empregado por Jorge Ferreira na *Ulisipo*:

«Já sabeis que sou ladino
& «sei quantos fazem cinco»
& a um falso dos tredores...»

[pag. 65]

(1) *Como um dez* é expressão também minhota. Exprime «infalibilidade, certeza absoluta». Empregou-a Camilo na *Brazileira de Prasinis*:

«...malhava abaixo da
burra, como um dez!...»

[pag. 128]

«Esse he hum bom escudo
para receber todos os golpes
sem medo: bem sei quantos
fazem tres...»

[pag. 35]

Nas *Infermidades da lingua*,
156: *saber quantos fazem tres.*

Não ha mais Flandres

É uma velha locução que aparece em vários passos dos escritores quinhentistas e que o snr. João Ribeiro estuda nas *Frazes Feitas*, I, 228, inferindo que ela se applicava num sentido de «segredo, discreção» e talvez «risco e perigo», porque *passar os baixos ou os bancos de Flandres* era, para a navegação e comércio com a Holanda, transpôr um ponto difficil no mar, e só se fazia com risco e grande discreção.

A dedução foi decerto, bem conduzida mas não pode envolver todos os exemplos aduzidos dos textos citados, nem explica propriamente a expressão cujo sentido se pretende esclarecer.

A locução *não ha mais Flandres* não tem, de facto, nestes nem noutras passagens quinhentistas, propriamente o sentido que lhe dá o sr. João Ribeiro.

No excerto da *Ulisipo*, por exemplo, vê-se que *Parasito* se

gaba da vida que adoptou, livre de cuidados e preconceitos, vida alegre e foliona:

«com minha guitarra, quatro pares de chistes, dous pés de canario de uma duzia dapodaduras faço guerra a todo o mundo... vivo tão livre e isento, estou em dizer, como quem não tem vergonha. Ora daime cá se *ha mais Flandes?*»

Isto é, *dizei-me se ha vida mais feliz, mais regalada, mais galante.*

Flandres era o empório de um comércio importantíssimo e, ao mesmo tempo que um alfôbre de artistas e de espada-chins, uma escola de galantaria cortesã. Citar Flandres era citar o esplendor, o fausto, as comodidades e os encantos da vida aventureira e galante. (1)

Não ha mais Flandres] o

(1) Anteriormente encontram-se vestigijs de ser a França que simbolizava a ostentação e o luxo do vestuário. Velhacamente, um poeta do «Cancioneiro Geral» aconselha Fernam Cabral a que entre em Evora com ostentação de traje:

«Os pees em loros metidos
capa sobola cabeça.
ho outro dia «padeça
França» em vossos vestidos...»

Isto é, «entre com estadão, embora depois venha a vestir miseravelmente» — «padeça França».

mesmo era que *não ha melhor graciosidade, riqueza, comodidade*, numa palavra, tudo que mais agradável pode ser á vida ociosa, comodista e requintada,— a todos os desejos, emfim.

Na citada comédia *Ulisipo* (III, IV), ouvindo Regio a narração das palavras animadoras que Otoniam recebera de sua amada, diz-lhe:

«E aveis que he isso pouco? não queria eu *mais Flandes!*»

A frase não constitue porém, e inteiramente, uma locução esterotipada. *Flandres* entra nela como um termo de comparação que cede o lugar a outros, segundo as exigencias da lógica, e nisto não reparou o belo critério de João Ribeiro. A comprovação deste facto vai abonar por completo a interpretação que propuz.

Não ha mais equivalia a *não ha melhor*, ou, para mais simplicidade e nitidez da expressão, *não ha melhor em*. Nos textos quinhentistas depara-se-nos uma grande diversidade de comparativos obedecendo a essa fórmula vulgar ao tempo. Exs:

Na *Eufrosina*, Cariofilo, fazendo gala das suas galantarias e artes cortesãs, diz:

«Isto tudo he meu & tam de arte que *nam ha mais côrte.*»

E na *Ulisipo*:

«Se verdes sua gravidade e honesto traje direis que *não ha mais Lucrecia Romana*

[IV. IV]

«Certos horzegis de bom favo com chapins de veludo para o paço, *não ha mais Fez.*»

[IV. IV]

Tornam-se desnecessários outros exemplos.

—
Escrito o artigo precedente, chega-me ás mãos um precioso livro do sr. João Ribeiro—*O Fabordão*, que inutilmente procurei por muito tempo nas livrarias de Lisboa e por fim a livraria Bertrand se encarregou de requisitar ao editor, do Rio.

Percorrendo rapidamente as suas belas páginas deparou-se-me uma nova interpretação da frase *não ha mais Flandres* que muito se avizinha da que sugeri. Transcrevo os pontos capitales do artigo do erudito escritor:

«Desde o império de Carlos V foi Flandres para os peninsulares um campo de batalha. E' claro que ali se corriam *riscos e perigos*, como dizia a minha glosa, mas tambem, e consequentemente, ali é que se ganhavam as glorias e a boa fortuna das

grandes aventuras. Ora, isto pode ser atestado pelo dito castelhano—*meter una pica em Flandres*—que envolvia a mesma vangloria que *meter una lança em Africa*—segundo a locução vernácula.»

Na lingua nossa bastava e ainda basta dizer ellipticamente — *uma Africa* — para indicar uma proeza, façanha, coiza difficil ou rara. Da mesma arte se disse—*uma India*—e é claro que se aludia a qualquer feito heroico.

Isto posto, no tempo em que o castelhano é quasi domestico, a conclusão necessaria é que o ironico—*não ha mais Flandres*—equivale a dizer não ha maior proeza nem façanha, não ha mais aventura que admirar ou elogiar.»

Apesar desta conclusão, diversa da que tirei, nota-se o quasi paralelismo das duas interpretações. João Ribeiro tira porém, da ideia de *Flandres*, a ideia de aventuras ousadas, façanhas dignas de admiração. Eu segui e sigo trilho diverso.

Persisto em que *Flandres* evoca, na expressão, a ideia de «galantaria suntuosidade, vida regalada e privilegiada de nobre».

A Flandres, nas suas constantes lutas contra os dominadores, corria a fina-flôr da nobreza histórica, e se ali estava o campo aberto em que a bravu-

ra se ia retemperar e enobrecer ao calor das batalhas, ali estava também o brilhantismo das artes, o fulgôr das riquezas, o poderio e a ostentação de uma çorte luxuosa, a actividade febril do comércio, em que a vida galante e exigente dos nobres encontrava os requintes do prazer e do fausto.

E' esta ideia de «sedução e grandeza» que resalta dos textos citados.

Não nego que em outros casos *Flandres* representa o sentido do «heroísmo ou façanha» porque, a par dos esplendores da sua côrte. Flandres era uma escola de guerra e de lá vinham encarecidas histórias de bravura que influíam de certo poderosamente na imaginação popular. Porém, na frase esteriôtipada *não ha mais*. . . — Flandres representa os encantos da vida cortesã, o prazer, a satisfação máxima.

Morais regista o adjectivo *franduno* (de Frandes= Flandres), definindo:

«Homem que foi a Frandes e traz de lá as modas, e affecta não gostar das coisas da pátria; e assim os que viajarão e mudárão costumes, trazendo os extranhos. *D. Francisco Manuel*: «vossê vem muito *franduno*».

Presumo que o vocábulo te-

ria também a acepção de «garrido, gracioso, galante, etc.», naturalmente deduzida daquela. Camilo, que *lia muito pelo dicionário inédito do povo*, encontrou-o talvez com esta acepção pela sua Beira ou Minho, quando diz nas *Novelas do Minho*, III, 49:

«... a Cana Verde e o Regadinho saltado pelas maistas mais *frandunas*. . .»

Não vem este vocábulo em favor da minha interpretação? Ha-de dizê-lo o meu illustre amigo sr. João Ribeiro.

Não conhecer flamengos

Constituem estes artigos, na sua maior parte, notas ou apontamentos para estudos mais completos, quando os elementos reunidos possam ser desenvolvidamente tratados. Se assim não fôra não ficariam aqui registadas expressões cujo sentido originário não pode pênetrar, determinando apenas as relações semânticas que poderão levar a uma regular interpretação.

Neste caso está a locução proverbial *não conhecer flamengos á meia noite*. O *Novo Dicionário* não a regista, mas vem no *Contemporaneo* e no *Adagiário de Roland* (s. v. *flamengo*). Conheço-a desde que me entendo. Constitue

resposta evasiva de quem não quer conversar com pessoas que desconhece ou cuja intimidade pretende evitar.

O *Novo Dicionário* traz uma expressão de caracter semelhante: *ver flamengos à meia noite*, no sentido de «ver-se embaraçado, ou perdido, ver-se grego». Encontro-a também na carta X do Cav. de Oliveira (*Cartas* I, 152) em accepção dúbia:

«Quem tem visto tantos flamengos á meya noyte e que aprendeo a jogar a cabra cega, deve andar com pés de lâ nesta materia de fidelidade feminina.»

E' evidente a relação originária entre as duas expressões. Qual seria o ponto de partida, a sua determinante genésica? Não sei.

Foi notavel a influencia dos mercadores de Flandres no comércio da península, em permuta com as nossas operações mercantis nos Paizes-Baixos, apesar dos perigos da navegação que punham em risco os carregamentos.

«se mandaes cousas a Frades cuydado faz segurar...»

diz um poeta do *Cancioneiro Geral* (I. 19).

Ora o certo é que os nossos «tratos mercadantes» jaziam por mãos de estrangeiros que vinham aqui fascinados pelo oiro das con-

quistas. Disto se queixa Alvaro de Brito no mesmo *Cancioneiro*:

«Estrangeyros partistando
levam desta nossa terra
ouro, prata

.....

Por «framengos», genoeses
frentyns & castelhanos
mal nos vyndo...»

Os flamengos, não tanto os mercadores, talvez, como os traficantes e a matalotagem das naus que vinham ao Tejo carregar as mercadorias, eram brigões e arruaceiros, bebedores impenitentes. Na *Feira de Anxins* D. Francisco Manuel repete um dito do tempo que dá a conhecer o conceito em que eram tidos estes rascões:

«Bem diz o senhor que a pëndencia é de hollandezes, que acabou na taverna.»

Calcule-se o que seria para o pobre burguês retardatário encontrar pelas vielas escuras da velha Lisboa, á meia noite, uma destas destemidas súcias de espadachins! Evidentemente, *ver flamengos á meia noite* era ver-se em maus lençóis, e ficar em lençóis de vinho, pela certa.

Até aqui o facto com certa possibilidade histórica. A anedota viria depois a explicar o deslize da ideia para a outra expressão semelhante.

Uma historieta ou facécia de certo mercador lisboeta que, tomando a horas mortas, em caleja deserta, um camarada flamengo que lhe fala de negócios, se afasta temeroso, gritando de largo:—*Não conheço flamengos à meia noite!*

As conjecturas são sempre arriscadas, e particularmente impróprias sobre o anedotário.

Ainda na *Feira de Anexins*, diz D. Fr. Manuel:

«Bem te entendo flamengo, bem te entendo mas não tenho copas.»

num sentido evidente de desconfiança. No mesmo sentido se diz ainda hoje: *Bem te entendo meu queijo flamengo!*

Ha aqui evidentemente alusão a uma facécia que talvez explique a outra expressão sobre que arrisquei uma conjectura. O *queijo* é talvez o ponto capital da historieta misteriosa. E' ainda D. Fr. Manuel que vem desfazer mais um nó da meada dando-nos uma outra *deixa*. E' tambem na *Feira de Anexins*:

«—Sobre uma posta de vacca é que é o brindar.

—Eu cuido que sobre *queijo*; que *esta bulha me parece de flamengos.*»

E que a «bulha, desordem confusão» veio, por associação,

destas ideias, a chamar-se *flamengaria*, di-lo ainda a *Feira de Anexins*:

«Tal *flamengaria!* Aqui não ha quem se entenda!»

Ficam aí elementos que podem talvez conduzir a uma interpretação segura.

Estar com a carinha n'água

O D.^o Castro Lopes, que tem às vezes acertos de interpretação no meio das suas fantazias e invenções (*Origens de anexins, etc.*), refere que esta expressão é deturpação de outra: *estar como a caninha na agua*, porque esta

«recobrando o viço e reverdecendo parece estar sempre satisfeita, quando dentro d'agua.»

Não sei se esta restrição imposta pelo ditado á *caninha*, que na agua *está sempre satisfeita*, como diz o nosso D.^o, é necessária ao conceito da frase, com exclusão de todas as outras plantas que, do mesmo modo, reverdecem na água. E' possível, contudo, que haja uma determinante histórica ainda não conhecida.

Mas a expressão, que se applica aos folgazões, aos alacres, aos que tratam certos assuntos em ar de

brincadeira, aparece assim nos escritores seiscentistas: *estar com a caninha nu' água*, e assim a regista o *Contemporaneo* (s. v. *caninha*),

Na *Feira de Anexins* (§ 40), diz D. Francisco Manuel:

«Sempre vossê está com a caninha na agua!»

Caninha deu *carinha* por translacção natural do sentido.

A expressão parece assim de sentido claro, sem necessidade de imaginarmos deturpações nem restrições de character duvidoso. Porque, afinal, a cana, ou qualquer outra planta, na água, não apresenta aspecto diferente do que tem na raiz.

Estar com a caninha na água, é estar brincando, sem preocupações, zimbrando a toalha líquida, fazendo-a espadanar, como quem, numa tranquillidade

NOTA: Na *Rev. Lusitana*, vol. VIII, pag. 304, no artigo *Provincia-nismos açorianos*, encontro agora o seguinte, que reforça esta interpretação:

«*estar com o canicinho n'agua!*—estar a brincar, a gracejar. Da forma açoriana se vê que o nosso *estar com a carinha n'agua*, que realmente não faz sentido, é corruptela do seguinte: *estar com a carinha n'agua*, de facil comprehensão».

feliz, tem o espirito alheado da miséria da vida. É a simplicidade da accção insignificante numa expressão banal. Mais nada.

Dar trela

É expressão vulgar no sentido de «dar atenção, manter conversação com alguém, dar-lhe confiança e liberdade (para abusar, muitas vezes).»

O sr. João Ribeiro explica (*Frazes Feitas*, II, 227) que a forma primitiva devia ser *dar tela*. *Dar tela* seria responder em contradita, deduzida esta acepção do antigo significado de *tela* que, sendo o lugar em que se faziam as provas por combates e torneios, veio a dar a *tela de juizo* que é a controvérsia forense, para averiguar a justiça dos litigantes.

Deste sentido resta tambem ainda a *tela da discussão* que é o «objecto da discussão».

Nada disto porem, em minha opinião, tem que ver com a expressão popular *dar trela*, no sentido em que é empregada, deduzido de outro mais antigo: «dar liberdade, folga, licença»:

«...os maridos que dão ás mulheres *trela* para irem fora a visitações.»

[Ferreira. *Cioso*, ex. de Moraes].

O *Contemporaneo* cita este ex. de Barros :

«Para não lhes dar suspeita que as temiam, largou a trela aos nossos, tomando por signal da victoria o impeto que n'elles viam.»

Assim a expressão explica-se naturalmente. *Trela* é a correia com que se prende o cão de caça e *dar* ou *soltar a trela* é dar-lhes uma certa liberdade, como, figuradamente, se pode dar a certas pessoas :

«dou-lhe trela ás travessuras»,

diz Camões nos *Amphitriões* (I IV). E Jorge Ferreira na *Ulisipo* (III, III):

«E de que mal morro eu se não de me elle não dar trela para isso?»

Deste sentido claro de «liberdade» veio o de «confiança, atenção, conversação». *Dá-lhe trela* e verás como ele abusa!»

A *dar trela* corresponde, na mesma relação semântica, *dar corda*. *Dar corda* é, mais propriamente, «manter conversação». A formação ideológica é a mesma. *Trela* ou *corda* é o baracho com que se amarra o podengo, e *dar corda* a qualquer pessoa é dar-lhe liberdade... para falar.

Um facto que aproxima estas duas expressões é a paridade de

formação e sentido entre *roer a trela* e *roer a corda*. *Roer a trela* dizia-se do cão que, estando impaciente por se lançar sobre a caça, mordida com raiva a correia. O mesmo *roer a corda*. Figuradamente dizia-se de quem se impacientava antes de conseguir fazer qualquer coisa:

«estavam os soldados *roendo as trelas* para avançarem ao inimigo.»

[Morais. Dic.]

E, como o cão que *rói a trela* falta á obediencia ao caçador, *roer a trela*, como *roer a corda*, veio a significar o mesmo que «faltar a uma promessa ou a um contrato.»

Já o diz Chiado na *Pratica de oito figuras*:

«... a esse tal «roer a trela» e ser para ele francês...»

Dar trela explica-se, portanto, pela interpretação directa, sem dificuldade.

De tudo, como na botica

E' dito muito antigo que data talvez do estabelecimento das *boticas* na península. *Haver de tudo como na botica* quer dizer «haver provisão ou sortido muito variado de coisas diversas.» No mesmo sentido tem os es-

panhois a expressão *haber de todo en alguna parte como en botica*.

As *boticas* remontam a tempos longínquos. Eram lugares onde se vendiam objectos destinados ao uso e consumo público. Enccntraram-se vestígios destes estabelecimentos nas ruínas de Roma, de Athenas e de Pompeia. A própria origem grega da palavra indica «diversidade» (*apos. .*)

Na península hispânica as *boticas* foram pequenos estabelecimentos de «miúdezas» mais ou menos sortidos onde o consumidor adquiria os objectos e alimentos necessários á vida. Ali iam buscar as exigências restritas do consumo, na idade média, *tudo* que minguava em casa.

Graciosamente diz Jorge Ferreira, na *Ulisipo* (III, I):

«Muita graça acho eu na innocencia & pureza que minha mulher pregoa de sua comadre com lhe contra mais confeições que as de huma botica.»

A pouco e pouco essas exigências foram-se ampliando, as indústrias desenvolveram-se e as *boticas* dos mercadores de quinilharias e géneros de alimentação tornaram-se acanhadas. Ao passo que estas se transformavam em estabelecimentos mais

amplios, dividindo-se em especialidades, as *boticas* de drogas e remédios permaneciam atrofiadas nos seus cubículos onde os ervanários e os alquimistas manuseavam os símplex e as drogas do tempo. A denominação restringia-se pois a estes lugares especiais, vindo até hoje já meio estrangulada na imposição do grecismo *farmácia*.

Já no século XVII a palavra *botica* tinha esta acepção quasi especial, pelo menos no dito popular, como vem no *Anatomico Jocosos*:

«... as pilulas do desengano, mas como se fiseram na botica do tempo (que *tudo se acha no tempo como na botica*).»

Da acepção antiga ainda nos resta a forma *botiquim* que é a «pequena loja onde se vendem bebidas; café». (1) Em França *boutique* conservou a significação quasi rigorosa: «lieu où le marchand vend sa marchandise; celui où un artisan travaille» (Grimblot. *Vocabulaire syntétique*) difere do *atelier*, do *échope*, do *magasin* e da *officine*, pelas suas dimensões acanhadas.

(1) «L'apothèkê était chez les Grecs une «chambre à part où ils déposaient le vin, les plantes médicinales, etc.» —Grimblot.

Assobiar ás botas

O sr. João Ribeiro explica esta expressão pelo costume de assobiar, usado entre camponezes, para se fazerem entender a grandes distancias.

Assobiar ás botas seria como pedi-las por assobio, quando a ocasião urge e é preciso fugir sem perda de tempo.

Não parece muito natural que, quem anda descalço, peça as botas e espere por elas para fugir. Isto contraria também um pouco o espirito da locução que dá a ideia de fuga precipitada. Lá se diz no *Anatomico Jocosio*:

«... tomando o gigante entre portas por que lhe não assobiasse ás botas...»

Do sentido de «fugir», veio o de «faltar á fé prometida, a compromissos, a deveres etc.» Assim vem na *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos:

«... de promessas as faço eu ricas; ao tempo da paga, assobio-lhe ás botas, nunca faltam escapulas.»

A meu ver a expressão provem de outra, por alteração natural de um vocábulo que lhe modificou o sentido originário.

Os antigos boleciros ou condutores de seges, quando a urgencia os obrigava a fustigar os animais em doidas correrias pelas

ruas estreitas, tinham o recurso do assobio para obrigarem o burguês a desimpedir o trânsito. Ao dobrar das esquinas, especialmente, os silvos prolongados e estridentes eram obrigados, talvez como imposição camarária análoga ao *dizer azua vai*.

Assobiar ás voltas ou *nas voltas* da rua era pois medida de prudencia para prevenir os transeuntes desacautelados que, apanhados pelo receio, se arrimavam então ás paredes para deixarem passar o pesado carroção levado em carreira desordenada. (1)

Quem *assobiava ás voltas* ia, conseqüentemente, mais ou menos apressado, com precipitação, como quem foge.

Voltas veio a dar *botas*, já por natural divergência para um sentido mais vulgar, como acontece ás *bragas* do proverbio, transformadas em *barbas* (*«Não se pescam trutas a BARBAS enxutas»*), já pela consonância ou simulcadência que explicam outras transformações.

(1) No Brasil ha a expressão «apitar na curva», com sentido dissimilhante mas origem identica, senão comum. Esta expressão poderia também provir do caso acima apontado ou ser de formação recente, depois que as locomotoras das estradas de ferro sulcaram os matos do Novo-Mundo. Em todo o caso o sentido de formação é o mesmo.

Não fazer farinha

Dos mal acondicionados, dos que se não humildam nem acomodam facilmente, mofando de todos, dizemos em ar de desafio: *comigo não faz êle farinha!*

Não fazer farinha com tais sujeitos é não os admitir em intimidades que nos serão nocivas, pô-los de parte como joio que se separa do trigo bom.

O sr. João Ribeiro (*Frazes Feitas*, II, 148) tendo já explicado que o ditado *nem todo obranço é farinha* vem de uma antiga fábula de Esopo em que se alude á astúcia do gato envolvido em farinha para surpreendêr as suas vitimas, filia inadvertidamente a expressão *fazer farinha* na mesma origem.

O caso é outro. Aqui não ha ardil nem prosápia que possam explicar a relação ideológica. *Fazer farinha* é propriamente «comungar nas mesmas ideias; tornar-se íntimo, prestável, útil,» como vem no *Anatomico Jocosos*

«...com ninguem quise-ram *fazer farinha*, de mal acondicionadas [que são]...»

E no *Pinto Renascito*:

«mas sem essas macaquices *boa farinha* faremos...»

Na *Feira de Anexins*, 2:

«Tambem eu com esses nunca fiz *boa farinha*.»

Claro que os que *fazem farinha* connosco são os que são da nossa condição, do nosso génio, das nossas ideias, como grãos de trigo da mesma qualidade que se amalgamam na mó. O mau grão estraga a maquia, por isso é preciso separa-lo. Lá o diz o Chitado (*Obras*, 150) 3, em tom de conselho:

«guardar de *fazer farinha* com homem de ruins artes...»

«Ser da mesma farinha» é «ter parentesco, comunidade de virtudes, de defeitos.» *Ejusdem farinae*.

Em geral toma-se isto no sentido pejorativo porque se supõe o derivado *farelos* como termo comparativo, mesmo no parentesco:

«inda vós sois racha minha, inda vós «tendes farinha» dos meus «farelos!...»

[Prestes. «Autos». 362]

E como ha grãos de trigo rijo que devem ser moídos á parte, tambem ha pessoas de má condição, susceptiveis de entrar facilmente em sociabilidade se se corrigirem. E' o espirito do ditado: *Se se moer fará boa farinha com todos* (Roland. *Adágios*).

Em espanhol diz-se: *hacer buena ó mala harina*, e tambem: *hacer buenas ó malas migas*.

* *Fazer boa farinha* é, pela

mesma razão, reunir um concurso de circunstancias favoráveis para determinado fim, como no exemplo do *Pinto Renascido*, acima apontado. E como *boa* é a farinha «bem moída», aconselha velhacamente um poeta do *Cancioneiro Geral*:

«Se alguẽ virdes queyxoso
«fazey a tarinha branda»
ca vos sserá proveitoso
espaçar esta demanda...

[II, 95—ed. 1910]

Dez-réis de mel coado

Dez-réis de mel coado é custo insignificante, mínimo, bagatela. «Não vale dez réis de mel coado,» diz-se nas *Infermidades da Língua*, 140.

Parece á primeira vista que é como se se atendesse á *quantidade* de mel equivalente em preço a dez-réis, e ainda assim passada pelo coador. Uma lambarice sem préstimo!

Mas não é bem assim. O mel, e demais o mel filtrado, apresenta alguma coisa preciosa ainda que em quantidade mínima. Para as apreciações de valor usa a linguagem popular expressões várias em que entram coisas de provada inutilidade prática: *não vale um cigarro, um cacacol, um fósforo*, etc., e moedas mínimas ou depreciadas: *não va-*

ler cinco-réis furados, um pataco, um pataco falso, um chavo, um chavo galego, uma tuta e meia (macuta e meia), etc.

A estes exemplos se junta *dez-réis de mel coado*.

De mel coado? Evidentemente, não. Em algumas das expressões acima ha, sobre a insignificancia da moeda, a sua depreciação por defeito ou ilegalidade: *cinco réis furados* (e ainda: *partidos ao meio*), *um pataco falso*, etc. Aqui ha o defeito de cunhagem: *dez-réis mal coados*, isto é, mal fundidos, mal vasados; falsos, enfim,

Ferro coado era o ferro fundido ou vasado, como vem nos textos clássicos: «pelouros de ferro coado». Perdida ou quase obliterada esta acepção de *coado*, e suposta a de «passar (liquidados) por coador», naturalmente, ou mesmo como causa primordial da alteração, *mal* transformou-se em *mel* e daí *dez-réis de mel coado* por *dez-réis mal coados* (*mal fundidos, mal feitos*—«falsos»).

Negar a pés juntos

Negar ou *afirmar a pés juntos* é «negar, ou afirmar, com insistencia, com firmêsa,» como quem *não arreda pé* da sua resolução e está seguro do que diz. Em esp. «*a pies juntillos*.»

A expressão a *pés juntos* indica «estabilidade firmêsa, decisão,» porque *arredar pé* é «dar-se por vencido ou convencido, descurar o negócio.» E' o sentido com que aparece nos clássicos como na *Ulisipo* (IV, VI):

«Por onde estou *aos pés juntos* no que devo é lei de bõ Christão & bõ Portugues.»

O sentido natural de «estabilidade» aparece em outros passos. Na *Eufrosina*:

«antes de dois meses somos aqui com vosco a *pés juntos*»

i-é «com demora, permanentemente.»

Outras expressões em que entra, na mesma relação semântica, a palavra *pé*, dão a mesma ideia de firmêsa: *fizer pé*, *fazer pé atrás*, *fazer finca-pé*, *pôr os pés á parede*, etc.

Na *Ulisipo* aparece ainda uma expressão mais característica: *estar de pés e cabeça* (num assunto):

«Bom vai o negocio e a minha corva está naquilo de pés & cabeça.»

[III, I.]

Figuradamente *saltar a pés juntos* sobre qualquer coisa é «desprezar conveniências, deveres

ou interesses com firmesa e decisão para se conseguir determinado fim.»

Por dá cá aquela palha

Dá cá aquela palha é o motivo fútil, o incidente de escassíssima importancia de que se servem os que buscam provocar questão, ás vezes com razões bem diversas mas reservadas.

Já o diz Camões no *Filodemo*:

«Logo parece moça brigo-sa que por dá cá aquelas palhas dará e tomará quatro espaldeiradas...»

[acto V, scena II].

E Jorge Ferreira, na *Eufrosina*

«por dá cá aquela palha vos deshonrão...»

[acto II, scena III].

Palha, como o fr. *paille*, o esp. *paja*, o it. *paglia*, é tomado no sentido de «coisa sem préstimo, sem valor,»--o mesmo que «nada»,--na linguagem popular.

Assim se diz tambem no *Filodemo*:

«diga o que quizer a gente tudo terei numa palha.»

[acto IV, sc. IV.]

E no *Auto da Festa*, de Gil Vicente:

«Que os homens verdadeiros
não são tidos nũa palha.
Os que são mexeriqueiros,
mentirosos, lisongeiros,
esses vencem a batalha.»

Tambem na *Ulisipo*

«do meu eu vos prometo
que uma palha não ajão.»

[acto V, sc. I]

Homem de palha é o «borra-
botas; desclassificado; pussilâni-
me»:

«Sabeis que cousa he dis-
crição sem inteireza, homem
de palha!»

[*Eufrosina*, 27]

No fr. *homme de paille*,
homme sans valeur ou sans ca-
ractère» (*Larousse*), e no it. *uomo
di paglia* «vale uomo finto per
ingannare e deludere altrui» (*Vo-
cabolario degli Accademici della
Crusca*).

No mesmo caso estão as
expressões—*não valer uma pa-
lha, não dar uma palha* (por
qualquer coisa), como lá se diz
na *Eufrosina*

«Mais vos digo, senhor,
que não dou pelo vosso di-
reito aquela palha...»

[acto V, sc. VII]

ou como no espanhol, de Enci-
na:

«Todas no valen dos pa-
jas.»

[*Teatro*]

—*não levantar, não mover, não
mexer uma palha*, que indicam a
indolência, a preguiça, a inacção
de alguém.

Por convergência de sentido
o *fumo* ou *lume de palha* é o «ar-
dor ou zelo de palavras ou
acções que pouco duram; coisa
sem importancia»:

«E ouvi como está delica-
do o conto porque não falo
a lume de palhas.»

[*Ulisipo*, III, VI.]

Assim no fr. *feu de paille*:
«ardeur, zèle, empressement qui
dure aussi peu que durerait un
feu fait avec de la paille» (*La-
rousse*), no it. *fuoco di paglia*,
«si dice di Cosa che duri poco»
(*Voc. degli Acad. della Crusca*)
e no esp. *lumbre de pajas*»
(*Teatro de Encina*, pag. 11).

Palha é pois a «coisa sem
valia.» Provocar questão a pre-
texto do pedido de uma palha—
por dá cá aquela palha, mostra
intenção reservada, génio asso-
madiço ou condição ruim.

Tomar ou tirar a palha

Tomar ou *tirar a palha*
ou *a palhinha*, e ainda *travar pa-
lha*, é o mesmo que «motejar,

escarnecer, impeticar,» como vem no *Anatômico Jocosos*:

«tirando a palhinha com todos... estavam os albardeiros tirando palha com todos...»

[ed. *Bibl. Univ.*, 17 e 27]

E na *Eufrosina*

«com tudo aconselharvos hia a não travardes palha comigo, que não soffro duas em colo.»

[Prólogo].

Do «jogo» ou «sorte da palha» que era jogo de azar e consistia em reunir duas palhas de diverso comprimento, cujas extremidades desiguais se escondiam na mão oferecendo-se as outras ao palpite do contendor, veio a expressão *tomar a palha*.

Tomar a palha era relegar ao acaso a arbitragem de uma contenda que às vezes consistia no direito de primazia, e, de tal conceito, se veio extensivamente a aplicar a expressão aos que a sorte favorecia nesta prova decisiva.

Daí considerar-se o *tomar a palha* como condição de superioridade de situação, derivando-se naturalmente para um conceito de «sagacidade, perspicácia e *finura*» pouco vulgares, atribuídas a todo o jogador *que sempre ganha*.

E' este último sentido que, a meu ver, explica certos comparativos como *fino como um alambre* ou *como um coral*, entendendo-se que o *alambre* e o *coral* teem a propriedade de, electrizados pela fricção, atrair os objectos muito leves—*tomar as palhas*, enfim.

Quem *toma as palhas* é *fino* (=sagaz, esperto), daí o comparativo.

Cfr. a expressão *tam fino que toma as palhas*, aplicada aos que revelavam perspicácia e es-
per-teza pouco vulgares.

«tendes os espíritos mui grosseiros e os meus tomão a palha de finos...»

[*Eufrosina*, I, 1]

Fino, tomado em tal sentido na expressão, não deixou contudo em certos momentos de conservar o seu significado próprio de «delgado, pouco espesso», apresentando a característica de um significado duplo, como nestes versos do *Cancioneiro Geral*:

«Deve trazer cranynhola

.....

tam fyna que tomas palhas...»

[ed. da Univ. I, 174]

i-é, «de tecido *finissimo*.» Usou o poeta a intensidade da expressão, em que *fino* aparece na acepção «sagaz».

Mas não pára por aqui a evolução realmente curiosa deste conceito. A «finura, esperteza, sagacidade» não raras vezes se aliam à «astúcia e velhacaria» porque o velhaco é sempre um espertalhão de assobio, e no jogo da *palha* como na *roleta* ou na *pedida* ha sempre finórios que entrujam e engarampam os sócios, mangando solertemente dos pichotes.

Daí o *tirar a palha* ou a *palhinha*, *travar palha* (*travar*=«tirar». Cp. *travar da espada*) no sentido de «escarnecer, mo-tejar».

No *argot*, *paille* ou *pailon*=*tromperie au jeu* (Larousse); «*infidélité [en amour]*» (A. Bruant. *L'Argot au XX siècle*, s. V. INFIDÉLITÉ.)

Tirar ou *tomar as palhas por alguém* é vir em seu auxílio e desforço, como se se quisesse correr o risco da sorte na prova da *palha* para garantir a imuni-dade do contendor,—substituí-lo na questão, é evidente.

Recordo-me de ter lido al-gures que *palhas* está aqui em lugar de *páreas*. Não sei a razão nem me parece necessária.

O NOVO DICIONÁRIO dá a *pá-reas* a acepção de «desagravo, satisfação,» usada em Turquel, *tomar páreas a alguém*. Regis-ta-a nas acepções supostamente filiadas no lat. *parere*.

Cf. a expressão anterior, mais conhecida.

Duma cana

Do indivíduo valente, ousa-do, com energia para cometi-mentos pouco vulgares, e ainda das coisas excelentes, se diz que são *duma cana*.

A expressão não parece mui-to antiga nem anterior ao sécu-lo XIX. Não se me deparou em nenhum escritor, desde a época de seiscentos até Camilo, e ne-nhum dicionário a regista.

E' porem popularíssima ho-je. Na *Corja* escreveu Camilo:

«... atirar-lhe muita tai-pa com o seu rijo pulso
d'uma cana.»

Duma cana, afinal, não é uma imagem muito feliz nem apropriada, porque a valentia, ideia primordial, não pode sim-bolizar-se no caule fragilíssimo de uma planta. Apesar de mo-derna, a expressão representa já a deturpação de outra muito mais expressiva, talvez de ori-gem brasilica.

Macana é uma espécie de clava de guerra usada pelos sel-vagens das Américas do sul e central. E' palavra de origem mexicana que os dicionários port. e esp. registam com esta prosódia: *macáña*. O *Novo Dic.*,

fundando-se em Beaurepaire—Rohan, escreve *macaná*.

Macana ou *macaná* e ainda *macaná*, pela acentuação das vogais no sutaque brasileiro, justifica o sentido de formação da expressão: *de macana*, i-é, «aguerriado; forte, vigoroso, que tem as qualidades de resistência ou a utilidade combativa da *macana*.»

A fantasia popular, já dentro da deturpação provocada pela consonância e pelo desconhecimento do vocábulo americano, criou o arredondamento: *de uma cana só*, e a forma burlêsca *de uma canêta*, que tem o mesmo sentido.

Engulir a pilula

Se ha expressões populares cujo sentido originário é hoje difícil, senão impossível, determinar, outras ha que atravessaram os tempos conservando a simplicidade da sua formação, quer por não terem sofrido as multiplas alterações que actuaram sobre outras, quer por corresponderem a usos e costumes ainda vulgares hoje.

Neste caso está a expressão *engulir a pilula* que é o mesmo que «acreditar, ou fingir acreditar, numa mentira; determinar-se a fazer uma coisa, embora

com repugnancia.» Já o dizia Filinto:

«.. calar-se, *engulir a pírola* estudar os classicos..»

A expressão tem equivalentes, com igual sentido, no fr.: *avaler la pilule*, e no esp.: *tragar la pildora*.

Na velha farmacopeia as pímulas desempenharam papel importante como remédios heróicos. Pelo seu sabôr amargo e repugnante, pelo aspecto pouco agradável, em geral, tornavam-se para o doente quase um sacrificio.

O costume de doirar ou pratear as pímulas, e ainda de as cobrir de pòs, ou confeitá-las, tinha, além da vantagem de as conservar e impedir que aderissem entre si, o fim de as tornar agradáveis á vista e ao paladar do paciente que assim engulia a mixórdia sob uma falsa aparência de gulosina.

Daqui o sentido da expressão *doirar a pilula* (fr.: *dorer la pilule*, esp.: *dorar la pildora*), que é «tornar agradável, por artificio, uma coisa, que excita a repugnancia.»

Disse o P.^e João de Lucena na *Vida de S. Fr. Xavier*:

«.. por doce que seja a doutrina da correição sempre he *pírola dourada*.»

[Liv. 9, cap. 7]

E Rodriguez Lobo, nas *Obras*, (cit. do Dic. de Moraes, 9.^a ed.):

«... *dourando a pirola* de sua dissimulada tenção...»

[fol. 108]

E é assim, depois de *doirada*, que se *engole a pilula* facilmente, acreditando-se, ou fingendo-se acreditar, no logro.

Palavras finais

Os breves ensaios que aí ficam reproduzidos, com levíssima alteração da matéria e redacção primitivas, pecam pelos defeitos inherentes a todos os trabalhos de preparação.

Não me parece porém que os estudos e investigações desta natureza estejam tam adeantados entre nós que possam desde já dispensar a contribuição destes apontamentos e rejeitar sem discussão todas as conjecturas que formulei sobre a origem e evolução semântica de vários provérbios, ditados e locuções.

Depois de iniciada, esteve esta reprodução interrompida por dois anos. Durante este período teria talvez ocasião de preencher lacunas e emendar desacertos. Não m'o permitiram a impossibilidade de remodelar artigos já impressos e a conveniencia de conservar o caracter primitivo destes simples ensaios.

A revisão deixou passar muitas imperfeições da estampa e outras. Não valerá a pena corrigir as primeiras e anotar as segundas. O critério do leitor o fará, ao mesmo tempo que fôr ocorrendo às deficiencias e concertando os desacertos.



ÍNDICE

	Col.		Col.
Preâmbulo	5	Lábia	93
Amolar as palanganas	91	Levar coiro e cabelo	147
Andar em bolandas	78	Mais vale um gosto	24
Aqui (D')!	125	Mal (o) e o bem	69
Assobiar ás botas	169	Maria (uma) -da-fonte	71
Bugiar. Vá bugiar!	134	Matabicho	106
Botica. De tudo, como na botica	166	Molhar a palavra	89
Calado como um pêto	104	Mulher e navio	118
Casa da mãe Joana	132	Na água da cal	113
Cativa! Catixa!	121	Não ha mais Flandres	152
Chegar a roupa ao coiro	145	Não conhecer flamengos	158
Chucha (à) calada	40	Não é com duas razões	33
Como o outro que diz	66	Não estar católico	48
Copo-de-água	110	Não fazer farinha	171
Costas quentes	16	Negar a pés juntos	174
Custa (à) da barba longa	83	Nem chuz nem buz	28
Dadas fazem mal ao peito	130	Nem uma nem duas	31
Dar trela	164	Pau (um) por um olho	43
Deitar as mãozinhas de fora	98	Pintar a manta	10
Despedir-se à francêsa	52	Por dá cá aquella palha	179
Dez-réis de mel coado	173	Quem lhe doi o dente	69
Dizer a idade	74	Quem tem capa	14
Dois dêdos	100	Quer não!	122
Dôr de cotovêlo	142	Quantos fazem dez	150
Duas (às) por três	38	Rota (de) batida	71
Engulir a pilula	183	São mais as nozes	137
Enquanto se capa	81	Segredo da abelha	20
Escuro como um prego	71	Sete	127
Estalo (De)!	125	Tal é o diabo como sua mãe	144
Estar à uma e às duas	33	Tomar ou tirar a palha	178
Estar com a carinha n'água	162	Untar as mãos	86
Falar português	59	Vasconço	63
Fazer cêra	22	Vêê-lo vai	76
Honra e proveito	69	Ver-se grêgo	51
Joelho queimado	23	X P T O (De)	136

